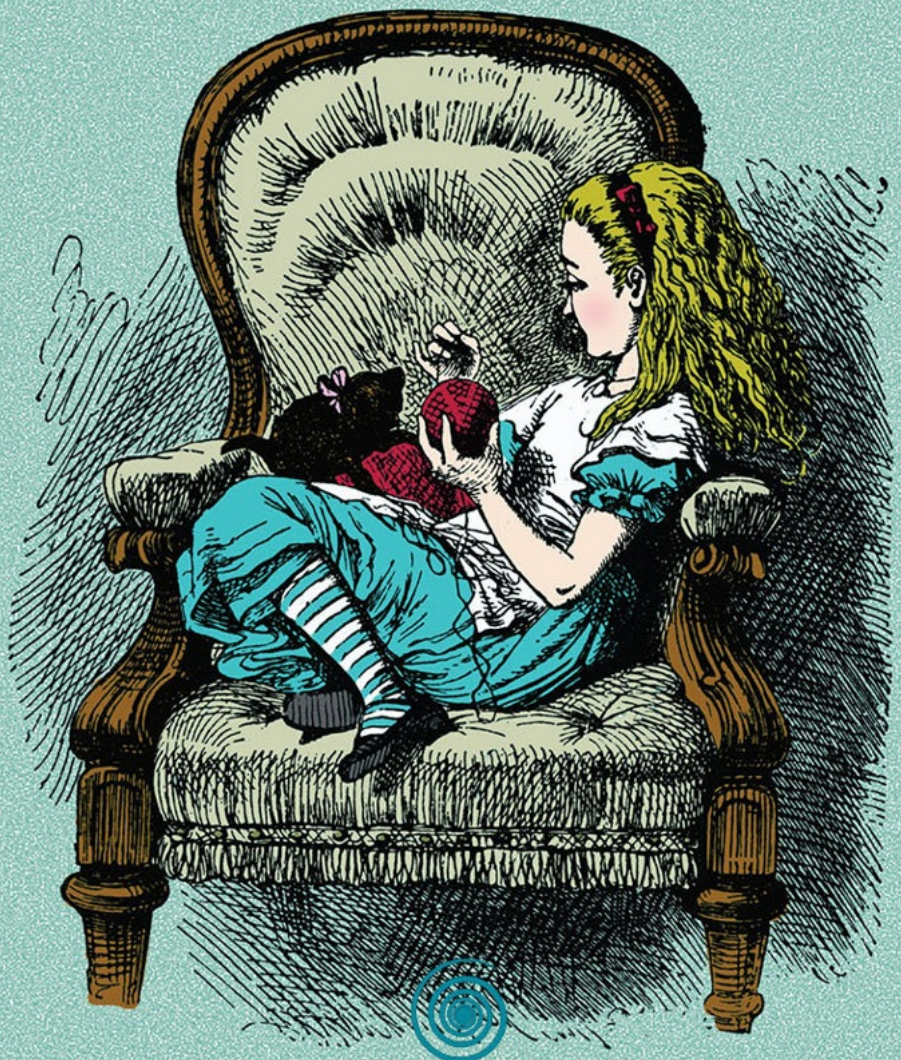
Alice

ATRAVÉS DO ESPELHO E O QUE ELA ENCONTROU LÁ

Lewis Carroll

ILUSTRAÇÕES DE JOHN TENNIEL



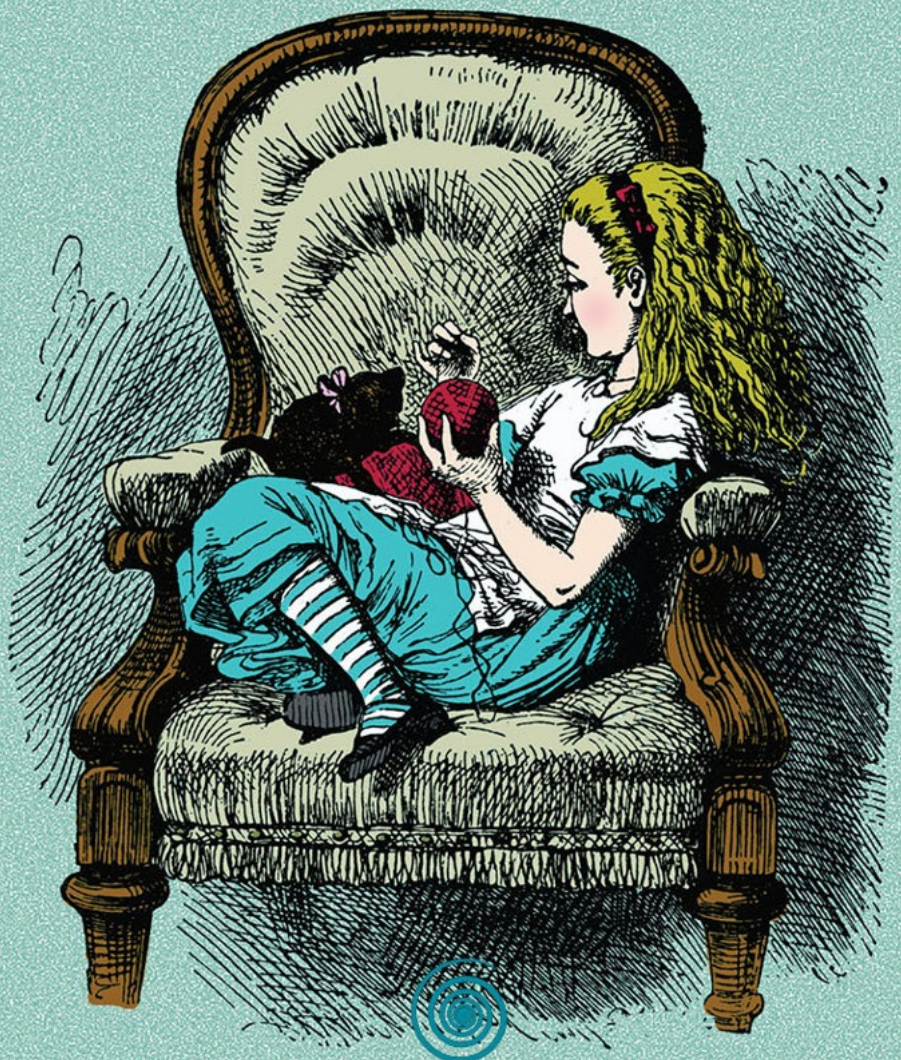
CRONOS

Alice

ATRAVÉS DO ESPELHO E O QUE ELA ENCONTROU LÁ

Lewis Carroll

ILUSTRAÇÕES DE JOHN TENNIEL



CRONOS

Alice

ATRAVÉS DO ESPELHO E O QUE ELA ENCONTROU LÁ

Lewis Carroll

ILUSTRAÇÕES DE JOHN TENNIEL

Tradução:
Sarah Pereira

CHRONOS

Todos os direitos reservados

Copyright © 2020 by Editora Pandorga.

Direção Editorial:	Silvia Vasconcelos
Produção Editorial:	Equipe Editora Pandorga
Tradução:	Sarah Pereira
Preparação:	Jéssica Gasparini Martins
Revisão:	Gabriela Gomes Peres
Diagramação:	Cristiane Saavedra | Saavedra Edições
Capa:	Lumiar Design
Ilustração:	John Tenniel

Todos os direitos reservados e protegidos pela lei 9.610 de 19/02/1998. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros. Os direitos morais do autor foram declarados.

Esta obra literária é ficção. Qualquer nome, lugares, personagens e incidentes são produto da imaginação do autor. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, eventos ou estabelecimentos é mera coincidência.

Texto de acordo com as normas do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

(Decreto Legislativo nº 54, de 1995)

VITAL

DIREITOS CEDIDOS PARA ESTA EDIÇÃO À EDITORA PANDORGA

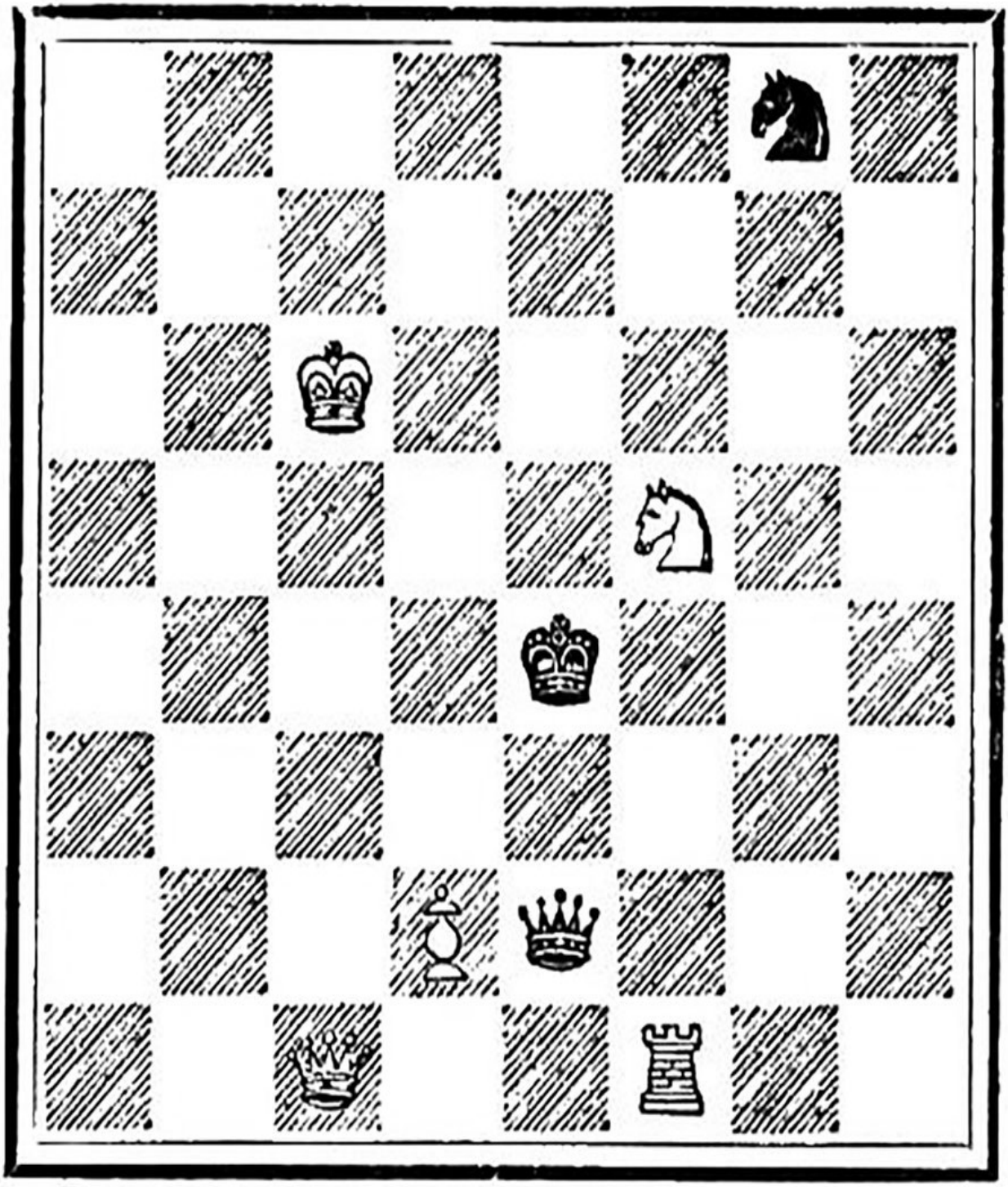
www.editorapandorga.com.br

Prefácio do autor

Visto que o problema do xadrez, apresentado na página seguinte, intrigou alguns dos meus leitores, pode ser bom explicar que ele foi corretamente resolvido, no que diz respeito às jogadas. A alternância de vermelho e branco talvez não seja tão estritamente observada quanto poderia ser, e o “enrocar” das três rainhas é apenas uma forma de dizer que entraram no palácio; no entanto, qualquer um que se esforçar para definir as peças e jogar os movimentos conforme as instruções perceberá que o “xeque” do Rei Branco na jogada 6, a captura do Cavaleiro Vermelho na jogada 7 e o “xeque-mate” do Rei Vermelho estão estritamente de acordo com as leis d o jogo.

Dezembro, 1896.

RED.



WHITE.

SUMÁRIO

Capa

Folha de Rosto

Ficha Catalográfica

Prefácio do autor

CAPÍTULO I: A casa do espelho

CAPÍTULO II: O jardim das flores vivas

CAPÍTULO III: Os insetos do Espelho

CAPÍTULO IV: Tweedledum e Tweedledee

CAPÍTULO V: Lã e água

CAPÍTULO VI: Humpty Dumpty

CAPÍTULO VII: O Leão e o unicórnio

CAPÍTULO VIII: “É minha própria invenção”

CAPÍTULO IX: Rainha Alice

CAPÍTULO X: Chacoalhando

CAPÍTULO XI: Acordando

CAPÍTULO XII: Quem sonhou?

Curiosidades

Confira nossos lançamentos

Pandorga

O Peão Branco (Alice) vai jogar e vencer em onze lances:

1: Alice encontra a Rainha Vermelha.

2: Alice atravessa a 3ª Casa da Rainha (de trem) e chega à 4ª Casa da Rainha (Tweedledum e Tweedledee).

3: Alice encontra a Rainha Branca (de xale)

4: Alice passa à 5ª Casa da Rainha (loja, rio, loja)

5: Alice passa à 6ª Casa da Rainha (Humpty Dumpty)

6: Alice passa à 7ª Casa da Rainha (floresta)

7: Cavaleiro Branco toma do Cavaleiro Vermelho

8: Alice passa à 8ª Casa da Rainha (coroação)

9: Alice torna-se Rainha

10: Alice dá um banquete

11: Alice toma a Rainha Vermelha e vence

Lances da Rainha

1: Rainha Vermelha passa à 4ª Casa da Torre do Rei

2: Rainha Branca passa à 4ª Casa do Bispo da Rainha (em busca do xale)

3: Rainha Branca passa à 5ª Casa do Bispo da Rainha (e se torna ovelha)

4: Rainha Branca à 8ª Casa do Bispo do Rei (deixa o ovo na prateleira)

5: Rainha Branca passa à 8ª Casa do Bispo do Rainha (fugindo do Cavaleiro Vermelho)

6: Cavaleiro Vermelho passa à 2ª Casa do Rei (xeque)

7: Cavaleiro Branco passa à 5ª Casa do Bispo do Rei

8: Rainha Vermelha passa à casa do Rei (exame)

9: As rainhas rocam

10: Rainha Branca passa à 6ª Casa da Rainha Vermelha

Criança de fronte pura e límpida

E olhos sonhadores de admiração!

Ainda que o tempo voe,

E a vida nos imponha separação

Teu sorriso amoroso aparecerá ao ser legada

Com esse presente de um conto de fadas.

Não vi seu rosto ensolarado

Nem ouvi o seu riso exagerado:

Nenhum pensamento em mim será encontrado

Na sua jovem vida a seguir...

O suficiente para não sumir,

Para ouvir o meu conto de fadas.

Uma história iniciada em outros dias,

Quando os sóis de verão estavam brilhando...

Um carrilhão simples, que serviu ao tempo

O ritmo do nosso remo

Cujos ecos ainda vivem na memória,

Embora anos invejosos diriam "esqueça".

Venha, ouça, antes a voz do pavor,

Que as notícias amargas carregadas,

Convocará para cama indesejada

Uma donzela amargurada!

Somos apenas crianças mais velhas, querida,

Quem se preocupa em encontrar a hora de dormir.

Sem, a geada, a neve ofuscante,

A loucura temperamental do vento da tempestade...

Lá dentro, o brilho do fogo da lareira de verdade

E o ninho de alegria da infância.

As palavras mágicas devem conter o jejum:

Não ouvirás a explosão delirante.

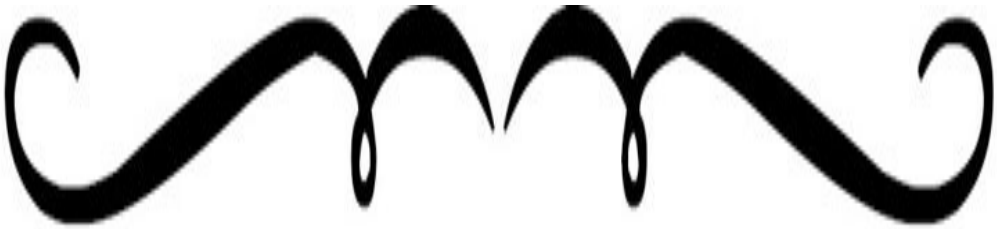
E, embora a sombra de um suspiro

Pode tremer através da história,

Para feliz glória de verão...

Não deve tocar, com a sombra de um suspiro

O prazer do nosso conto de fadas.



CAPÍTULO I

A casa do espelho

Uma coisa era certa: a gatinha branca não tinha nada a ver com isso; a culpa era inteiramente da gatinha preta. Pois nos últimos quinze minutos a gatinha branca vinha sendo limpa pela velha gata (e aguentanto muito bem, considerando tudo); então percebe-se que não poderia ter feito nenhuma est ripulia.

Dinah limpava o rosto dos filhotes da seguinte forma: primeiro, usava uma das patas para segurar o pobre coitado pela orelha, e depois, com a outra, esfregava-lhe a cara toda do lado contrário, a começar pelo focinho. E agora, como disse, estava se dedicando arduamente na gatinha branca, que estava deitada quietinha e tentava ronronar – certamente sentindo que tudo aquilo era para o seu bem.

Mas a gatinha preta havia sido limpa no início da tarde. Assim, enquanto Alice estava aconchegada em um canto da poltrona, meio conversando consigo mesma e meio adormecida, a gatinha brincava com a bola de lã que Alice tentara enrolar, e rolava para cima e para baixo, até que tudo se desfizesse novamente. E lá estava o novelo de lã no tapete da lareira, cheia de nós e emaranhados, com a gatinha correndo atrás de sua própria cauda.

— Oh, sua coisinha malvada! — exclamou Alice, pegando a gatinha e dando-lhe um beijo para que entendesse que estava encrencada. — Oras, a Dinah deveria ter lhe ensinado boas maneiras! Você deveria mesmo, Dinah, sabe disso! — acrescentou com o tom mais irritado que conseguiu reunir e lançou um olhar reprovador para a gata velha. Depois voltou para a poltrona, levando a gatinha e a lã consigo, e voltou a enrolar em bola novamente. Mas fez tudo de forma lenta, pois conversava o tempo todo, às vezes com a gatinha e às vezes consigo mesma. A gatinha sentou-se no joelho recatadamente, fingindo observar o progresso do enrolamento, e vez ou outra estendia uma pata e tocava a bola suavemente, dando a entender que teria prazer em ajudar, se pudesse.

— Sabe que dia é amanhã, Kitty? — começou Alice. — Teria adivinhado se estivesse na janela comigo, mas Dinah estava limpando você, então não teve jeito. Eu estava assistindo aos garotos levando os gravetos para a fogueira. E quantos gravetos, Kitty! Só que ficou tão frio e nevou tanto que tiveram que parar. Não se preocupe, Kitty, que iremos ver a fogueira amanhã.

Então Alice enrolou duas ou três voltas da lã no pescoço da gatinha, apenas para ver como ficaria. Isso causou um alvoroço, e o novelo rolou pelo chão e vários

metros se desenrolaram.

— Sabe, eu estava com tanta raiva, Kitty — prosseguiu Alice assim que se acomodaram confortavelmente de novo —, quando vi todas as travessuras que você estava fazendo. Eu estava prestes a abrir a janela para colocá-la na neve! E você teria merecido, sua criaturinha bagunceira! O que tem a dizer como desculpa? Agora, não me interrompa! — continuou, levantando um dedo. — Vou lhe contar todas as suas falhas. Número um: você reclamou duas vezes enquanto Dinah limpava seu rosto esta manhã. Não, não pode negar, Kitty, eu escutei! O que me diz? — (Fingindo que a gatinha estava falando). — A pata dela entrou nos seus olhos? Bem, a culpa é sua, por manter os olhos abertos. Se os tivesse fechado com força, isso não teria acontecido. Agora, chega de desculpas. Apenas me escute! Número dois: você puxou a Floco de Neve pelo rabo, assim que coloquei o pires de leite diante dela! Você estava com sede? Como sabe que ela também não estava? Agora, para o número três: você desenrolou toda a lã enquanto eu não estava olhando!

“São três falhas, Kitty, e ainda não foi punida por nenhuma delas. Você sabe que estou guardando todos os seus castigos para quarta-feira desta semana. Imagine só se tivessem guardado todos os meus castigos! — falou mais consigo mesmo do que com a gatinha. — O que fariam ao fim de um ano? Acho que, quando o dia chegasse, eu deveria ser mandada para prisão. Ou... deixe-me ver... imagine que cada punição fosse ficar sem jantar. Então, quando esse horrível dia chegasse, eu teria que ficar sem cinquenta jantares de uma vez! Bem, não deveria me importar tanto! Prefiro ficar sem eles do que comê-los!

“Está ouvindo a neve contra as vidraças, Kitty? Que som mais suave e agradável! Como se alguém estivesse beijando a janela do lado de fora. Gostaria de saber se a neve ama as árvores e os campos, já que os beija tão gentilmente? E então os cobre de forma tão confortável, sabe, com uma colcha branca; e talvez diga: ‘Durmam, queridos, até o verão voltar’. E quando acordam no verão, Kitty, vestem-se de verde e dançam sempre que o vento sopra. Oh, isso é tão bonito! — exclamou Alice, largando o novelo de lã para bater palmas. — E desejo tanto que seja verdade! Tenho certeza de que a floresta parece sonolenta no outono, quando as folhas estão ficando marrons.

“Kitty, você consegue jogar xadrez? Ora, não sorria, minha querida, porque estou perguntando a sério. Pois, quando estávamos jogando agora, você observou como se entendesse; e quando eu disse ‘Xeque!’, você ronronou! Bem, foi um bom xeque, Kitty, e realmente poderia ter vencido, se não fosse por esse Cavaleiro desagradável que veio perambular entre minhas peças. Kitty, querida, vamos fazer de conta que...” — E aqui eu gostaria de poder contar metade das coisas que Alice costumava dizer, começando com sua frase favorita: “Vamos fazer de conta”. Ela tivera uma longa discussão com a irmã no dia anterior – tudo porque Alice começou com “Vamos fazer de conta que somos reis e rainhas”, e sua irmã, que gostava muito de ser precisa, argumentou que não podiam, porque eram apenas duas. Por fim, restou a Alice dizer: “Bem, você pode ser uma delas que serei o resto”. E uma vez ela realmente assustara a antiga babá, gritando subitamente em seu ouvido: “Babá! Vamos fazer de conta que sou uma hiena esfomeada e você é uma carcaça”.

Mas isso está nos desviando do discurso de Alice para a gatinha:

— Vamos fazer de conta que você é a Rainha Vermelha, Kitty! Sabe, se você se sentasse e cruzasse os braços, seria igualzinha a ela. Agora tente, minha querida! — E Alice tirou a Rainha Vermelha da mesa e colocou-a diante da gatinha para que servisse como modelo. Não teve muito sucesso, no entanto; principalmente, disse Alice, porque a gatinha não cruzava os braços do jeito certo. Então, para puni-la, segurou-a em frente ao Espelho, para que visse o quanto estava carrancuda...

“E se não consertar essa cara — acrescentou ela —, faço você atravessar pela Casa do Espelho. O que acha disso?

“Bem, se ficar comportada, sem falar, lhe contarei todas as minhas ideias sobre a Casa do Espelho. Primeiro, há a sala que você pode ver através do vidro. É igual à nossa sala de estar, só que as coisas ficam para o outro lado. Posso ver tudo isso quando me sento em uma cadeira – tudo exceto a parte de trás da lareira. Oh! Eu bem queria ver esse pedaço! Quero muito saber se eles a acendem no inverno. Nunca dá para saber, a menos que nosso fogo esfumace, e então a fumaça aparece naquela sala também. Mas isso pode ser apenas fingimento, só para dar impressão que acenderam o fogo. Bem, então os livros têm alguma semelhança com os nossos, mas as palavras estão invertidas. Sei disso porque segurei um dos nossos livros em frente ao espelho e eles seguraram um na outra sala.

“Você gostaria de morar na Casa do Espelho, Kitty? Será que lá lhe dariam leite? Talvez leite de espelho não seja bom para beber. Mas oh, Kitty! Agora chegamos ao corredor. Você pode espiar um pouquinho do corredor da Casa do Espelho, se deixar a porta da nossa sala bem aberta. É bem parecido com o nosso, até onde se pode ver, mas pode ser diferente mais adiante. Oh, Kitty! Que bom seria se pudéssemos entrar na Casa do Espelho!

Tenho certeza de que tem coisas tão bonitas, oh, sim! Vamos fazer de conta que existe uma forma de entrar nela, Kitty. Vamos fazer de conta que o espelho ficou macio como uma neblina, para podermos atravessá-lo. Ora, está se transformando em uma espécie de névoa! Vai ser bem fácil atravessar...”Ela estava em cima da cornija da lareira enquanto dizia isso, embora não fizesse ideia de como havia ido parar lá. E, certamente, o espelho estava começando a derreter, como uma névoa prateada e brilhante.

No instante seguinte, Alice passara através do espelho e saltara para a sala da Casa do Espelho. A primeira coisa que fez foi verificar se havia fogo na lareira, e ficou bastante satisfeita ao descobrir que havia um fogo real, brilhando tão intensamente quanto o que ela deixara para trás. “Então ficarei tão aquecida aqui quanto era na antiga sala”, pensou Alice; “mais aquecida, na verdade, porque não haverá ninguém aqui para me levar para longe do fogo. Ah, será divertido quando me virem aqui através do vidro e não conseguirem me pegar!”

Então começou a olhar ao redor e percebeu que o que podia ser visto na sala antiga era bastante comum e desinteressante, mas que todo o resto era o mais diferente possível. As fotos na parede ao lado da lareira, por exemplo, pareciam estar vivas, e o próprio relógio sobre a cornija (você sabe que só pode ver o fundo dele no espelho) tinha o rosto de um velhinho, e sorriu para ela.

“Eles não mantêm esse cômodo tão arrumado quanto o outro”, pensou Alice, ao notar várias peças de xadrez jogadas entre as cinzas da lareira. Porém, em outro momento, com um pequeno “Oh!” de surpresa, ela se ajoelhou para observá-las. As peças de xadrez estavam andando, de duas em duas!

— Aqui estão o Rei Vermelho e a Rainha Vermelha — disse Alice em um sussurro, por medo de assustá-los. — E ali estão o Rei Branco e a Rainha Branca sentados na beira da pá. E aqui estão duas Torres andando de braços dados. Não acho que possam me ouvir — continuou ela, aproximando-se —, e tenho quase certeza de que não podem me ver. Sinto como se estivesse invisível...

Então, algo começou a guinchar na mesa atrás de Alice, e a menina virou a cabeça bem a tempo de ver um dos Peões Brancos rolar e começar a chutar. Observou-o atentamente, pois estava curiosa para ver o que aconteceria a seguir.

— É a voz da minha filha! — gritou a Rainha Branca e passou correndo pelo Rei com tanta pressa que o derrubou entre as cinzas. — Minha preciosa Lily! Minha gatinha imperial! — E começou uma subida alvoroçada pela lateral do guarda-fogo.

— Patetice imperial! — exclamou o Rei, esfregando o nariz, que havia machucado na queda. Ele tinha o direito de ficar um pouco irritado com a Rainha, visto que estava coberto de cinzas da cabeça aos pés.

Alice estava ansiosa por ser útil e, quando a pobrezinha da Lily estava a ponto de ter uma crise de tanto berrar, passou a mão na Rainha e rapidamente a depositou sobre a mesa junto de sua filhinha escandalosa.

A Rainha arfou e sentou-se: a rápida viagem pelo ar havia lhe tirado o fôlego e, por um minuto ou dois, ela não pôde fazer nada além de abraçar a pequena Lily em silêncio. Assim que recuperou o fôlego, chamou o Rei Branco, que estava sentado entre as cinzas, com a cara emburrada:

— Cuidado com o vulcão!

— Que vulcão? — quis saber o Rei, lançando um olhar ansioso para a lareira, como se achasse que era o lugar mais provável para encontrar um.

— Ele... me... assoprou... — ofegou a Rainha, que ainda estava um pouco sem fôlego. — Cuidado na hora de subir... do jeito normal... não seja assoprado!

Alice observou enquanto o Rei Branco se debatia lentamente de barra em barra, até que ela finalmente disse:

— Ora, desse jeito levará horas e horas para chegar em cima da mesa. Seria muito melhor se eu o ajudasse, não acha? — Mas o Rei não prestou atenção à pergunta. Ficou claro que ele não podia vê-la ou ouvi-la.

Então Alice o pegou com muita delicadeza e o ergueu mais devagar do que havia levantado a Rainha, para que ele não perdesse o fôlego. Antes de colocá-lo na mesa, contudo, pensou que poderia muito bem espaná-lo um pouco, pois estava coberto de cinzas.

Mais tarde, ela contou que, em toda a sua vida, nunca havia visto uma expressão como a que o Rei fez ao se ver suspenso no ar por uma mão invisível que o espanava. Ele ficou surpreso demais para gritar, mas seus olhos e sua boca foram ficando cada vez maiores, cada vez mais redondos, até que a mão de Alice tremia tanto com a gargalhada que ela quase o deixou cair no chão.

— Oh, por favor, não faça essas caras, meu querido! — gritou, esquecendo-se de que o Rei não podia ouvi-la. — Você me fez rir tanto que mal consigo segurá-lo! E não fique com a boca tão aberta! Entrará cinzas... Pronto, agora acho que está arrumado o suficiente! — acrescentou enquanto lhe alisava os cabelos e o colocava sobre a mesa, bem ao lado da Rainha.

O Rei tombou de costas de imediato, e continuou perfeitamente imóvel. Alice ficou um pouco alarmada com o que fizera percorreu o cômodo para ver encontrava água para jogar nele. Porém, não encontrou nada além de um tinteiro e, quando voltou, percebeu que o Rei havia se recuperado e conversava com a Rainha em um sussurro assustado – tão baixo que Alice mal podia ouvir o que diziam.

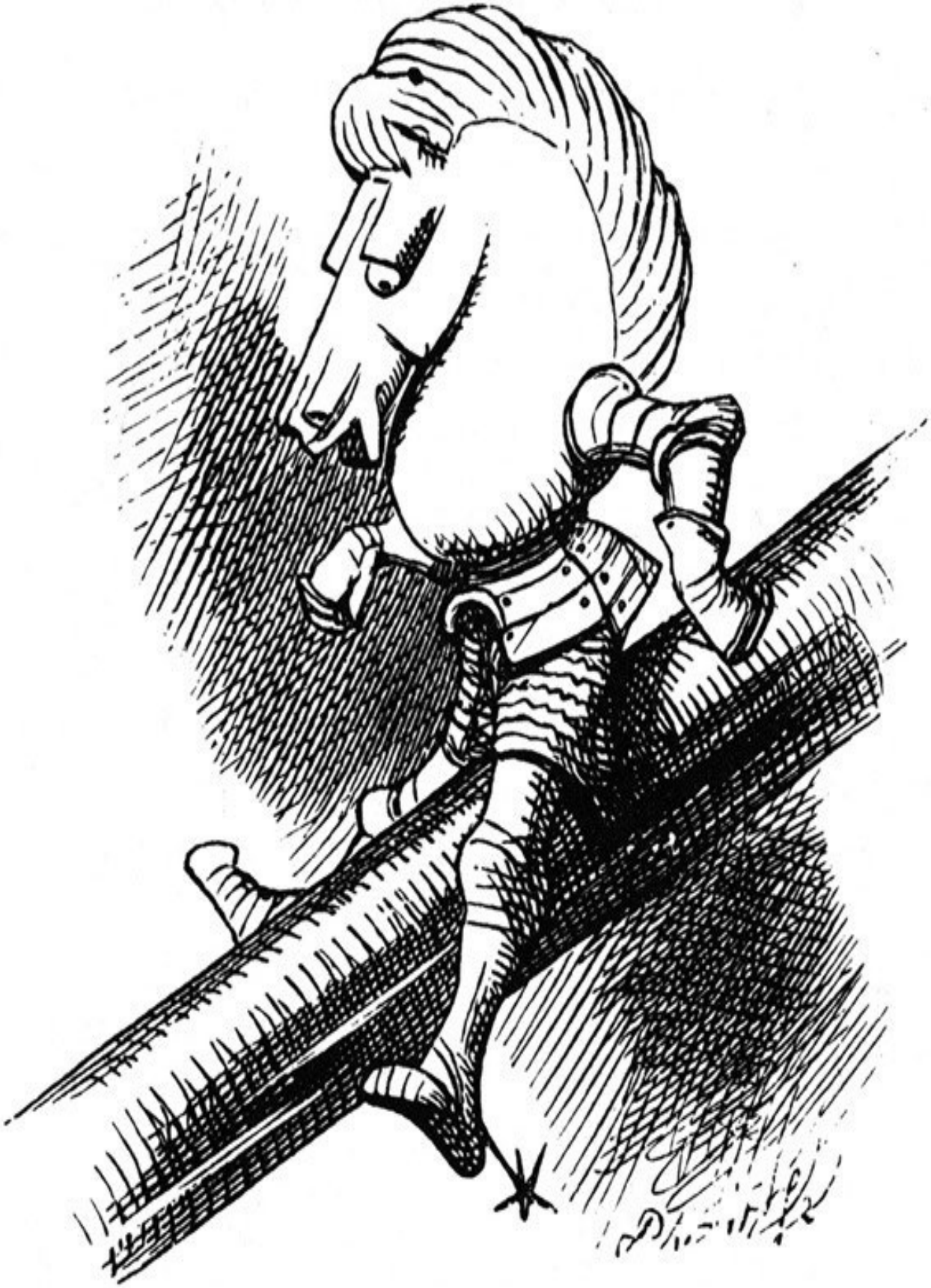
O Rei estava dizendo:

— Garanto-lhe, minha querida, que fiquei gelado até a ponta dos meus bigodes!

Ao que a Rainha respondeu:

— Você não tem bigodes.

— O horror daquele momento — continuou o Rei. — Eu nunca, nunca esquecerei!



— Mas vai esquecer — falou a Rainha —, a menos que anote.

Alice olhou com grande interesse quando o Rei tirou um enorme livro do bolso e começou a anotar. De repente, ocorreu-lhe uma ideia e ela segurou a ponta do lápis, que ultrapassava o ombro do Rei, e começou a escrever por ele.

O pobre Rei pareceu intrigado e infeliz, e lutou com o lápis por um tempo sem dizer nada. Alice, porém, era forte demais para ele, que por fim ofegou:

— Minha querida! Realmente preciso pegar um lápis menor. Não consigo controlar este... escreve todo tipo de coisas que não pretendo...

— Que tipo de coisas? — perguntou a Rainha, espiando o livro (no qual Alice havia escrito: “O Cavaleiro Branco está escorregando pelo atiçador. Ele se equilibra muito mal”). — Isso não é uma anotação dos seus sentimentos!

Havia um livro sobre a mesa, perto de Alice, e enquanto observava o Rei Branco (pois ainda estava um pouco ansiosa em relação a ele, e estava pronta a jogar-lhe a tinta, caso ele desmaiasse novamente), folheou as páginas para encontrar uma parte que pudesse ler, “pois está tudo em algum idioma que não conheço”, disse para si mesma.

Era assim:

ETRADAUGAJ

setnagerrocse soded so e, ozitnahlirb are omoC

sadnosrep e savac as oriG

sevogorob so marof sodnacimim sodoT

arepus omom o E.

Ela ficou intrigada por um tempo, mas, por fim, teve uma ideia brilhante:

— Ora, é um livro de espelho, é claro! E se eu o segurar em frente a um espelho, todas as palavras seguirão a ordem certa de novo.

Este foi o poema que Alice leu:

JAGUADARTE

Como era brilhantizo, e os dedos escorregantes

Giro as cavas e persondas;

Todos mimicandos foram os borogoves,

E o momo supera.

"Cuidado com o Jaguadarte, meu filho!"

Os maxilares que mordem, as garras que fincam!

Cuidado com o pássaro Jubjub e evite

O frenético Capturandam!

Ele pegou sua espada vorpal na mão:

Faz tempo que o inimigo manxome que ele procurava...

Então ele descansou perto da árvore Tumtum,

E ficou um pouco em pensamento.

vO Jaguadarte com olhos de fogo,

Veio soprando através da madeira tulgey,

E borbulhou como veio!

Um, dois!! Um, dois!! E através e através

A lâmina vorpal deu um risinho de riso!

O deixou morto e com a cabeça

E voltou em disparada.

‘E mataste a Jaguadarte?

Venha para os meus braços, meu garoto radiante!

Ó dia fabrioso! Calloh! Callay!

Ele riu de alegria.

Como era brilhantizo, e os dedos escorregantes

Giro as cavas e persondas;

Todos mimicandos foram os borogoves,

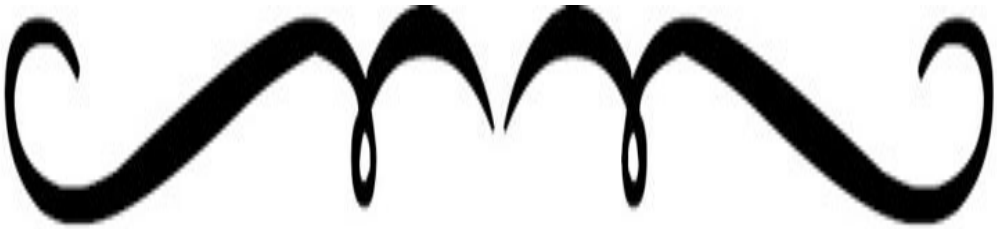
E o momo supera.

— Parece muito bonito — comentou ao terminar —, mas é um pouco difícil de entender! — (Veja bem, ela nunca gostou de confessar, nem para si mesma, que não conseguiu entender nada.) — De alguma forma, parece encher minha cabeça com ideias... mas não sei exatamente quais são! Porém, alguém matou alguma coisa; isso está evidente, de qualquer forma...

“Mas, oh!”, pensou Alice, pulando de súbito, “se não me apressar, terei que

voltar pelo Espelho, antes de ver como é o resto da casa! Vou dar uma olhada no jardim primeiro!”.

Em questão de segundos, ela saiu da sala e desceu correndo as escadas – não exatamente correndo, mas uma forma que havia inventado para descer as escadas de maneira rápida e fácil, como Alice disse a si mesma. Manteve apenas as pontas dos dedos no corrimão e flutuou suavemente sem sequer tocar as escadas com os pés; então flutuou pelo corredor e teria ido direto para a porta da mesma maneira, se não tivesse agarrado o batente da porta. Estava ficando um pouco tonta com isso tudo, e sentiu-se bastante feliz ao se encontrar andando da maneira natural novamente.



CAPÍTULO II

O jardim das flores vivas

“Vou conseguir ver o jardim muito melhor”, disse Alice para si mesma, “se puder chegar ao topo daquela colina. E aqui está um caminho que leva direto a ela... pelo menos... não, não, faz isso”. (Depois de percorrer alguns metros ao longo do caminho e virar várias vezes). “Mas suponho que levará no fim das contas. Mas como são curiosas todas essas voltas! Parece mais um saca-rolhas do que um caminho! Bem, acho que essa curva vai para a colina... Não, não! Vai direto para a casa! Bem, então tentarei ir pelo outr o lado”.

E foi o que fez: vagou para cima e para baixo, tentou curva após curva, mas sempre voltava para a casa, independentemente do que fizesse. De fato, uma vez, quando fez uma curva mais rapidamente do que o normal, ela acabou trombando com a casa antes que pudesse evitar.

— Não adianta falar sobre isso — declarou Alice, olhando para casa e fazendo de conta que estava discutindo com ela. — Ainda não vou entrar novamente. Sei que deveria passar pelo espelho de novo, de volta à antiga sala, e esse seria o fim de todas as minhas aventuras!

Então, deu as costas para a casa de forma decidida e partiu mais uma vez pelo caminho, determinada a seguir em frente até chegar à colina. Tudo correu bem por alguns minutos, e ela acaba de dizer “Vou conseguir desta vez”, quando o caminho deu uma reviravolta repentina e se sacudiu (como ela descreveu depois), e no momento seguinte ela se viu entrando na porta.

— Oh, que pena! — choramingou. — Nunca vi uma casa tão intrometida assim! Nunca!

No entanto, lá estava a colina, à vista, então não havia nada a ser feito a não ser recomeçar. Dessa vez, deparou-se com um canteiro de flores grandes, com uma borda de margaridas e um salgueiro crescendo no meio.

— Ó Lírio-tigre! — chamou Alice, dirigindo-se a uma flor que balançava graciosamente com o vento. — Gostaria que pudesse falar!

— Nós podemos — respondeu o Lírio-tigre —, quando há alguém com quem valha a pena falar.

Alice ficou tão abismada que permaneceu um minuto em silêncio. Quase parecia

que perdera o fôlego. Por fim, enquanto o Lírio-tigre continuava apenas tremulando, ela falou novamente, com uma voz tímida, quase em um sussurro:

— E todas as flores podem falar?

— Tão bem quanto você — respondeu o Lírio-tigre. — E muito mais alto.

— Seria rude de nossa parte começar, sabe — falou a Rosa —, e realmente estava me perguntando quando você falaria! Disse comigo: “O semblante dela lembra alguma coisa, apesar de não ser inteligente!”. Ainda assim, você é da cor certa, e isso ajuda bastante.

— Não me importo com a cor — comentou o Lírio-tigre. — Se apenas as pétalas dela se enrolassem um pouco mais, ela ficaria bem.

Alice não gostou nada de ser criticada, então começou a fazer perguntas:

— Às vezes não sentem medo de ficar plantados aqui sem ninguém para cuidar de vocês?

— Tem a árvore no meio — respondeu a Rosa. — Para que mais ela serve?

— Mas o que ela poderia fazer se surgisse algum perigo? — contrapôs Alice.

— Pode chorar bem alto e pedir socorro — respondeu a Rosa.

— É por isso que é chamado de salgueiro-chorão! Não sabia disso? — exclamou uma Margarida, o que fez todos começaram a gritar juntos, até o ar ficar cheio de vozes estridentes.

— Silêncio, todos vocês! — ordenou o Lírio-tigre, balançando-se apaixonadamente de um lado para o outro e tremendo de agitação. — Eles sabem que não posso alcançá-los! — Ofegou, inclinando a cabeça trêmula em direção a Alice. — Ou não ousariam fazer isso!

— Não importa! — disse Alice em um tom suave. Inclinou-se para as margaridas, que estavam começando de novo, e sussurrou: — Se não se calarem, eu as colherei!

Logo se fez silêncio e várias margaridas rosas ficaram brancas.

— Está certo! — disse o Lírio-tigre. — As margaridas são as piores de todas. Quando uma fala, todas se intrometem, e fazem balbúrdia suficiente para deixar alguém murcho!

— Como é que você podem conversar tão bem? — quis saber Alice, esperando melhorar seu humor com um elogio. — Já estive em muitos jardins antes, mas nenhuma das flores conseguia falar.

— Abaixe-se e sinta o solo — pediu o Lírio-tigre. — Então saberá o motivo.

Alice obedeceu.

— É muito duro — falou —, mas não vejo o que uma coisa tem a ver com a outra.

— Na maioria dos jardins, eles tornam as camas muito macias para que as flores estejam sempre adormecidas — explicou o Lírio-tigre.

Parecia uma razão muito boa, e Alice ficou bastante satisfeita em saber disso.

— Nunca pensei nisso antes! — comentou ela.

— Na minha opinião, você nunca pensa — a Rosa interferiu em um tom bastante severo.

— Eu nunca vi alguém tão estúpido — falou a Violeta de forma tão repentina que Alice deu um pulo, já que a flor ainda não havia falado até o momento.

— Fique quieta! — bradou o Lírio-tigre. — Como se já tivesse visto alguém! Você mantém a cabeça embaixo das folhas e fica roncando até não saber mais o que está acontecendo no mundo! Parece um botão!

— Há mais pessoas nesse jardim além de mim? — questionou Alice, escolhendo não levar em conta a última observação da Rosa.

— Há uma outra flor no jardim que pode andar, assim como você — respondeu a Rosa. — Eu me pergunto como você faz isso... (“Você está sempre perguntando”, o Lírio-tigre interpôs), mas ela é mais folhuda do que você.

— Ela é como eu? — perguntou Alice ansiosamente, porque o pensamento

passou por sua cabeça: “Há outra garotinha em algum lugar nesse jardim!”.

— Bem, ela tem a mesma forma estranha que você — observou a Rosa —, mas é mais vermelha... e acho que as pétalas dela são mais curtas.

—Tem as pétalas mais fechadas, quase como uma dália — interrompeu o Lírio-tigre. — Não são tombadas como as suas.

— Mas isso não é culpa sua — acrescentou a Rosa com gentileza. — Você está começando a murchar, sabe... e então não podemos evitar que as pétalas fiquem um pouco desarrumadas.

Alice não gostou nada dessa ideia. Então, para mudar de assunto, perguntou:

— Ela costuma vir aqui?

— Ouso dizer que a verá em breve — respondeu a Rosa. — Ela é do tipo espinhosa.

— Onde ela usa os espinhos? — quis saber Alice, um pouco curiosa.

— Ora, em volta da cabeça, é claro — respondeu a Rosa. — Fiquei admirada de você não ter espinhos também. Pensei que era o padrão.

— Ela está vindo! — bradou a Esporinha. — Estou ouvindo seu passos, tumb, tumb, tumb, no cascalho!

Alice olhou em volta ansiosamente e descobriu que era a Rainha Vermelha. “Ela cresceu bastante!”, foi sua primeira observação. E realmente tinha crescido. Quando Alice a encontrou nas cinzas, tinha apenas sete centímetros de altura. Agora, aqui estava ela, meia cabeça mais alta que a própria Alice!

— É o ar fresco que faz isso — explicou a Rosa. — O ar aqui fora é maravilhoso.

— Acho que vou recebê-la — declarou Alice, pois, embora as flores fossem bastante interessantes, achou que seria muito mais grandioso conversar com uma rainha de verdade.

— Você não pode fazer isso — observou a Rosa. — Devo aconselhá-la a seguir

outro caminho.

Isso não fazia sentido, então Alice não disse nada, mas partiu imediatamente em direção à Rainha Vermelha.

Para sua surpresa, ela a perdeu de vista num instante, e se viu entrando pela porta da frente mais uma vez.

Um pouco irritada, Alice afastou-se e, depois de procurar por todo lugar pela rainha (a quem finalmente avistou a grande distância), pensou que, desta vez, tentaria o plano de caminhar na direção oposta.

Foi um sucesso. Não caminhou nem um minuto antes de encontrar-se frente a frente com a Rainha Vermelha e com uma visão completa da colina que estava mirando havia tanto tempo.

— De onde você veio? — perguntou a Rainha Vermelha. — E para onde está indo? Olhe para cima, fale direito e não mexa os dedos tanto assim.

Alice acatou todas essas instruções e explicou, da melhor forma possível, que havia perdido o seu caminho.

— Não sei o que quer dizer com seu caminho — a Rainha falou. — Todos caminhos por aqui pertencem a mim... mas por que você veio aqui? — acrescentou em um tom mais gentil. — Faça uma reverência enquanto pensa no que dizer. Economiza tempo.

Alice pensou um pouco sobre isso, mas estava muito admirada com a rainha para não acreditar. “Vou tentar quando voltar para casa”, pensou ela. “Da próxima vez que estiver um pouco atrasada para o jantar”.

— Agora é hora de me responder — declarou a Rainha, olhando para o relógio. — Abra mais um pouco a boca quando falar, e sempre diga “Vossa Majestade”.

— Eu só queria ver o jardim, Vossa Majestade...

— Está certo — a Rainha aceitou, dando-lhe um tapinha na cabeça, e Alice não gostou nada disso. — Mas o que você chama de “jardim” parece um matagal se comparado aos jardins que já vi.

Alice não se atreveu a argumentar, mas continuou:

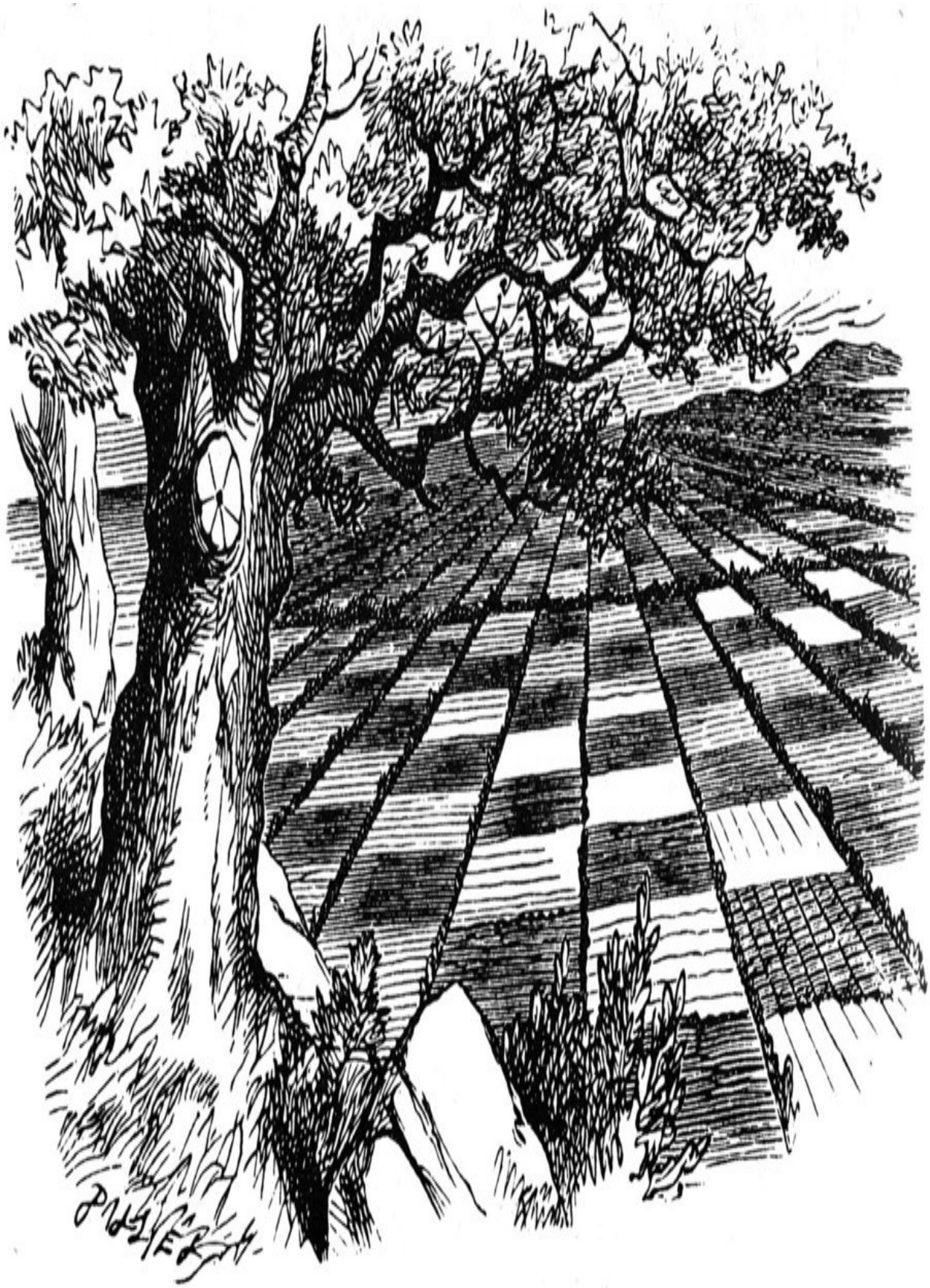
— ... e pensei em tentar seguir caminho até o topo daquela colina.

— O que você chama de “colina” — a Rainha interrompeu —, parece um vale se comparado às colinas que posso lhe mostrar.

— Não, não pareceria — retrucou Alice, surpresa por finalmente contradizê-la. — Uma colina não pode ser um vale, você sabe. Isso seria um absurdo...

A Rainha Vermelha meneou a cabeça:

— Você pode chamar de “absurdo” se quiser — declarou —, mas já ouvi absurdos que fariam este parecer tão sensato quanto um dicionário!



Alice fez uma reverência novamente, pois temia, pelo tom da Rainha, que a tivesse ofendido. Elas seguiram em silêncio até chegar ao topo da pequena colina.

Alice ficou em silêncio por alguns minutos, olhando em todas as direções do lugar – e que lugar curioso era esse. Havia vários pequenos riachos correndo de um lado para o outro, e o solo entre eles era dividido em quadrados por várias pequenas cercas-vivas, que iam de riacho a riacho.

— Percebo que está marcado como um grande tabuleiro de xadrez — disse Alice por fim. — Deveria haver algumas peças se movendo em algum lugar... e estão lá! — acrescentou, encantada, e seu coração começou a acelerar de emoção enquanto prosseguia. — É um grande jogo de xadrez que está sendo jogado... em todo o mundo... se esse é o mundo, você sabe. Oh, que divertido! Como eu gostaria de ser um deles! Não me importaria de ser um Peão, desde que pudesse participar, embora, é claro, seria melhor ser a Rainha.

Ela olhou timidamente para a verdadeira rainha enquanto dizia isso, mas sua companheira apenas sorriu agradavelmente e falou:

— Isso é fácil de providenciar. Você pode ser o Peão da Rainha Branca, se desejar, já que a Lily é jovem demais para jogar, e você já está na Segunda Casa. Quando chegar à Oitava Casa, será uma Rainha... — Nesse exato momento, sabe-se lá como, elas começaram a correr.

Mais tarde, ao lembrar-se de tudo, Alice nunca conseguiu entender como começaram. Tudo de que se lembra é que estavam correndo de mãos dadas, e a Rainha foi tão rápida que era difícil acompanhá-la. Mesmo assim, a Rainha não parava de gritar:

— Mais rápido! Mais rápido!

Mas Alice sentia que não podia ir mais rápido, apesar de não ter fôlego para dizer isso.

A parte mais curiosa era que, por mais rápida que fosse, as árvores e as outras coisas ao redor nunca mudavam de lugar, e nunca parecia que elas ultrapassavam nada. “Será que todas as coisas vão junto conosco?”, pensou Alice, intrigada. E a

Rainha pareceu adivinhar seus pensamentos, pois gritou:

— Mais rápido! Não tente conversar!

Não que Alice tivesse alguma intenção de fazer isso. Sentia como se nunca fosse ser capaz de falar novamente, pois estava bastante sem fôlego, e mesmo assim a Rainha gritava:

— Mais rápido! Mais rápido! — e a arrastava consigo.

— Estamos chegando? — perguntou Alice, ofegante.

— Quase lá! — exclamou a Rainha. — Ora, passamos por lá dez minutos atrás! Mais rápido! — E continuaram em silêncio por um tempo, com o vento assobiando nos ouvidos de Alice e, imaginou ela, quase lhe arrancando os cabelos.

— Vamos! Vamos! — exclamou a Rainha. — Mais rápido! Mais rápido! — E foram tão depressa que pareciam deslizar pelo ar, mal tocando o chão com os pés, até que de repente, quando Alice estava ficando exausta, pararam, e ela se viu sentada no chão, sem fôlego e com vertigem.

A Rainha a apoiou contra uma árvore e disse gentilmente:

— Pode descansar um pouco agora.

Alice olhou ao redor com grande surpresa.

— Ora, acredito que estávamos debaixo desta árvore o tempo todo! Tudo está como era!

— É claro — concordou a Rainha. — O que você esperava?

— Bem, em nossa terra — explicou Alice, ainda um pouco ofegante —, se você correu muito rápido por um longo tempo, como temos feito, geralmente se chega a outro lugar.

— Uma terra do tipo lento! — exclamou a Rainha. — Agora, aqui, veja bem, são necessárias todas as corridas que puder executar para permanecer no mesmo lugar. Se você quiser chegar a outro lugar, deve correr pelo menos duas vezes

mais rápido do que isso!

— Prefiro não tentar, por favor! — implorou Alice. — Estou muito contente em ficar aqui. Só que estou com tanto calor, e sede!

— Sei do que você gostaria! — falou a Rainha de forma amável, tirando uma caixinha do bolso. — Aceita um biscoito?

Alice pensou que não seria educado recusar, embora não fosse o que queria. Então, o pegou e comeu da melhor maneira possível. Estava muito seco, e ela pensou que nunca estivera tão engasgada em toda a sua vida.

— Enquanto está se recuperando — disse a Rainha —, farei só as medições. — E ela tirou uma fita do bolso, marcada em centímetros, e começou a medir o chão, enfiando pequenos pinos aqui e ali. — Ao fim de dois metros — comentou, colocando o prego de madeira para marcar a distância —, lhe darei suas instruções. Quer outro biscoito?

— Não, obrigada — respondeu Alice. — Um é o suficiente!

— Matou a sede, acredito? — perguntou a Rainha.

Alice não sabia como responder a isso, mas, felizmente, a Rainha não esperou por uma reposta e prosseguiu.

— Ao fim de três metros, eu os repetirei, pois temo que os esqueça. Ao fim de quatro, direi adeus. E, ao fim de cinco, eu irei!

Ela já havia fincado todos os pinos, e Alice observou com grande interesse quando ela voltou à árvore e depois começou a andar lentamente pela fileira.

No pino de dois metros, olhou em volta e explicou:

— Um peão anda duas casas no primeiro movimento, você sabe. Então, você passará muito rapidamente pela Terceira Casa, de trem, acredito, e se encontrará na Quarta Casa em pouco tempo. Bem, essa casa pertence a Tweedledum e Tweedledee. A Quinta Casa é principalmente água, e a Sexta pertence a Humpty Dumpty. Não tem nenhuma observação para fazer?

— Eu... não sabia que tinha que fazer uma... neste instante — Alice vacilou.

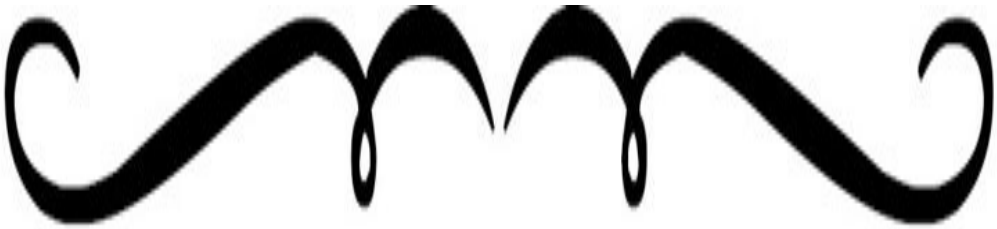
— Deveria ter dito: “É extremamente gentil da sua parte me contar tudo isso”. Todavia, vamos supor que tenha dito. A Sétima Casa é só floresta. No entanto, um dos Cavaleiros mostrará o caminho. E na Oitava Casa, seremos Rainhas juntas, e aí é tudo festa e diversão!

Alice se levantou, fez uma reverência e voltou a se sentar.

No pino seguinte, a Rainha virou-se novamente e, desta vez, disse:

— Fale em francês quando não conseguir pensar em alguma coisa em inglês... mostre os dedos dos pés enquanto caminha... e lembre-se de quem você é! — Dessa vez, ela não esperou que Alice fizesse uma reverência, e caminhou rapidamente até o próximo pino, onde virou-se por um momento para dizer “adeus”, e então correu até o último pino.

Como isso aconteceu, Alice nunca soube, mas no momento em que chegou ao último pino, ela se foi. Se desapareceu no ar ou se correu rapidamente para a floresta (“e ela pode correr muito rápido!”, pensou Alice), não havia como saber, mas ela se foi, e Alice começou a se lembrar de que era uma Peão, e que logo seria a hora de ela se movimentar.



CAPÍTULO III

Os insetos do Espelho

É claro que a primeira coisa a fazer era pesquisar sobre a terra pela qual viajava. “É como aprender geografia”, pensou Alice, enquanto ficava na ponta dos pés, na esperança de poder ver um pouco mais. “Rios principais... não há nenhum. Montanhas principais... estou na única, mas não acho que tenha nome. Cidades principais... o que são essas criaturas produzindo mel lá embaixo? Não podem ser abelhas – ninguém nunca foi capaz de enxergar abelhas a dois quilômetros de distância, você sabe...” e por algum motivo, ela ficou em silêncio, observando uma delas, que se agitava entre as flores, ficando-lhes o probóscide, “como se fosse uma abelha comum”, penso u Alice.

Aquilo, porém, era tudo menos uma abelha comum: na verdade, era um elefante – como Alice logo descobriu, embora a ideia tenha lhe deixado atônita a princípio. Seu próximo pensamento foi: “Devem ser flores enormes! Como cabanas sem o teto, e com hastes... e que quantidade de mel devem produzir! Acho que vou descer e... não, ainda não”, continuou, impedindo-se no momento em que começava a descer a colina, tentando encontrar uma desculpa por ter ficado tão tímida de repente. “Nunca é bom ficar entre eles sem um bom galho para afastá-los. E como será divertido quando me perguntarem se gostei da minha caminhada. Eu direi: ‘Ah, gostei muito’ (aqui deu sua pequena sacudida de cabeça favorita), ‘só que estava tão quente e empoeirado, e os elefantes incomodaram demais!’”

— Acho que vou descer pelo outro lado — falou depois de uma pausa. — E talvez eu possa visitar os elefantes mais tarde. Além disso, quero chegar logo na Terceira Casa!

Então, com essa desculpa, desceu a colina e saltou sobre os seis primeiros riachos.

— Passagens, por favor! — pediu o Guarda, colocando a cabeça na janela.

Em um momento, todos estavam segurando passagens. Tinham o mesmo tamanho das pessoas e pareciam encher os vagões.

— Vamos lá! Mostre-me sua passagem, criança! — continuou o Guarda, lançando um olhar furioso para Alice. E muitas vozes gritaram juntas (“como o refrão de uma música”, pensou Alice):

— Não o deixe esperando, criança! Ora, o tempo dele vale mil libras por minuto!

— Receio não ter passagem — respondeu Alice, em um tom assustado. — Não havia bilheteria de onde vim.

E, novamente, o coro de vozes continuou:

— Não havia espaço de onde ela veio. A terra vale mil libras por centímetro!

— Não dê desculpas! — interpôs o Guarda. — Deveria ter comprado uma do maquinista!

E mais uma vez o coro de vozes continuou:

— O homem que aciona o motor. Ora, só a fumaça vale mil libras por baforada!

Alice pensou consigo mesma: “Então não adianta nada falar!”. As vozes não se uniram nesse momento, pois ela não havia se expressado, mas, para sua grande surpresa, todos pensaram em coro (espero que você entenda o que significa pensar em coro, pois devo confessar que eu não entendo). “É melhor não dizer nada. A linguagem vale mil libras por palavra!”

“Vou sonhar com mil libras hoje à noite, sei que vou!”, pensou Alice.

Todo esse tempo, o Guarda a olhava, primeiro através de um telescópio, depois através de um microscópio e depois através de um binóculo. Por fim, disse:

— Você está seguindo o caminho errado.

E fechou a janela e foi embora.

— Uma criança tão pequena — observou o cavalheiro sentado à sua frente (ele estava vestido de papel branco) — deve saber para que lado está indo, mesmo que não saiba o próprio nome!

Uma Cabra, que estava sentada ao lado do cavalheiro de branco, fechou os olhos e disse em voz alta:

— Ela deve saber o caminho para a bilheteria, mesmo que não saiba o alfabeto!

Havia um Besouro sentado ao lado da Cabra (era um vagão muito estranho,

cheio de passageiros) e, como parecia que todos deviam falar, ele comentou:

— Ela terá que ir com a bagagem!

Alice não conseguia ver quem estava sentado além do Besouro, mas, em seguida, uma voz falou com rouquidão:

— Trocar de locomotivas — disse, mas foi obrigado a parar.

“Parece um cavalo”, pensou Alice.

Então, uma voz bem baixinha, perto do ouvido dela, comentou:

— Você pode fazer uma piada sobre isso... alguma coisa sobre “cavalão” e “rouquidão”, sabe.

Foi quando uma voz muito gentil ao longe se expressou:

— Ela deve ter a etiqueta: “Menina, com cuidado”, você sabe...

E depois que outras vozes continuaram (“quantas pessoas há nessa carruagem?”, pensou Alice), falando:

— Ela deve ir pelo correio, pois está com a cabeça...

— Ela deve ser enviada como uma mensagem pelo telégrafo...

— Ela deve guiar o trem sozinha pelo resto do caminho...

E assim por diante.

Mas o cavalheiro vestido em papel branco inclinou-se e sussurrou em seu ouvido:

— Não importa o que todos digam, minha querida, mas compre uma passagem de volta sempre que o trem parar.

— De fato, não irei! — falou Alice, um tanto impaciente. — Nem sei o que estou fazendo nessa viagem de trem. Eu estava em um bosque até agora, e queria poder voltar para lá.

— Você pode fazer uma piada sobre isso — disse a pequena voz perto do ouvido dela. — Algo sobre: “Queria, mas não podia”, sabe?

— Para de gracejar assim — proferiu Alice, olhando em vão para ver de onde vinha a voz. — Se está tão ansioso para fazer uma piada, por que não faz uma você mesmo?

A pequena voz suspirou profundamente; era evidente que estava muito infeliz, e Alice teria dito algo para confortá-la, por pena. “Se apenas suspirasse como as outras pessoas!”, pensou. Mas esse foi tão surpreendentemente baixo que ela não teria ouvido se não tivesse suspirado perto de sua orelha. A consequência disso foi que fez cócegas, o que afastou seus pensamentos da infelicidade da pobre criaturinha.

— Eu sei que você é uma amiga — a vozinha continuou. — Uma amiga querida e uma velha amiga. E você não vai me machucar, embora eu seja um inseto.

— Que tipo de inseto? — perguntou Alice com certa ansiedade. O que ela realmente queria saber era se poderia picar ou não, mas pensou que não seria uma pergunta muito educada a se fazer.

— Ora, então você não... — a pequena voz começou, quando foi abafada por um barulho estridente do motor, e todos sobressaltaram-se, alarmados, inclusive Alice.

O Cavalo, que tinha colocado a cabeça pela janela, silenciosamente a recolheu e disse:

— É apenas um riacho que temos que saltar.

***

Todos pareceram satisfeitos com isso, embora Alice estivesse um pouco nervosa com a ideia de trens saltarem. “Contudo, isso nos levará à Quarta Casa, o que é uma coisa boa!”, ela disse para si mesma. Logo em seguida, sentiu o vagão

subindo pelos ares e, em seu pânico, pegou a coisa mais próxima à sua mão, que era a barba da Cabra.

Mas a barba pareceu derreter ao toque, e ela se viu sentada quieta debaixo de uma árvore – enquanto o Pernilongo (pois esse era o inseto com quem estava conversando) estava se equilibrando em um galho logo acima da cabeça dela, lhe abanando com suas asas. Realmente era um pernilongo muito grande, “do tamanho de uma galinha”, pensou Alice. Ainda assim, ela não podia se sentir nervosa com isso, pois já estavam conversando fazia algum tempo.

— Então, você não gosta de todos os insetos? — o Pernilongo prosseguiu calmamente, como se nada tivesse acontecido.

— Gosto deles quando conseguem falar — respondeu Alice. — Nenhum deles consegue falar de onde eu venho.

— De que tipo de insetos você gosta de onde vem? — quis saber o Pernilongo.

— Não gosto de inseto nenhum — explicou Alice —, porque tenho bastante medo de todos eles... pelo menos dos grandes. Mas posso lhe dizer os nomes de alguns tipos.

— É óbvio que atendem pelos nomes? — perguntou o Pernilongo de forma despreocupada.

— Nunca soube que o fizessem.

— Para que servem os nomes deles — observou o Pernilongo —, se não respondem a eles?

— Não servem de nada para eles — falou Alice. — Mas é útil para as pessoas que os nomeiem, imagino. Caso contrário, por que as coisas teriam nomes?

— Não sei dizer — o Pernilongo replicou. — Mais adiante, na floresta lá embaixo, eles não têm nomes. Todavia, continue com sua lista de insetos: você está perdendo tempo.

— Bem, tem a mutuca — começou Alice, contando os nomes nos dedos.

— Certo — concordou o Pernilongo. — No meio do mato você verá uma “mutucavalo”, se olhar bem. É feita inteiramente de madeira e se balança de galho em galho.

— E o que ela come? — perguntou Alice com grande curiosidade.

— Seiva e serragem — respondeu o Pernilongo. — Continue com a lista.

Alice olhou para a mutucavalo com grande interesse e decidiu que deveria ter acabado de ser repintada, pois parecia muito brilhante e pegajosa, então continuou:

— E tem a libélula.

— Olhe para o galho acima da sua cabeça — pediu o Pernilongo —, e encontrará uma Libélula-de-Natal. O corpo é feito de pudim de ameixa, as asas de folhas de azevinho e a cabeça é uma passa flambada em conhaque.

— E ela come o quê?

— Mingau e pastelão de carne — respondeu o Pernilongo. — E faz o ninho em uma caixa de presente de Natal.

— E também há a Borboleta — continuou Alice, depois de ter dado uma boa olhada no inseto com a cabeça em chamas e pensado: “Será que essa é a razão pela qual os insetos gostam tanto de voar até a luz? Porque querem se transformar em Libélulas-de-Natal?”

— Rastejando aos seus pés — apontou o Pernilongo (Alice puxou os pés para trás, um pouco assustada) —, você pode observar um Pão-com-Borboleta. Suas asas são fatias finas de pão com manteiga, seu corpo é uma casca e sua cabeça é um torrão de açúcar.

— E o que ela come?

— Chá fraco com creme.

Um novo problema surgiu na cabeça de Alice:

— E se não conseguir encontrar nada disso? — questionou.

— Então ela morreria, é claro.

— Mas isso deve acontecer com muita frequência — comentou Alice, pensativa.

— Acontece sempre — concordou o Pernilongo.

Depois disso, Alice ficou ponderando em silêncio por um minuto ou dois. Entrementes, o Pernilongo divertia-se cantarolando ao redor de sua cabeça. Por fim, acomodou-se novamente e observou:

— Suponho que não quer perder seu nome?

— Não, realmente não — respondeu Alice, um pouco ansiosa.

— E, no entanto, não sei... — o Pernilongo prosseguiu em um tom despreocupado. — Apenas pense como seria conveniente se você voltasse para casa sem nome! Por exemplo, se a governanta quisesse chamá-la para suas aulas, gritaria “Venha aqui...”, e aí teria que parar, porque não haveria um nome para acrescentar, e é claro que você não precisaria ir, sabe?

— Isso nunca daria certo, tenho certeza — retrucou Alice. — A governanta nunca me dispensaria das aulas por conta disso. Se não conseguisse se lembrar do meu nome, me chamaria de “Senhora!”, como fazem os criados.

— Bem, se ela dissesse “Senhora!” e nada mais — observou o Pernilongo —, é

claro que você perderia as aulas. Era só dizer que estava sem hora para estudar... É uma piada. Gostaria que você a tivesse feito.

— Por que você gostaria que eu a tivesse feito? — questionou Alice. — É uma piada bem ruim.

Mas o Pernilongo apenas suspirou profundamente, enquanto duas lágrimas rolaram por suas bochechas.

— Não deveria fazer piadas — Alice comentou — se isso o deixa tão infeliz.

Então ele deu outro suspiro melancólico e, desta vez, o pobre Pernilongo realmente parecia ter se acabado em lágrimas, pois quando Alice olhou para cima, não havia mais nada para ser visto no galho. Estava começando a sentir frio por ter ficado sentada por tanto tempo, então levantou-se e seguiu em frente. Logo chegou a um campo aberto, com uma floresta do outro lado. Parecia muito mais escura do que a última floresta, e Alice sentiu-se um pouco receosa ao entrar nela. No entanto, pensando bem, ela decidiu continuar, “porque certamente não voltarei”, pensou consigo mesma, e esse era o único caminho para a Oitava Casa.

— Esta deve ser a floresta — disse pensativamente — onde as coisas não têm nomes. Gostaria de saber o que vai acontecer com o meu nome quando entrar? Não gostaria de perdê-lo, porque teriam que me dar outro, e provavelmente seria um feio. Mas se bem que seria divertido tentar encontrar a criatura que teria meu antigo nome! É como aqueles anúncios de quando alguém perde o cachorro: “Responde pelo nome de Dash. Usava uma coleira de latão”. Basta chamar tudo que encontra de “Alice”, até que um deles atenda! Só que não responderiam, se fossem espertos.

Ainda divagava quando alcançou a floresta, que parecia muito fria e sombria.

— Bem, de qualquer forma, é um grande alívio — falou ela, caminhando sob as árvores. — Depois de passar tanto calor, entrar nessa... nessa o quê? — continuou bastante surpresa por não conseguir pensar na palavra. — Quero dizer, embaixo... embaixo... você sabe! — Colocando a mão no tronco da árvore. — Como é que se chama, eu me pergunto? Acredito que não tem nome. Ora, na verdade não tem! — Ponderou em silêncio por um minuto. Então, de repente, começou de novo: — Depois de tudo, realmente aconteceu! E como, quem sou eu? Lembrarei se puder! Estou determinada a lembrar! — Mas estar determinada

não a ajudou muito, e tudo o que pôde dizer, depois de muita confusão, foi: — L, sei que começa com L!

Naquele instante, um jovem Cervo apareceu, e fitou Alice com seus grandes olhos gentis, mas não parecia nem um pouco assustado.

— Venha cá, venha! Venha cá! — Alice chamou quando estendeu a mão e tentou acariciá-lo, mas ele só recuou um pouco e tornou a fitá-la.

— Como se chama? — perguntou o Cervo por fim. — Você tem uma voz doce e suave!

“Gostaria de saber!”, pensou a pobre Alice. Ela respondeu com tristeza:

— Agora, nada.

— Pense de novo — respondeu. — Isso não serve.

Alice pensou, mas nada aconteceu.

— Por favor, você poderia me dizer como se chama? — pediu timidamente. — Acho que pode ajudar um pouco.

— Vou lhe dizer, mas teremos que avançar um pouco mais — declarou o Cervo. — Aqui, não me lembro.

Assim caminharam juntos pela floresta, Alice abraçando com carinho o pescoço macio do Cervo, até que saíram para outro campo aberto. O Cervo deu um salto repentino no ar e se soltou do aperto de Alice.

— Sou um Cervo! — gritou com uma voz de deleite. — Meu Deus! Você é uma criança humana! — Um súbito olhar de alarme apareceu em seus lindos olhos castanhos, e, no momento seguinte, disparou a toda velocidade.

Alice ficou parada olhando, quase às beiras das lágrimas de irritação por ter perdido seu querido companheiro de viagem de forma tão repentina.

— Porém, agora sei meu nome. Isso dá um pequeno alívio. Alice... Alice... não me esquecerei novamente. E agora, quais dessas setas devo seguir? — ela questionou.

Não era uma pergunta muito difícil de responder, pois havia apenas uma estrada que atravessava a floresta, e as duas setas apontavam nessa direção. “Resolverei isso”, pensou Alice, “quando a estrada se dividir e apontar para caminhos diferentes”.

Mas isso não parecia provável de acontecer. Ela seguiu em frente, por um longo caminho, mas onde quer que a estrada se dividisse, havia duas setas apontando para a mesma direção, uma com os dizeres:

SIGA POR AQUI PARA

A CASA DE TWEEDLEDUM

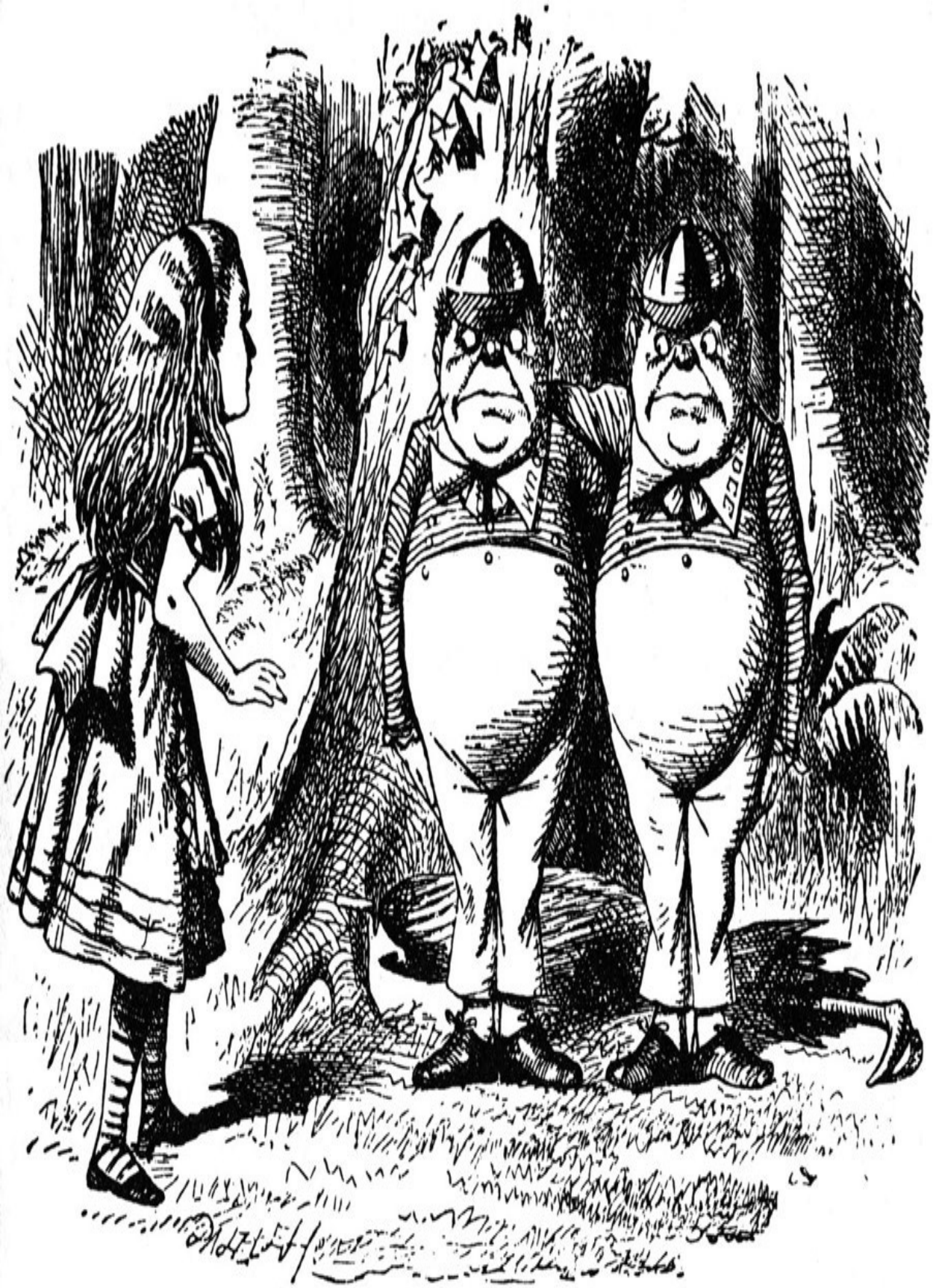
e a outra:

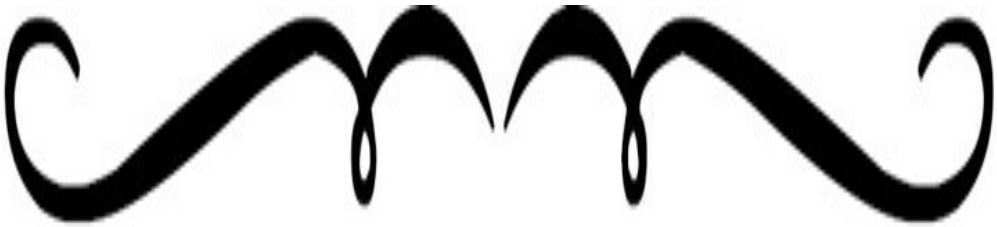
SIGA POR AQUI PARA

A CASA DE TWEEDLEDEE

— Acredito que moram na mesma casa! Como nunca pensei nisso antes... — falou Alice. — Mas não posso ficar lá por muito tempo. Vou chamá-los e perguntar “Como estão?”, e então questiono como saio da floresta. Se eu conseguisse chegar à Oitava Casa antes que escurecesse!

Então ela continuou andando, falando sozinha enquanto seguia, até que, ao fazer uma curva acentuada, trombou tão repentinamente com dois homenzinhos gordos, que não pôde deixar de saltar para trás. Mas, no instante seguinte, se recuperou e teve a certeza de que deviam ser eles.


DEE
DEE



CAPÍTULO IV

Tweedledum e Tweedledee

Eles estavam debaixo de uma árvore, cada um com um braço em volta do pescoço do outro, e Alice logo soube quem era quem, porque um deles tinha “dum” bordado na gola, e o outro tinha um “dee”. “Imagino que cada um tenha “Tweedle” bordado na parte de trás da gola”, disse para si mesma. Eles ficaram tão imóveis que ela esqueceu que estavam vivos e resolveu espiar atrás da gola para ver se a palavra “Tweedle” estava mesmo ali.Então, teve um sobressalto com uma voz que vinha do que estava marcado com o “dum”.

— Se você acha que somos bonecos de cera — falou ele —, deveria pagar, sabe. Os bonecos de cera não foram feitos para serem vistas de graça, de jeito nenhum!

— Por outro lado — acrescentou o rotulado como “dee” —, se acha que estamos vivos, deve falar.

— Tenham certeza de que sinto muito — foi tudo o que Alice pôde dizer, pois as palavras da velha canção continuavam ecoando em sua cabeça como o tique-taque de um relógio, e ela mal podia deixar de dizê-las em voz alta:

Tweedledum e Tweedledee

Concordaram em lutar

Pois Tweedledum, disse Tweedledee,

Seu belo novo chocalho acabara de estragar.

Então surge um corvo, pavoroso e malfadado,

Tão negro quanto um carvão,

O que deixa os heróis tão apavorados,

Que esqueceram a discussão.

— Sei o que está pensando — declarou Tweedledum. — Mas não é assim, de jeito nenhum.

— Pelo contrário — continuou Tweedledee. — Se assim fosse, poderia ser; se fosse assim, seria; mas como não é, não é. Essa é a lógica.

— Estava pensando... — começou Alice educadamente — Qual é a melhor maneira de sair dessa floresta? Está ficando tão escuro. Vocês poderiam me dizer, por favor?

Mas os homenzinhos gordos apenas se entreolharam e sorriram.

Pareciam tanto com dois estudantes gorduchos que Alice não pôde deixar de apontar o dedo para Tweedledum e dizer:

— Primeiro da Classe!

— De jeito nenhum! — gritou Tweedledum rapidamente, e tornou a fechar a boca com um estalo.

— Segundo da Classe! — bradou Alice, passando para Tweedledee, embora tivesse certeza de que apenas gritaria “Pelo contrário!”. E assim ele fez.

— Você se enganou! — exclamou Tweedledum. — A primeira coisa a se fazer em uma visita é dizer: “Como você vai?”, e apertar as mãos! — E então os dois irmãos se abraçaram e estenderam as mãos livres para cumprimentá-la.

Alice não queria apertar a mão de nenhum deles primeiro, por medo de magoar os sentimentos do outro. Então, resolveu a questão da melhor forma possível: apertou as duas mãos de uma vez só. No instante seguinte, estavam dançando em um círculo. Isso pareceu bastante natural (ela lembrou mais tarde), e não ficou surpresa ao ouvir música tocando: parecia vir da árvore sob a qual eles dançavam, e foi produzida (pelo que pôde entender), pelos galhos esfregando um no outro, como violinos e seus arcos.

— Mas certamente foi engraçado — (Alice disse depois, quando contava a história toda à irmã.) — Me ver cantando “Alecrim Dourado”. Não sei quando comecei, mas de certa forma senti como se estivesse cantando havia muito

tempo!

Os outros dois dançarinos eram gordos e logo ficaram sem fôlego.

— Quatro vezes é o suficiente para uma dança — Tweedledum ofegou, e eles pararam de dançar tão subitamente quanto começaram. A música cessou no mesmo instante.

Então soltaram as mãos de Alice e a observaram por um minuto. Houve uma pausa estranha, pois Alice não sabia como iniciar uma conversa com as pessoas com quem estava dançando. “Agora não adiantaria nada perguntar ‘Como vai?’”, ela disse para si mesma. “Parece que o momento ficou para trás!”

— Espero que não estejam muito cansados — disse por fim.

— De forma alguma. E muito obrigado por perguntar — respondeu Tweedledum.

— Muito obrigado mesmo! — acrescentou Tweedledee. — Você gosta de poesia?

— Gosto bastante... de algumas poesias — respondeu Alice, hesitante. — Poderiam me dizer qual estrada devo tomar para sair da floresta?

— O que devo recitar para ela? — perguntou Tweedledee, fitando Tweedledum com grandes olhos solenes, sem dar atenção à pergunta de Alice.

— “A Morsa e o Carpinteiro” é o mais comprido — respondeu Tweedledum, dando um abraço carinhoso no irmão. Tweedledee começou instantaneamente:

O sol estava brilhando...

Foi quando Alice se aventurou a interrompê-lo:

— Se for muito longo — pediu ela o mais educadamente possível —, por favor, diga-me primeiro qual é o caminho.

Tweedledee sorriu gentilmente e começou de novo:

O Sol estava brilhando sobre o mar

Brilhando com todo o seu poder

Ele fez o seu melhor para fazer

Os raios suaves a brilhar...

E isso era estranho, porque

Era bem de noitinha.

A lua estava brilhando emburrada,

Porque pensava ser o sol,

Não tinha por que estar ali

Depois de o dia ter acabado...

"É muito rude da parte dele", ela disse

"Vir acabar com a diversão aqui!"

O mar era molhado, o mais molhado que conseguia ser,

As areias eram tão secas quanto podiam ser.

Não se podia ver uma nuvem,

Porque não havia nuvem para se ver.

Não havia pássaros voando sobre sua cabeça

Porque não havia pássaros para voar.

A Morsa e o Carpinteiro

Estavam andando lado a lado.

Choravam como nada já visto

Tais quantidades de areia,

“Se apenas houvesse um caminho livre”

Eles disseram, “seria excelente!”

“Se as empregadas com sete esfregões,

Varressem por metade de um ano,

“Você vê o propósito disso?”, a Morsa falou,

“De conseguir deixar tudo limpo?”

“Duvido”, respondeu o Carpinteiro,

E derramou uma lágrima amarga.

“Ó Ostras, venham andar conosco!”

A Morsa suplicou.

“Caminhada agradável, conversa encantadora”

Ao longo do mar salgado.

Não podemos fazer com mais de quatro,

Para dar as mãos um para o outro.

A Ostra mais velha olhou para ele,

Mas nunca disse uma palavra,

A Ostra velha piscou para ele,

E balançou a cabeça pesada...

O que quer dizer que ele não escolheu

Deixar sua cama de ostra.

Mas quatro ostras correram com pressa,

Ansiosas por uma festa:

Seus casacos estavam arrumados, e seus rostos lavados,

Seus sapatos estavam limpos e arrumados...

E isso era estranho, porque, você sabe,

Não tinham nenhum pé.

Outras quatro ostras os seguiram

E depois quatro outras,

Vieram arrumadinhas finalmente,

E mais, e mais, e mais...

Todas saltando pelas espumas das ondas,

E pulando de para as costas..

A Morsa e o Carpinteiro

Andaram mais ou menos dois quilômetros

E então descansaram em um rochedo

Convenientemente baixo.

E todas as pequenas ostras levantaram

E em fileiras esperaram.

A Morsa anunciou: “Chegou a hora”

“De sobre várias coisas falar”

“De sapatos... e navios... e lacres...

De repolhos... e reis...

E da causa da quentura do mar...

E se porcos realmente podem voar.

“Mas espere um pouco”, as Ostras clamaram

Antes de nós conversarmos

Porque algumas de nós perdeu o ar,

E todas nós só fizemos engordar

“Sem pressa!”, disse o Carpinteiro

E lhe agradeceram o dia inteiro.

“Um pedaço de pão”, a Morsa disse

É tudo o que se precisa,

Pimenta e vinagre ao lado

São para melhorar o tempero...

Agora, se estiverem prontas, queridas Ostras

Podemos comer o alimento.

Mas não a gente! As Ostras gritaram,

Tornando-se um pouco azuis,

Depois de tanta bondade, isso seria

Um desprezo a ser feito!

A noite está ótima, a Morsa disse

Vai admirar a visão?

Foi muita bondade sua vir aqui!

E você é muito especial!

O Carpinteiro não disse nada além de:

Corte outro pedaço para nós.

Gostaria que não fosse tão surdo...

Porque tive que te gritar duas vezes.

Parece uma vergonha, a Morsa disse,

Enganá-las com tal truque

Após trazê-las de tão longe

Fazê-las trotar tão rápido!

O Carpinteiro não disse nada além de

A manteiga se espalhou muito espessa!

Irei chorar por você, a Morsa disse.

Simpatizo-me profundamente.

Com soluços e lágrimas

Daquelas de tamanho maior.

Segurando seu lenço de bolso

Diante de seus olhos lacrimejantes.

Ó, Ostras, falou o Carpinteiro

Vocês tiveram uma boa vida!

Vamos trotar de volta para casa?

Mas a resposta não veio

E dificilmente isso era estranho,

Porque comeram cada uma delas.

— Gosto mais da Morsa — comentou Alice —, porque dá para perceber que ela sentiu um pouco de pena das pobres ostras.

— Mas comeu mais do que o Carpinteiro — observou Tweedledee. — Veja bem, ele segurava o lenço na frente para que o Carpinteiro não pudesse contar quantos ele comia. Pelo contrário.

— Isso foi cruel! — bradou Alice, indignada. — Então, eu gosto mais do Carpinteiro... se ele não comeu tantas quanto a Morsa.

— Mas ele comeu o máximo que pôde — disse Tweedledum.

Aquilo era problemático. Depois de uma pausa, Alice começou:

— Bem! Os dois eram muito desagradáveis... — Aqui ela pôs-se em silêncio, um tanto alarmada, ao ouvir o que lhe parecia uma locomotiva a vapor perto da floresta, embora temesse que, mais provavelmente, fosse um animal selvagem. — Há leões ou tigres por aqui? — perguntou timidamente.

— É apenas o Rei Vermelho roncando — explicou Tweedledee.

— Venha e olhe para ele! — pediram os irmãos, e cada um segurou uma das mãos de Alice e a guiaram até onde o Rei dormia.

— Ele não é uma visão adorável? — comentou Tweedledum.

Se tivesse que ser sincera, Alice não tinha como concordar. O Rei usava uma grande touca de dormir, vermelha e alta, com um pompom, e estava deitado todo encolhido em uma espécie de monte desarrumado, e roncava alto.

— Esse ronco é capaz de lhe arrancar a cabeça! — comentou Tweedledum.

— Receio que possa ficar resfriado por estar deitado na grama úmida — observou Alice, que era uma menina muito atenciosa.

— Ele está sonhando agora — falou Tweedledee. — E com o que acha que está sonhando?

— Ninguém pode adivinhar isso — declarou Alice.

— Ora, com você! — exclamou Tweedledee, batendo palmas de forma triunfante. — E se ele deixasse de sonhar com você, onde acha que estaria?

— Onde estou agora, é claro — respondeu Alice.

— Não! — retrucou Tweedledee com desdém. — Estaria em lugar nenhum. Ora, você é apenas uma espécie de coisa no sonho dele!

— Se aquele Rei acordasse — acrescentou Tweedledum —, você sumiria... puf!... como a chama de uma vela!

— Não sumiria! — exclamou Alice, indignada. — Além disso, se sou apenas uma espécie de coisa no sonho dele, o que vocês são, posso saber?

— Idem — concordou Tweedledum.

— Idem, idem — gritou Tweedledee tão alto que Alice não pôde deixar de dizer:

— Silêncio! Temo que irá acordá-lo se fizer tanto barulho.

— Bem, não adianta falar em acordá-lo — observou Tweedledum —, quando se é apenas uma das coisas em seu sonho. Você sabe muito bem que não é real.

— Eu sou real! — bradou Alice e começou a chorar.

— Chorar não vai torná-la mais real — comentou Tweedledee. — Não há motivo para chorar.

— Se eu não fosse real — começou Alice, rindo por entre as lágrimas porque tudo aquilo parecia ridículo —, não seria capaz de chorar.

— Espero que não pense que suas lágrimas sejam de verdade! — Tweedledum interrompeu em um tom de grande desprezo.

“Eu sei que estão falando bobagem”, Alice pensou consigo mesma. “E é tolice chorar por conta disso”. Então ela enxugou as lágrimas e continuou o mais alegremente que pôde:

— De qualquer maneira, é melhor eu sair da floresta, pois realmente está ficando muito escuro. Vocês acham que vai chover?

Tweedledum abriu um grande guarda-chuva sobre ele e o irmão, olhou para cima e disse:

— Não, acho que não. Pelo menos, não aqui embaixo. De jeito nenhum.

— Mas pode chover aqui fora?

— Pode, se quiser — respondeu Tweedledee. — Não temos objeções. Pelo contrário.

“Que egoístas!”, pensou Alice, e ia desejar “boa noite” e deixá-los, quando Tweedledum afastou-se do guarda-chuva e a agarrou pelo pulso.

— Você vê isso? — perguntou ele com a voz embargada de emoção, e seus olhos logo ficaram grandes e amarelos, enquanto apontava com um dedo trêmulo para a pequena coisa branca caída sob a árvore.

— É apenas um chocalho — comentou Alice, após observar a coisinha branca atentamente. — Não é o chocalho de uma cascavel, sabe — acrescentou rapidamente, pensando que ele estava assustado. — É apenas um chocalho velho... bem velho e quebrado.

— Sabia que era! — exclamou Tweedledum, começando a se debater descontroladamente e a arrancar os cabelos. — Está estragado, é claro! — E olhou para Tweedledee, que imediatamente se sentou no chão e tentou se esconder sob o guarda-chuva.

Alice pousou a mão no braço dele e disse em um tom suave:

— Não precisa ficar com tanta raiva por conta de um chocalho velho.

— Mas não é velho! — berrou Tweedledum, mais enfurecido do que nunca. — Quero dizer, é novo... comprei ontem... meu belo e novo chocalho! — E sua voz se elevou a um baita grito.

Entrementes, Tweedledee estava se esforçando para fechar o guarda-chuva em si mesmo; o que era uma coisa tão extraordinária de se fazer, que tirou a atenção de Alice do irmão zangado. Mas ele não foi bem-sucedido, e acabou caindo, embrulhado no guarda-chuva com apenas a cabeça para fora. E ali estava ele, abrindo e fechando a boca e os olhos grandes, “parecendo mais com um peixe do que com qualquer outra coisa”, pensou Alice.

— É claro que você concorda em lutar? — perguntou Tweedledum em um tom mais calmo.

— Suponho que sim — respondeu o outro de forma emburrada enquanto se arrastava para fora do guarda-chuva. — Mas ela deverá nos ajudar com a vestimenta, você sabe.

Assim, os dois irmãos foram de mãos dadas para a floresta e voltaram um minuto depois com os braços cheios de coisas, como travesseiros, cobertores, tapetes de lareiras, toalhas de mesa, tampas de panelas e baldes de carvão.

— Espero que seja boa em prender e amarrar cordas! — comentou Tweedledum. —Todas essas coisas têm que se encaixar, de uma forma ou de outra.

Mais tarde, Alice contou que nunca havia visto tanto barulho feito por nada em toda sua vida. A maneira como os dois se agitavam, a quantidade de coisas que vestiam, e o trabalho que lhe deram para amarrar as cordas e abotoar...

“Francamente, quando estiverem prontos, parecerão mais com trouxas de roupas velhas do que qualquer outra coisa!”, Alice disse para si mesma, enquanto envolvia o pescoço de Tweedledee com um travesseiro, “para impedir que sua cabeça fosse cortada”, como ele mesmo disse.

— Sabe — acrescentou ele com muita seriedade —, é uma das coisas mais sérias que pode acontecer a alguém em uma batalha: ter a cabeça cortada.

Alice riu alto, mas conseguiu disfarçar o riso com uma tosse, por medo de magoar os sentimentos dele.

— Estou muito pálido? — perguntou Tweedledum, aproximando-se para que ela lhe fechasse o elmo. (Ele chamou de elmo, embora certamente se parecesse

muito mais com uma panela).

— Bem... sim... um pouco... — respondeu Alice gentilmente.

— Costumo ser muito corajoso — ele continuou em voz baixa. — Mas hoje estou com dor de cabeça.

— E eu estou com dor de dente! — interrompeu Tweedledee, que ouviu o comentário. — Estou muito pior do que você!

— Então é melhor não lutar hoje — observou Alice, achando que era uma boa oportunidade para que fizessem as pazes.

— Precisamos brigar um pouco, mas não precisa ser muito longa — falou Tweedledum. — Que horas são agora?

Tweedledee olhou para o relógio e disse:

— Quatro e meia.

— Vamos lutar até as seis e depois jantar — sugeriu Tweedledum.

— Muito bem — concordou o outro, tristemente. — E ela pode nos assistir... é melhor não chegar muito perto — acrescentou. — Quando fico muito empolgado, costumo acertar tudo o que vejo.

— E eu bato em tudo ao meu alcance — gritou Tweedledum —, independentemente de estar vendo ou não!

Alice riu:

— Devo pensar, então, que você deve bater nas árvores com bastante frequência.

Tweedledum olhou ao redor com um sorriso satisfeito.

— Suponho que não sobrará uma árvore em pé, em canto algum, quando tivermos terminado!

— E tudo por causa de um chocalho! — declarou Alice, porque ainda esperava deixá-los um pouco envergonhados por lutarem por uma ninharia.

— Eu não teria me importado tanto — disse Tweedledum —, se não fosse um chocalho novo.

“Eu gostaria que o corvo monstruoso viesse!”, pensou Alice.

— Só há uma espada — falou Tweedledum para o irmão —, mas você pode ficar com o guarda-chuva... é tão afiado quanto a espada. Mas devemos começar logo. Está ficando cada vez mais escuro.

— Mais escuro a cada vez — declarou Tweedledee.

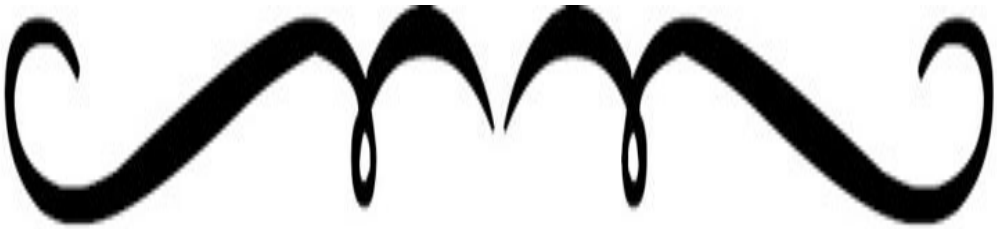
Estava escurecendo tão rapidamente que Alice pensou que uma tempestade devia estar chegando.

— Que nuvem escura e grossa! — comentou. — E como está vindo rápido! Acho que tem asas!

— É o corvo! — berrou Tweedledum com uma voz estridente e alarmada, e os dois irmãos puseram-se a correr e se esconderam em um instante.

Alice correu e adentrou mais a floresta e parou debaixo de uma grande árvore. “Ele não conseguirá me atingir aqui”, pensou ela. “É muito grande para se espremer entre as árvores. Mas eu gostaria que não batesse as asas... isso causa

um furacão na floresta... lá vai o xale de alguém, soprado pelo vento!



CAPÍTULO V

Lã e água

Ela pegou o xale enquanto falava e procurou pelo dono. No instante seguinte, a Rainha Branca veio correndo descontroladamente pela floresta, com os dois braços estendidos, como se estivesse voando, e Alice, de forma muito polida, foi levar o xale até ela.

— Estou muito feliz por ter ficado no caminho — disse Alice, ajudando-a a vestir o xale novamente.

A Rainha Branca apenas lhe lançou um olhar desamparado e amedrontado, e continuou repetindo algo em um sussurro para si mesma, que soou como “pão com manteiga, pão com manteiga”, e Alice sentiu que, para que houvesse alguma conversa, ela mesma teria que inicia-la. Então, começou com timidez:

— Estou me direcionando à Rainha Branca?

— Bem, sim, se chama isso de direção — respondeu a Rainha. — Não é minha noção da coisa, de forma alguma.

Alice pensou que não convinha discutir logo no começo da conversa, então sorriu e disse:

— Se Vossa Majestade puder me dizer qual é o modo certo de começar, farei o melhor que puder.

— Mas não quero que isso seja feito! — gemeu a pobre Rainha. — Faz duas horas que venho me direcionando.

Pareceu a Alice, que teria sido melhor se ela tivesse alguém para lhe dar direções na vestimenta, pois estava no mais terrível desalinho. “Tudo está torto”, pensou Alice, “e está cheia de alfinetes!”.

— Posso ajeitar seu xale? — acrescentou em voz alta.

— Não sei qual é o problema dele! — a Rainha lamentou com uma voz melancólica. — Está temperamental, acho. Eu o preguei com alfinetes em um lado, mas não há nada que o faça ficar ali!

— Ele não pode ficar direito se o prender de um lado só — comentou Alice,

enquanto o endireitava com gentileza. — E, minha nossa! Veja o estado do seu cabelo!

— A escova ficou presa nele! — disse a Rainha com um suspiro. — E ontem perdi o pente.

Alice soltou a escova cuidadosamente e fez o possível para arrumar o cabelo.

— Vamos, agora está bem melhor! — falou, depois de tirar a maioria dos alfinetes. — Mas, na verdade, você deveria ter uma dama de companhia!

— Eu lhe contrataria com prazer! — declarou a Rainha. — Dois pence por semana e geleia dia sim, dia não.

Alice não pôde deixar de rir e respondeu:

— Não quero que me contrate... e não ligo para geleias.

— É uma geleia muito boa — declarou a Rainha.

— Bem, de qualquer forma, não quero nenhuma hoje.

— Não poderia ter mesmo se quisesse — avisou a Rainha. — A regra é: “Geleia amanhã e geleia ontem, mas nunca geleia hoje”.

— Mas às vezes isso vai resultar em “geleia hoje” — objetou Alice.

— Não, não vai — a Rainha interpôs. — É geleia dia sim, dia não. Hoje não é dia sim, sabe.

— Não entendo — declarou Alice. — É terrivelmente confuso!

— É isso que acontece quando se vive ao contrário — declarou a Rainha gentilmente. — Sempre deixa as pessoas um pouco tontas no começo...

— Quando se vive ao contrário! — repetiu Alice com grande espanto. — Nunca ouvi falar de uma coisa dessas!

— Mas há uma grande vantagem: a memória funciona nos dois sentidos.

— Tenho certeza de que a minha só funciona de uma maneira — comentou

Alice. — Não me lembro das coisas antes que elas aconteçam.

— É uma memória muito ruim, essa que só funciona ao contrário — observou a Rainha.

— De que tipo de coisas você se lembra melhor? — Alice se aventurou a perguntar.

— Ah, coisas que aconteceram daqui a duas semanas — respondeu a Rainha em um tom despreocupado. — Agora, por exemplo — continuou, colocando um grande curativo no dedo —, existe o Mensageiro do Rei. Neste momento ele está sendo punido na prisão. O julgamento só começará na próxima quarta-feira, e, é claro, o crime vem por último.

— E se ele nunca cometer o crime? — questionou Alice.

— Seria melhor, não é? — contrapôs a Rainha, enquanto atava o curativo no dedo com um pouco de fita.

Alice percebeu que não havia como negar isso.

— É claro que seria melhor — ela respondeu —, mas para ele seria melhor não ser punido.

— Nisso está errada, de qualquer forma — declarou a Rainha. — Você já foi punida?

— Só por coisas que cometi — objetou Alice.

— E sei que ficou melhor por causa disso! — respondeu a Rainha, triunfante.

— Sim, mas eu havia feito as coisas pelas quais fui punida — retorquiu Alice. — Isso faz toda a diferença.

— Mas, se não as tivesse feito — explicou a Rainha —, seria melhor ainda, e melhor, e melhor, e melhor! — A voz dela foi ficando mais alta a cada “melhor”, e por fim se transformou em um guincho.

Alice começava a dizer “Há um erro em algum ponto”, quando a Rainha passou a gritar tão alto que ela teve que deixar a frase inacabada.

— Ui, ui, ui! — berrou a Rainha, apertando a mão como se quisesse arrancá-la. — Meu dedo está sangrando! Ui, ui, ui!

Seus gritos eram como o apito de uma locomotiva a vapor, e Alice teve que cobrir os ouvidos com as mãos.

— Qual é o problema? — perguntou assim que houve uma chance de se fazer ouvida. — Espetou seu dedo?

— Ainda não — falou a Rainha —, mas logo espetarei... Ui, ui, ui!

— Quando espera fazer isso? — quis saber Alice, sentindo muita vontade de rir.

— Quando prender meu xale novamente — a pobre Rainha gemeu. — O broche logo vai se desfazer. Ui, ui! — Quando disse essas palavras, o broche se abriu, e a Rainha o agarrou de forma desvairada e tentou fechá-lo.

— Tome cuidado! — exclamou Alice. — Está segurando tudo torto! — E pegou o broche, mas era tarde demais: o alfinete escorregara e a Rainha espetara o dedo.

— Perceba, isso explica o sangramento — declarou para Alice com um sorriso. — Agora você entende como as coisas acontecem por aqui.

— Mas por que você não grita agora? — quis saber Alice, erguendo as mãos, pronta para colocá-las sobre as orelhas novamente.

— Ora, já gritei tudo que tinha para gritar — respondeu a Rainha. — De que adiantaria fazer tudo de novo?

A essa altura, já estava clareando.

— Acho que o corvo deve ter voado para longe — comentou Alice. — Estou tão feliz que ele se foi. Pensei que a noite estava chegando.

— Gostaria de poder ficar feliz! — a Rainha declarou. — Só que nunca consigo me lembrar da regra. Você deve ser muito feliz, vivendo nesta floresta e sendo feliz sempre que desejar!

— Mas é tão solitário por aqui! — lamentou-se Alice com uma voz melancólica e, ao pensar em sua solidão, duas grandes lágrimas rolaram por seu rosto.

— Oh, não fique assim! — exclamou a pobre Rainha, retorcendo as mãos em

desespero. — Pense na ótima menina que você é. Pense no longo caminho que já percorreu hoje. Pense em que horas são. Pense em qualquer coisa, mas não chore!

Alice não pôde deixar de rir disso, mesmo em meio às lágrimas.

— Você consegue evitar de chorar pensando nessas coisas? — quis saber ela.

— É assim que se faz — respondeu a Rainha de forma decidida. — Ninguém pode fazer duas coisas ao mesmo tempo, sabe. Vamos pensar na sua idade, para começar. Quantos anos você tem?

— Tenho exatamente sete anos e meio.

— Não precisa dizer “exatamente” — comentou a Rainha. — Posso acreditar sem isso. Agora lhe direi algo em que acreditar. Tenho apenas cento e um anos, cinco meses e um dia.

— Não acredito nisso! — exclamou Alice.

— Não? — a Rainha falou em tom de pena. — Tente novamente: respire fundo e feche os olhos.

Alice riu.

— Não adianta tentar — declarou. — Não dá para acreditar em coisas impossíveis.

— Acho que você não tem muita prática — observou a Rainha. — Quando tinha a sua idade, eu sempre fazia isso meia hora por dia. Ora, às vezes acredito em seis coisas impossíveis antes do café da manhã. Lá se vai o xale novamente!

O broche se abriu enquanto ela falava, e uma súbita rajada de vento soprou o xale da Rainha para a outra margem de um pequeno riacho. A Rainha estendeu os braços novamente e voou atrás dele, e dessa vez conseguiu pegá-lo sozinha.

— Peguei! — gritou em um tom triunfante. — Agora você me verá prender tudo sozinha!

— Então imagino que seu dedo esteja melhor agora? — perguntou Alice

educadamente, enquanto atravessava o pequeno riacho atrás da Rainha.

***

— Oh, bem melhor! — exclamou a Rainha, sua voz erguendo-se a um guincho enquanto prosseguia. — Bem melhor! Beeem melhor! Be-e-eem! Bé-é-é! — A última palavra terminou em um longo balido, tão parecido com uma ovelha que Alice se assustou.

Olhou para a Rainha, que parecia ter subitamente se enrolado em lã. Alice esfregou os olhos e olhou novamente. Não conseguia entender o que tinha acontecido. Ela estava em uma loja? E isso era mesmo... era mesmo uma ovelha que estava do outro lado do balcão?

Por mais que esfregasse os olhos, só conseguia divisar uma lojinha escura; estava com os cotovelos apoiados no balcão, e diante de si estava uma velha Ovelha, sentada em uma poltrona, tricotando, e vez ou outra, parava para fitá-la através de um grande par de óculos.

— O que deseja comprar? — perguntou a Ovelha por fim, erguendo os olhos por um minuto.

— Ainda não sei — respondeu Alice, muito gentilmente. — Gostaria de olhar tudo ao meu redor primeiro, se puder.

— Você pode olhar à sua frente e dos dois lados, se quiser — replicou a Ovelha —, mas não pode olhar tudo ao seu redor, a menos que tenha olhos na parte de trás da cabeça.

Mas isso Alice não tinha, então se contentou em se virar, olhando as prateleiras enquanto se aproximava.

A loja parecia cheia de todo tipo de coisas curiosas; mas a parte mais estranha era que, sempre que fixava o olhar em alguma prateleira, para descobrir exatamente o que tinha nela, essa prateleira em particular estava sempre bastante vazia: embora as outras ao redor estivessem tão apinhadas quanto possível.

— As coisas fogem por aqui! — disse por fim, em um tom de lamento, depois de passar um minuto em vão procurando uma coisa grande e brilhante, que às vezes parecia uma boneca, e outras parecia uma caixinha de costura, e estava sempre na prateleira acima da que estava olhando. — E este é o mais provocador de todos, mas quer saber? — acrescentou quando um pensamento repentino a atingiu. — Vou segui-lo até a prateleira mais alta de todos. Quero ver se vai conseguir atravessar o teto!

Mas nem mesmo esse plano deu certo: a “coisa” atravessou o teto o mais silenciosamente possível, como se o fizesse com frequência.

— Você é uma criança ou um pião? — perguntou a Ovelha, enquanto pegava outro par de agulhas. — Vai acabar me deixando tonta se continuar girando assim. — Agora ela estava trabalhando com catorze pares de agulha ao mesmo tempo, e Alice não pôde deixar de observá-la com grande espanto.

“Como consegue tricotar com tantas agulhas?”, pensou a criança confusa. “Ela fica cada vez mais parecida com um porco-espinho!”

— Sabe remar? — indagou a Ovelha, entregando-lhe um par de agulhas de tricô enquanto falava.

— Sim, um pouco... mas não em terra... e não com agulhas... — Alice estava começando a dizer, quando, de repente, as agulhas se transformaram em remos em suas mãos, e descobriu que estavam em um pequeno barco, deslizando entre as margens. Assim, não havia mais nada a fazer a não ser remar o melhor que podia.

— Embicar! — berrou a Ovelha, enquanto pegava outro par de agulhas.

Não parecia que esse comentário precisava de resposta, então Alice não disse nada, mas continuou a remar. Havia algo muito estranho na água, ela pensou, pois às vezes os remos enganchavam e era muito difícil arrancá-los.

— Embicar! Embicar! — gritou a Ovelha novamente, pegando mais agulhas. — Você vai acabar pegando um caranguejo se continuar assim.

“Um caranguejinho bonitinho”, pensou Alice. “Eu gostaria disso”.

— Não me ouviu dizer “Embicar”? — bradou a Ovelha com raiva, pegando um monte de agulhas.

— De fato ouvi — afirmou Alice. — Você disse isso várias vezes, e muito alto. Por favor, onde estão os caranguejos?

— Na água, é claro! — respondeu a Ovelha, enfiando algumas agulhas nos cabelos dela, já que suas mãos estavam ocupadas. — Embicar, já disse!

— Por que diz “embicar” com tanta frequência? — perguntou Alice por fim, um pouco irritada. — Não sou um pássaro!

— É, sim — retrucou a Ovelha. — É um gansinho tonto.

Alice se ofendeu um pouco com isso, então não houve mais conversa por um minuto ou dois, enquanto o barco deslizava suavemente, às vezes entre amontados de ervas daninhas (o que fazia os remos engancharem na água, mais

do que nunca), e às vezes sob as árvores, mas sempre com as mesmas margens altas sobre suas cabeças.

TEA

— Oh, por favor! Há juncos perfumados! — Alice exclamou em súbito deleite. — Realmente existem... e são tão lindos!

— Não precisa me dizer “por favor” por causa deles — replicou a Ovelha, sem tirar os olhos do tricô. — Não os coloquei lá e não os levarei embora.

— Não, mas eu quis dizer... por favor, podemos esperar e pegar alguns? — implorou Alice. — Se não se importar de pararmos o barco por um minuto.

— Como nós vamos pará-lo? — questionou a Ovelha. — Se parar de remar, ele vai parar por si só.

Então deixaram o barco flutuar pelo riacho até deslizar suavemente entre os juncos. Depois, as mangas foram arregaçadas cuidadosamente, e os bracinhos foram mergulhados na altura dos cotovelos para apanhar os juncos antes de quebrá-los; e, por um tempo, Alice esqueceu tudo sobre ovelhas e tricô, enquanto inclinava-se para o lado do barco, as pontas dos cabelos emaranhados imergindo na água, enquanto fitava, com olhos ansiosos e brilhantes, um grupo após outro dos queridos juncos perfumados.

“Só espero que o barco não vire!”, falou para si mesma. “Oh, que adorável esse ali! Pena que não consigo alcançá-lo.” E certamente pareceu um pouco irritante (“quase como se tivesse acontecido de propósito”, pensou ela) que, embora conseguisse colher muitos juncos bonitos enquanto o barco passava, sempre havia um mais adorável que ela não conseguia alcançar.

— Os mais bonitos estão sempre mais longe! — disse por fim e deu um suspiro diante da obstinação dos juncos em crescerem tão longe. Com as bochechas coradas e as mãos pingando, ela voltou para o seu lugar e começou a arrumar seus novos tesouros.

O que lhe importava, naquele momento, que os juncos tivessem começado a desaparecer e a perder todo o seu perfume e beleza, desde o momento em que os colhera? Até mesmo juncos perfumados de verdade, você sabe, duram pouquíssimo tempo; e estes, sendo juncos dos sonhos, derreteram quase como neve, conforme deitavam aos seus pés. Alice, porém, mal se deu conta, pois tinha outras coisas curiosas sobre as quais pensar.

Elas não haviam ido muito longe quando a pá de um dos remos enroscou-se na água e não queria mais sair (como Alice explicou depois), e a consequência foi que o cabo do remo acertou o queixo da menina, e, apesar de uma série de pequenos gritos de “Ai, ai, ai!” da pobre Alice, ela acabou caindo do assento diretamente na pilha de juncos.

No entanto, ela não se machucou e logo ficou de pé. A Ovelha continuou tricotando o tempo todo, como se nada tivesse acontecido.

— Você pegou um caranguejo dos bons! — comentou ela, quando Alice voltou ao seu lugar, muito aliviada por ainda estar no barco.

— Foi mesmo? Eu não o vi — respondeu Alice, espiando cautelosamente a água escura pela lateral do barco. — Gostaria que ele não tivesse soltado o remo! Eu adoraria levar um pequeno caranguejo para casa comigo!

Mas a Ovelha apenas riu com desdém e continuou a tricotar.

— Há muitos caranguejos por aqui? — quis saber Alice.

— Caranguejos e todo tipo de coisa — respondeu a Ovelha. — Muitas opções de escolha, apenas se decida. Agora, o que quer comprar?

— Comprar! — Alice ecoou em um tom meio atônito e assustado, pois os remos, o barco e o rio desapareceram em um instante, e ela voltou à pequena loja escura.

— Gostaria de comprar um ovo, por favor — pediu timidamente. — Quanto custa?

— Cinco pence por um... dois pence por dois — respondeu a Ovelha.

— Então dois são mais baratos do que um? — indagou Alice, surpresa, pegando a bolsa.

— Mas, se comprar os dois, deve comê-los — alertou a Ovelha.

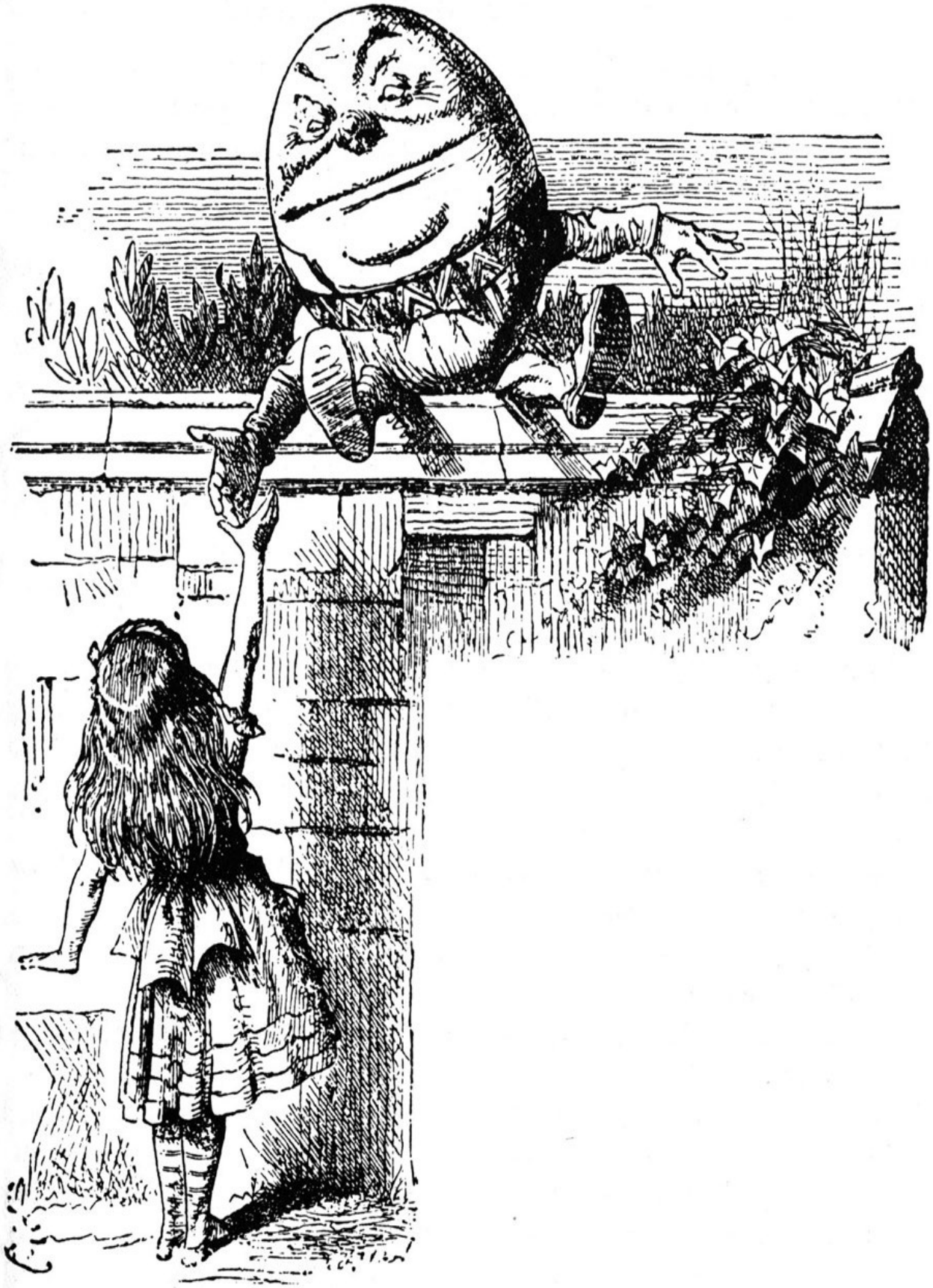
— Então, quero só um, por favor — pediu Alice e colocou o dinheiro no balcão. Pois pensou consigo mesma: “Eles podem não ser nada gostosos.”

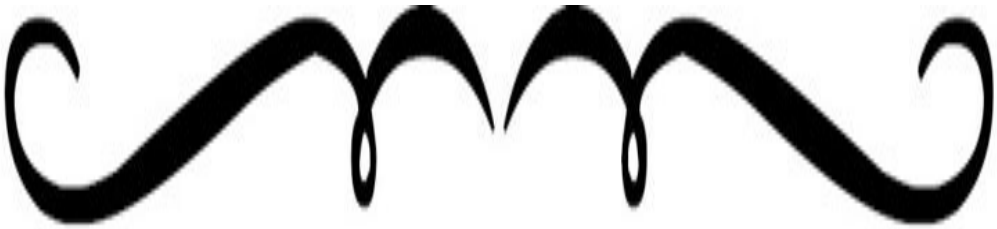
A Ovelha pegou o dinheiro, guardou em uma caixa e disse:

— Nunca ponho coisas nas mãos das pessoas... você nunca deve fazer isso. Deve pegá-lo sozinha. — E dizendo isso, foi para o outro lado da loja e colocou o ovo em uma prateleira.

“Fico me perguntando por que seria tão inconveniente?”, pensou Alice, enquanto passava com dificuldade por entre as mesas e cadeiras, pois a loja estava ficando muito escura. “Quanto mais eu ando em direção a ele, mais distante o ovo parece ficar. Deixe-me ver, isso é uma cadeira? Ora, tem galhos! Como é estranho encontrar árvores crescendo aqui! E aqui está um pequeno riacho! Bem, esta é a loja mais estranha que já vi!

Assim ela foi, espantando-se mais e mais a cada passo, pois todas as coisas viravam árvore quando as alcançava, e ela tinha a sensação de que o ovo faria o mesmo.





CAPÍTULO VI

Humpty Dumpty

O ovo, no entanto, ficou cada vez maior, e cada vez mais humano. Quando chegou a alguns metros dele, viu que tinha olhos, nariz e boca; e, quando se aproximou, viu claramente que era o próprio Humpty Dumpty. “Não pode ser mais ninguém!”, ela disse para si mesma. “Tenho tanta certeza disso, como se o nome dele estivesse escrito em seu rosto”.

Teria sido possível escrever seu nome cem vezes, pois o rosto era enorme. Humpty Dumpty estava sentado com as pernas cruzadas, como um turco, em cima de um muro alto, tão estreito que Alice se perguntava como ele era capaz de se equilibrar. Como seus olhos estavam fixos na direção oposta, e não a notou, ela pensou que, no fim das contas, ele devia ser uma criatura arrogante.

— E como se parece com um ovo! — disse ela em voz alta, de pé, com as mãos esticadas para pegá-lo, pois imaginava que fosse cair a qualquer momento.

— É muito irritante — disse Humpty Dumpty após um longo silêncio, olhando para longe de Alice enquanto falava — ser chamado de ovo... muito!

— Disse que se parecia com um ovo, senhor — explicou Alice gentilmente. — E alguns ovos são muito bonitos, sabe — acrescentou, esperando transformar seu comentário em uma espécie de elogio.

— Algumas pessoas — observou Humpty Dumpty, o olhar fixo em um ponto distante, como sempre — parecem não ter mais noção do que um bebê!

Alice não sabia o que responder: “não é nada como uma conversa”, pensou, pois ele nunca se dirigiu a ela. De fato, fez seu último comentário olhando diretamente para uma árvore, então ela se levantou e suavemente repetiu para si mesma:

Humpty Dumpty em um muro se sentou

Humpty Dumpty caiu e se esborrachou.

Nem todos os cavalos e homens do rei conseguiram colocar

Humpty Dumpty de volta em seu lugar.

— Essa penúltima linha é muito longa para a poesia — acrescentou quase em voz alta, esquecendo-se de que Humpty Dumpty a ouviria.

— Não fique parada conversando sozinha — falou Humpty Dumpty, olhando-a pela primeira vez. Diga-me seu nome e a que vem.

— Meu nome é Alice, mas...

— É um nome bastante estúpido! — interrompeu Humpty Dumpty, impaciente. — O que significa?

— Um nome deve significar alguma coisa? — perguntou Alice, incerta.

— É claro que deve — respondeu Humpty Dumpty com uma risada curta. — O significado do meu nome é a forma que tenho... e que forma bonita é essa. Com um nome como o seu, você pode ter quase qualquer forma.

— Por que você fica aqui sozinho? — indagou Alice, sem querer dar início a uma discussão.

— Ora, porque não há ninguém aqui comigo! — exclamou Humpty Dumpty. Você achou que eu não sabia a resposta para isso? Pergunte outra coisa.

— Não acha que estaria mais seguro no chão? — continuou Alice, não com intenção de propor outro enigma, apenas por estar um pouco preocupada com a estranha criatura. — Esse muro é muito estreito!

— Que perguntas tremendamente fáceis você faz! — resmungou Humpty Dumpty. — Claro que não acho! Ora, se alguma vez eu cair, o que não vai acontecer, mas se eu cair... — Então ele franziu os lábios e parecia tão solene e grandioso que Alice mal conseguiu conter o riso. — Se eu cair — continuou —, o rei prometeu, em pessoa, que... que...

— Que mandaria todos os seus cavalos e todos os seus homens — Alice interrompeu de maneira bastante imprudente.

— Ora, isso é muito ruim! — gritou Humpty Dumpty em um rompante de fúria. — Você estava ouvindo atrás das portas... e atrás das árvores... e enquanto limpava chaminés... ou não poderia saber disso!

— Não fiz nada disso! — respondeu Alice muito gentilmente. — Está em um livro.

— Ah, bem! Eles podem escrever essas coisas em um livro — concordou Humpty Dumpty em um tom mais calmo. — Isso é o que você chama de História da Inglaterra. Agora, dê uma boa olhada em mim! Sou alguém que falou com um Rei, sou sim. Talvez nunca veja outro, e para mostrar que não sou orgulhoso, permito que aperte minha mão! — E ele sorriu de orelha a orelha enquanto se inclinava para frente (e quase caía do muro), e estendeu a mão para Alice. Ela o observou com certa ansiedade enquanto o cumprimentava. “Se sorrir um pouco mais, os cantos da boca vão se juntar na parte de trás da cabeça”, pensou ela, “ e então não sei o que aconteceria! Tenho medo de que ela caia!”.

— Sim, todos os seus cavalos e todos os seus homens — continuou Humpty Dumpty. — Eles me pegariam em um minuto, pegariam, sim! Essa conversa, porém, está indo um pouco rápido demais. Vamos voltar para seu penúltimo comentário.

— Acho que não consigo me lembrar — disse Alice de forma educada.

— Nesse caso, começamos do zero — declarou Humpty Dumpty. — E é minha vez de escolher um assunto. — (“Ele fala como se isso fosse um jogo!”, pensou Alice.) — Então, aqui está uma pergunta para você: quantos anos disse que tinha?

Alice fez um breve cálculo e respondeu:

— Sete anos e seis meses.

— Errado! — exclamou Humpty Dumpty triunfantemente. — Você nunca disse nada disso!

— Pensei que você quis dizer “Quantos anos você tem?” — explicou Alice.

— Se quisesse dizer isso, teria dito — retrucou Humpty Dumpty.

Alice não queria começar outra discussão, então permaneceu em silêncio.

— Sete anos e seis meses! — repetiu Humpty Dumpty, pensativo. — Uma idade bastante desconfortável. Agora, se tivesse pedido meu conselho, eu teria dito “Pare aos sete”, mas agora é tarde demais.

— Nunca peço conselhos sobre crescimento — respondeu Alice, indignada.

— É tão orgulhosa assim? — o outro perguntou.

Alice sentiu-se ainda mais indignada com essa observação.

— Quero dizer — começou ela —, que não é possível que uma pessoa pare de envelhecer.

— Talvez uma pessoa não possa — falou Humpty Dumpty. — Mas duas podem. Com o auxílio adequado, você poderia ter parado aos sete.

— Que belo cinto está usando! — comentou Alice de repente. (Ela pensou que já tinham debatido bastante sobre idade, e se realmente se revezavam na escolha dos assuntos, agora era a vez dela.) — Quero dizer... — corrigiu-se, pensando melhor. — Deveria ter dito uma linda gravata... não, um cinto, quero dizer... peço perdão! — acrescentou, consternada, pois Humpty Dumpty parecia completamente ofendido, e ela começou a desejar não ter escolhido esse assunto. “Se pelo menos soubesse o que era o pescoço e o que era a cintura...”, pensou.

Estava evidente que Humpty Dumpty se zangara muito, embora não tenha dito nada por um minuto ou dois. Quando voltou a falar, foi com um rosnado profundo.

— É muito... irritante — comentou ele por fim — quando uma pessoa não consegue diferenciar uma gravata de um cinto!

— Sei que é muita ignorância da minha parte — Alice replicou em um tom tão humilde que Humpty Dumpty cedeu.

— É uma gravata, criança, e uma muito bonita, como diz. É um presente do Rei e Rainha Brancos. O que achou?

— É mesmo? — perguntou Alice, bastante satisfeita ao descobrir que, afinal,

havia escolhido um bom assunto.

— Eles me deram... — continuou Humpty Dumpty, pensativo, enquanto cruzava um joelho sobre o outro e apoiava as mãos sobre eles. — Eles me deram... como um presente de desaniversário.

— Perdão? — disse Alice com ar confuso.

— Não estou ofendido — retrucou Humpty Dumpty.

— Quero dizer, o que é um presente de desaniversário?

— Um presente dado quando não é seu aniversário, é claro.

Alice ponderou um pouco.

— Gosto mais dos presentes de aniversário — disse por fim.

— Não sabe do que está falando! — exclamou Humpty Dumpty. — Quantos dias existem em um ano?

— Trezentos e sessenta e cinco — respondeu Alice.

— E você faz quantos aniversários?

— Um.

— E se subtrair um de trezentos e sessenta e cinco, o que resta?

— Trezentos e sessenta e quatro, é claro.

Humpty Dumpty não pareceu muito convencido.

— Prefiro ver isso no papel — declarou.

Alice não conseguiu evitar de sorrir ao pegar seu bloco de anotações e fazer a conta:

Humpty Dumpty pegou o livro e olhou com atenção.

— Isso parece ter sido feito corretamente — começou.

— Você está segurando de cabeça para baixo! — Alice interrompeu.

— Pode ter certeza que sim! — respondeu Humpty Dumpty alegremente, enquanto ela o desvirava para ele. — Pensei que parecia um pouco estranho. Como estava dizendo, isso parece estar certo... embora ainda não tenha tido tempo de examinar minuciosamente... e isso mostra que há trezentos e sessenta e quatro dias em que você pode receber presentes de desaniversário.

— De fato — concordou Alice.

— E apenas um dia para presentes de aniversário, sabe. Há glória para você!

— Não sei o que quer dizer com “glória” — observou Alice.

Humpty Dumpty sorriu com desdém.

— Claro que não... até eu lhe contar. Quis dizer que há um bom e chocante argumento para você!

— Mas “glória” não significa “um bom e chocante argumento” — objetou Alice.

— Quando eu uso uma palavra — retrucou Humpty Dumpty em um tom bastante desdenhoso —, ela significa exatamente o que quero que signifique... nem mais nem menos.

— A questão é — começou Alice — se você pode fazer com que as palavras signifiquem tantas coisas diferentes.

— A questão é — retrucou Humpty Dumpty — qual deve ser o principal... isso é tudo.

Alice ficou confusa demais para dizer qualquer coisa. Então, depois de um minuto, Humpty Dumpty tornou a falar:

— Algumas delas têm um temperamento... principalmente os verbos, que são os mais orgulhosos... com os adjetivos você pode fazer qualquer coisa, mas não com os verbos. Ainda assim, posso dominar todos eles! Impenetrabilidade! É isso que eu digo!

— Poderia me dizer, por favor — pediu Alice —, o que isso significa?

— Agora você fala como uma criança sensata — apontou Humpty Dumpty, parecendo muito satisfeito. — Com “impenetrabilidade”, eu quis dizer que já falamos bastante sobre esse assunto, e que seria melhor se você mencionasse o que pretende fazer a seguir, pois imagino que não tenha a intenção de passar o resto da vida parada aqui.

— É um significado muito grande para uma só palavra — comentou Alice, pensativa.

— Quando deixo uma palavra tão atarefada assim — explicou Humpty Dumpty —, sempre pago um pouco mais.

— Oh! — exclamou Alice. Estava intrigada demais para fazer qualquer outra observação.

— Ah! Você devia vê-las se juntando a mim no sábado à noite — continuou Humpty Dumpty, balançando a cabeça com seriedade. — Elas vêm para receber seus salários, sabe.

(Alice não se atreveu a perguntar com o que as pagava, então, como percebe, não posso contar a você).

— Você parece muito bom em explicar as palavras, senhor — comentou Alice. — Poderia me dizer o significado do poema chamado “Jaguadarte”?

— Vamos ouvir — pediu Humpty Dumpty. — Posso explicar todos os poemas que já foram inventados... e muitos que ainda não foram.

Isso parecia muito esperançoso, então Alice repetiu o primeiro verso:

Como era brilhantizo, e os dedos escorregantes

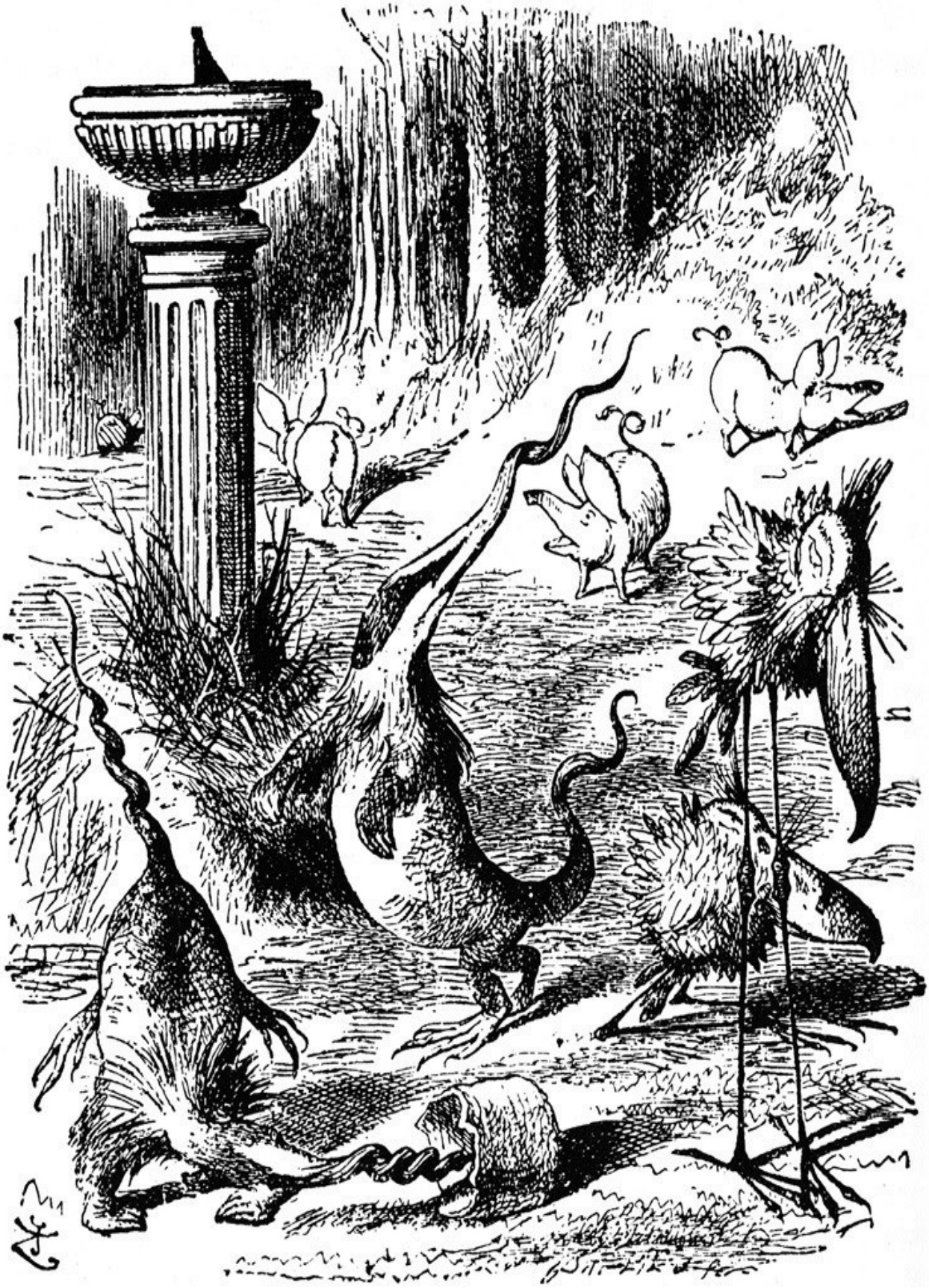
Giro as cavas e persondas;

Todos mimicando foram os borogoves,

E o momo supera outgrabe.

— É o suficiente para começar — interrompeu Humpty Dumpty. — Há muitas palavras difíceis nessa parte. “Brilhantizo” significa quatro horas da tarde, quando o sol começa a se pôr e os raios param de brilhar.

— Isso parece certo — respondeu Alice. — E “escorregantes”?



— Bem, “escorregantes” significa “ágil e viscoso”. “Ágil” é o mesmo que “ativo”. Perceba que é como uma mala: há dois significados embalados em uma só palavra.

— Agora percebo — comentou Alice, pensativa. — E o que são “mimicandos”?

— Bem, são parecidos com texugos... e com lagartos... e com saca-rolhas.

— Devem ser criaturas de aparência muito curiosa.

— São mesmo — concordou Humpty Dumpty. — E fazem seus ninhos debaixo dos relógios de sol... e se alimentam de queijo.

— E o que é o “giro” e “cavas”?

— “Giro” é girar e girar como um giroscópio. “Cava” é fazer buracos como uma cavadeira.

— E o “persondas”, é a grama em volta de um relógio de sol, suponho? — perguntou Alice, surpresa com sua própria sagacidade.

— Claro que é. É chamado assim, sabe, porque vai muito antes e muito atrás dela.

— E muito além de cada lado — acrescentou Alice.

— Exatamente assim. Bem, então, “momo” é “frágil e infeliz” (mais uma palavra que se assemelha a uma mala). E um “borogove” é um pássaro de aparência surrada, com as penas espetadas para todas as direções... algo como um esfregão com vida própria.

— E então “rath”? — perguntou Alice. — Acho que estou dando muito trabalho a você.

— Bem, um “rath” é uma espécie de porco verde: mas não tenho certeza. Eu acho que é outro jeito de dizer “rato”, o que significa outro bicho, você sabe.

— E o que significa “outgrabe”?

— Bem, é algo entre gritar e assobiar, com uma espécie de espirro no meio. No

entanto, você poderá ouvir isso, talvez... lá na floresta... e, quando ouvir uma vez, ficará bastante satisfeita. Quem foi que recitou todas essas coisas difíceis para você?

— Eu li em um livro — respondeu Alice. — Mas recitaram um pouco de poesia para mim, uma bem mais fácil que essa... Foi Tweedledee quem recitou. Eu acho que foi...

— Quanto à poesia, sabe — interrompeu Humpty Dumpty, esticando uma de suas grandes mãos —, sou tão bom em recitá-las quanto qualquer outro, se for o caso...

— Oh, não é necessário! — respondeu Alice às pressas, na gana de impedi-lo de começar.

— A obra que vou recitar — ele continuou sem prestar atenção ao comentário dela — foi escrita inteiramente para sua diversão.

Alice sentiu que, nesse caso, realmente deveria ouvi-lo, então se sentou e agradeceu com certa tristeza.

No inverno, quando o campo está branco,

Para o seu prazer essa música eu canto...

— Só que eu não canto — acrescentou como explicação.

— Vi que não — observou Alice.

— Se você consegue ver se estou cantando ou não, seus olhos são mais afiados do que os da maioria — comentou Humpty Dumpty com severidade. Alice ficou calada.

Na primavera, quando a floresta está ficando verde,

Vou tentar lhe dizer o que quero dizer.

— Muito obrigada — disse Alice.

‘No verão, quando os dias são longos,

Talvez você entenda a música:

No outono, quando as folhas são marrons,

Pegue caneta e tinta e anote.

— Farei isso, se me lembrar depois de tanto tempo — comentou Alice.

— Você não precisa fazer comentários como esse — observou Humpty Dumpty.
— Eles não são sensatos e me desconcentram.

Enviei uma mensagem para o peixe:

Eu disse a eles: “É isso que eu desejo”.

Os peixinhos do mar,

Eles enviaram uma resposta de volta para mim.

A resposta dos peixinhos foi

Não podemos fazer isso, senhor, porque...

— Receio não ter entendido direito — falou Alice.

— Depois fica mais fácil — respondeu Humpty Dumpty.

Enviei a eles novamente para dizer

“Seria melhor obedecer”.

Os peixes responderam com um sorriso,

“Ora, você tem um temperamento!

Eu disse a eles uma vez, eu disse a eles duas vezes:

Eles não quiseram ouvir o conselho.

Peguei uma chaleira grande e nova,

Apto para a ação que eu tinha a fazer.

Meu coração pulou, meu coração bateu forte;

Enchi a chaleira na bomba.

Então alguém veio até mim e disse:

“Os peixinhos estão na cama.”

Eu disse a ele, eu disse claramente,

“Então você deve acordá-los novamente.”

Eu disse isso muito alto e claro;

Eu fui e gritei no ouvido dele.

A voz de Humpty Dumpty se elevou a quase um grito ao recitar esse verso e Alice pensou com um calafrio: “Eu não teria sido o mensageiro por nada!”

‘Mas ele era muito rígido e orgulhoso;

Ele disse: “Você não precisa gritar tão alto!”

PHILLIES

E ele estava muito orgulhoso e estufado;

Ele disse: “Eu iria acordá-los, se...

“Peguei um saca-rolhas da prateleira:

E fui acordá-los eu mesmo.

E quando vi a porta trancada,

Puxei, empurrei e bati.

E quando encontrei a porta fechada,

Tentei girar a maçaneta, mas...

Houve uma longa pausa.

— Isso é tudo? — perguntou Alice timidamente.

— Isso é tudo — confirmou Humpty Dumpty. — Adeus.

“Isso foi repentino”, pensou Alice. Porém, depois de uma sugestão tão forte de que deveria ir, ela sentiu que não seria de bom tom permanecer ali. Então, se levantou e estendeu a mão:

— Adeus, até que nos encontremos de novo! — disse o mais alegremente possível.

— Eu não a reconheceria se nos encontrássemos de novo — respondeu Humpty Dumpty em um tom descontente, dando-lhe um de seus dedos para sacudir. — Você é exatamente igual às outras pessoas.

— Em geral, é o rosto que conta — comentou Alice em tom pensativo.

— É disso que reclamo — observou Humpty Dumpty. — Seu rosto é igual ao de

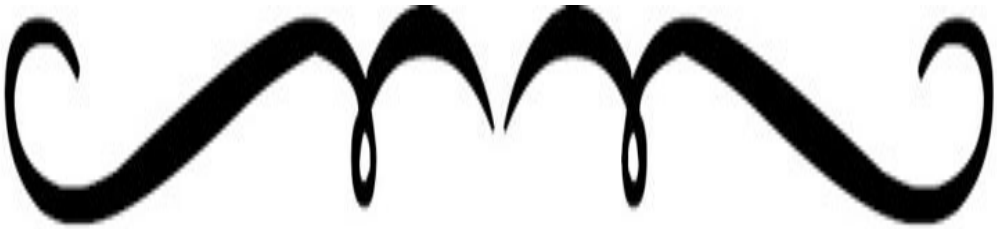
todos: tem dois olhos, então... — (marcando os dois com o polegar) — nariz no meio e boca embaixo. É sempre a mesma coisa. Agora, se você tivesse os dois olhos do mesmo lado do nariz, por exemplo... ou a boca no topo... isso ajudaria.

— Não teria uma aparência agradável — objetou Alice.

Mas Humpty Dumpty apenas fechou os olhos e disse:

— Espere até você tentar.

Alice esperou um minuto para ver se ele falaria novamente, mas como ele não tornou a abrir os olhos ou a notar sua presença, ela disse “adeus!” mais uma vez e, sem receber nada em resposta, afastou-se silenciosamente. Não pôde deixar de dizer a si mesma: “De todas as pessoas insatisfatórias...” (repetiu isso em voz alta, pois era um grande conforto ter uma palavra tão longa a dizer) “de todas as pessoas insatisfatórias que já conheci...” Ela nunca terminou a frase, pois, nesse momento, um forte estrondo sacudiu a floresta de ponta a ponta.



CAPÍTULO VII

O Leão e o unicórnio

No instante seguinte, os soldados correram pela floresta, a princípio em pares e trios, depois dez ou vinte juntos, e por fim, em grupos tão grandes que pareciam encher a floresta inteira. Alice ficou atrás de uma árvore, com medo de ser pisoteada, e observou-os passar.

Ela pensou que em toda a sua vida nunca tinha visto soldados tão indecisos: sempre tropeçavam em uma coisa ou outra; e sempre que um caía, muitos outros sempre caíam sobre ele, de modo que o chão logo ficou coberto de montinhos de homens.

Então vieram os cavalos. Tendo quatro patas, eles conseguiram se arranjar melhor do que os soldados de infantaria; mas até eles tropeçavam de vez em quando; e parecia ser uma regra que, sempre que um cavalo tropeçava, o cavaleiro caía instantaneamente. A confusão piorava a cada momento, e Alice ficou muito feliz ao sair da floresta em direção a um local aberto, onde encontrou o Rei Branco sentado no chão, ocupando-se de anotar algo em seu bloco.

— Enviei-os todos! — exclamou o Rei em tom de prazer ao ver Alice. — Você viu algum soldado, minha querida, enquanto atravessava a floresta?

— Sim, sim — respondeu Alice. — Acho que vi milhares.

— Quatro mil duzentos e sete é o número exato — declarou o Rei, conferindo o bloco de anotação. — Não poderia enviar todos os cavalos, você sabe, porque dois deles são necessários no jogo. E também não enviei os dois Mensageiros. Ambos foram para a cidade. Basta olhar ao longo da estrada e me dizer se consegue enxergar qualquer um deles.

— Ninguém à vista — disse Alice.

— Eu só queria ter esses olhos — observou o Rei em um tom irritado. — Ser capaz de ter “ninguém” à vista! E a essa distância! Ora, o máximo que consigo fazer nessa luz é enxergar pessoas reais!

Tudo isso era confuso para Alice, que ainda estava olhando atentamente ao longo da estrada, protegendo os olhos com uma mão.

— Estou vendo alguém agora! — exclamou finalmente. — Mas ele está voltando muito devagar, e como se comporta de forma curiosa! — (Pois o mensageiro continuava pulando para cima e para baixo e se contorcendo como uma enguia, enquanto se aproximava, comas grandes mãos estendidas de cada lado como leques).

— De forma alguma — comentou o Rei. — Ele é um Mensageiro anglo-saxão, e esse é o comportamento anglo-saxão. Ele só faz isso quando está feliz. O nome dele é Haigha. — (Ele pronunciou para rimar com “mayor”).

— Amo meu amor com H — Alice não conseguiu evitar de começar — porque ele é Habilidoso. Eu o odeio com um H, porque é Horroroso. Eu o alimentei com... com... hadoque e hortaliças. O nome dele é Haigha, e ele mora... mora...

— Ele mora no Hotel — completou o Rei, sem a menor ideia de que estava entrando no jogo, enquanto Alice ainda hesitava em busca de um lugar começando com H. — O outro Mensageiro chama-se Hatta. Eu devo ter dois, você sabe... para ir e vir. Um para vir e outro para ir.

— Perdão? — disse Alice.

— Não há nada para perdoar — comentou o Rei.

— Quis dizer que não entendi — Alice explicou. — Por que um vem e outro vai?

— E não falei? — repetiu o Rei, impaciente. — Preciso ter dois, para buscar e para trazer. Um vai buscar, o outro traz.

Nesse instante, o Mensageiro chegou. Não tinha fôlego nem para dizer uma só palavra e só conseguia acenar com as mãos e fazer caretas assustadores para o pobre Rei.

— Esta jovem o ama com um H — comentou o Rei, apresentando Alice na esperança de desviar a atenção do Mensageiro de si mesmo. Não adiantou, porém, e o comportamento anglo-saxão tornava-se mais extraordinário a cada instante, enquanto os grandes olhos iam de um lado para o outro de forma desvairada. — Você me assusta! — bradou o Rei. — Sinto-me fraco. Dê-me um hadoque!

Então o Mensageiro, para grande diversão de Alice, abriu uma sacola que trazia pendurada no pescoço e entregou o hadoque ao Rei, que o devorou avidamente.

— Outro! — ordenou o Rei.

— Não resta nada além de hortaliças agora — declarou o Mensageiro, espiando dentro da sacola.

— Hortaliças, então — murmurou o Rei. Alice ficou feliz em ver que isso o animou bastante. — Não há nada como comer hortaliças quando está quase desmaiando — comentou, enquanto mastigava.

— Acho que jogar água fria no rosto teria sido melhor — sugeriu Alice. — Ou alguns sais.

— Não disse que não havia nada melhor — retrucou o Rei. — Disse que não havia nada como fazer isso. — O que Alice não se atreveu a negar. — Passou por quem pela estrada? — continuou o Rei, estendendo a mão para o Mensageiro para pegar mais um punhado de hortaliças.

— Por ninguém — respondeu o Mensageiro.

— Está certo — comentou o Rei. — Essa jovem também o viu. Então é claro que Ninguém anda mais devagar do que você.

— Faço o meu melhor — declarou o Mensageiro em um tom aborrecido. — Tenho certeza de que ninguém anda muito mais rápido do que eu!

— Ele não consegue fazer isso — apontou o Rei —, ou estaria aqui primeiro. Agora que recuperou o fôlego, porém, pode nos contar o que aconteceu na cidade.

— Vou sussurrar — disse o Mensageiro, colocando as mãos na boca em forma de trompete e curvando-se para se aproximar do ouvido do Rei. Alice ficou desapontada com isso, pois também queria ouvir as notícias. No entanto, em vez de sussurrar, ele simplesmente gritou em um tom bastante elevado: — Eles estão de volta!

— Você chama isso de sussurro? — exclamou o pobre Rei, pulando e estremecendo. — Se fizer uma coisa dessas de novo, mandarei amanteigá-lo! Abalou minha cabeça como um terremoto!

“Teria que ser um terremoto muito pequeno!”, pensou Alice.

— Quem está de volta? — ela se aventurou a perguntar.

— Ora, o Leão e o Unicórnio, é claro — respondeu o Rei.

— Lutando pela coroa?

— Sim, com certeza — falou o Rei. — E o melhor da piada é que é sempre pela minha coroa! Vamos correr e vê-los. — E partiram, Alice repetindo para si mesma, enquanto corria, as palavras da antiga canção:

Pela coroa lutavam o unicórnio e o leão:

O leão bateu no unicórnio por toda a cidade.

Alguns lhes deram branco, outros, integral, mas era tudo pão;

Alguns deram-lhes bolo de ameixa e os tamborilaram para fora com toda efetividade.

— Aquele... que... vence... consegue a coroa? — perguntou, o melhor que pôde, pois a corrida a deixava sem fôlego.

— Minha nossa, não! — exclamou o Rei. — Que ideia!

— Vossa Majestade se importaria... — disse Alice, ofegante, depois de correr um

pouco mais — de parar um minuto... apenas para recuperar o fôlego?

— Não me importaria nada — respondeu o Rei —, só que não sou forte o suficiente. Veja bem, um minuto passa tão terrivelmente rápido. Você também pode tentar impedir um Capturandam!

Alice não teve mais fôlego para conversar, então prosseguiram em silêncio, até que avistaram uma grande multidão, no meio da qual o Leão e o Unicórnio estavam brigando. Uma nuvem tão grande de poeira os envolvia que, a princípio, Alice não conseguiu distinguir qual era qual, mas logo discerniu o unicórnio pelo chifre.

Eles se postaram perto de onde Hatta, o outro Mensageiro, estava parado assistindo à luta, com uma xícara de chá em uma mão e uma fatia de pão com manteiga na outra.

— Ele acabou de sair da prisão e não havia terminado o chá quando foi levado — sussurrou Haigha para Alice. — E lá eles só servem conchas de ostras... então dá para ver que ele está com muita fome e sede. Como vai, caro amigo? — continuou ele, abraçando carinhosamente o pescoço de Hatta.

Hatta olhou em volta, assentiu e continuou a comer o pão com manteiga.

— Estava feliz na prisão, caro amigo? — indagou Haigha.

Hatta olhou em volta novamente, e dessa vez uma ou duas lágrimas escorreram por seu rosto. Porém, não disse uma palavra sequer.

— Fale logo! — gritou Haigha, impaciente. Mas Hatta apenas mastigou e bebeu um pouco mais de chá.

— Fale, vamos! — exclamou o Rei. — Como eles estão se saindo?

Hatta fez um esforço desesperado e engoliu um grande naco de pão com manteiga.

— Estão se saindo muito bem — respondeu com a voz embargada. — Cada um caiu cerca de oitenta e sete vezes.

— Então, imagino que logo trarão o pão branco e o pão integral? — Alice

atreveu-se a comentar.

— Está esperando por eles agora — replicou Hatta. — Estou comendo um pedacinho dele.

Houve uma pausa na luta naquele momento, e o Leão e o Unicórnio sentaram-se ofegantes, enquanto o Rei gritava:

— Dez minutos para que se alimentem!

Haigha e Hatta começaram a trabalhar de imediato, carregando bandejas de pães brancos e pães integrais. Alice pegou um pedaço para provar, mas estava muito seco.

— Acho que não vão continuar lutando hoje — comentou o Rei a Hatta. — Vá pedir que os tambores comecem. — E Hatta foi embora pulando como um gafanhoto.

In this style 10/6

Por um minuto ou dois, Alice ficou em silêncio observando-o. De repente, ela se iluminou:

— Olha, olha! — gritou, apontando com animação. — Lá vem a Rainha Branca correndo pela área! Veio voando pela floresta... como essas Rainhas correm rápido! — Há um inimigo atrás dela, sem dúvidas! — o Rei comentou, sem sequer olhar ao redor. — A floresta está cheia deles.

— Mas você não vai correr e ajudá-la? — indagou Alice, muito surpresa por ele estar tão calmo.

— Não adianta, não adianta! — respondeu o Rei. Ela corre tão terrivelmente rápido. Seria como tentar pegar um Capturandam! Mas, se desejar, farei uma anotação sobre ela... ela é uma Rainha boa e querida... — repetiu suavemente para si mesmo, ao abrir seu bloco de anotações. — “Rainha” se escreve com dois erres?

Nesse momento, o Unicórnio se aproximou, com as mãos nos bolsos.

— Desta vez eu ganhei? — perguntou ao Rei, lançando um olhar ao passar.

— Um pouco, um pouco — o Rei respondeu com nervosismo. — Não deveria tê-lo acertado com seu chifre, sabe.

— Não o machucou — contrapôs o Unicórnio, despreocupado, e ia prosseguindo quando seus olhos recaíram sobre Alice. Ele virou-se instantaneamente e a encarou por algum tempo com um ar da mais profunda repugnância. — O que é isso? — perguntou por fim.

— É uma criança! — respondeu Haigha, ansioso, postando-se em frente a Alice para apresentá-la e estendendo as duas mãos para ela em um comportamento anglo-saxão. — Só a encontramos hoje. Tamanho real e duas vezes mais natural.

— Sempre pensei que eram monstros fabulosos! — exclamou o Unicórnio. — Está viva?

— E sabe falar — observou Haigha, solenemente.

O Unicórnio a olhou de forma sonhadora, e pediu:

— Fale, criança.

Alice não pôde evitar que seus lábios se curvassem em um sorriso quando começou:

— Sabe, também sempre pensei que os Unicórnios eram monstros fabulosos! Nunca havia visto um vivo antes!

— Bem, agora que nos vimos — declarou o Unicórnio —, se acredita em mim, eu acredito em você. Acha um bom negócio?

— Sim, se desejar — respondeu Alice.

— Vamos, pegue o bolo de ameixa, velhote! — continuou o Unicórnio, virando-se para o Rei. — Não quero o seu pão integral!

— Certamente... certamente! — murmurou o Rei e acenou para Haigha. — Abra a sacola! — sussurrou. — Rápido! Não é essa, está cheia de hortaliças!

Haigha tirou um grande bolo da sacola e o entregou para Alice enquanto pegava um prato e uma faca. Como conseguiu tirar tudo aquilo dali, Alice não tinha a menor ideia. Era como um truque de mágica, ela pensou.

O Leão juntou-se a eles enquanto isso acontecia; parecia muito cansado, sonolento e seus olhos estavam semicerrados.

— O que é isso? — perguntou, piscando preguiçosamente para Alice e falando em um tom profundo e cavernoso que parecia o toque de um grande sino.

— Ah, o que é isso, agora? — exclamou o Unicórnio, ansioso. — Nunca vai adivinhar! Eu não consegui.

O Leão lançou um olhar cansado para Alice.

— Você é animal, vegetal ou mineral? — perguntou, bocejando em cada palavra.

— É um monstro fabuloso! — bradou o Unicórnio, antes que Alice pudesse responder.

— Então passe o bolo de ameixa, Monstro — pediu o Leão, deitando-se e colocando o queixo entre as patas. — E sentem-se, vocês dois — (para o Rei e para o Unicórnio). — Jogo justo com o bolo, vocês sabem!

Era evidente o desconforto do Rei ao se sentar entre as duas criaturas, mas não havia outro lugar para ele.

— Que briga poderíamos ter pela coroa agora! — comentou o Unicórnio, olhando tão maliciosamente para a coroa, que estava quase caindo da cabeça do Rei, de tanto que o pobrezinho estremecia.

— Eu ganharia com facilidade — declarou o Leão.

— Não tenho tanta certeza disso — replicou o Unicórnio.

— Ora, eu o bati por toda parte, seu covarde! — o Leão respondeu com raiva, levantando-se enquanto falava.

Nesse momento, o Rei interrompeu para impedir a discussão. Estava muito nervoso e sua voz tremia:

— Por toda a parte? — perguntou. — É uma distância e tanto. Passaram pela ponte velha ou pelo mercado? Se tem a melhor vista sobre a ponte velha.

— Tenho certeza de que não sei — rosnou o Leão quando deitou-se novamente. — Havia muita poeira para se conseguir ver qualquer coisa. Mas que demora desse Monstro para cortar o bolo!

Alice sentou-se na margem de um pequeno riacho, com o grande prato sobre os joelhos, e foi cortando diligentemente com a faca.

— É muito irritante! — disse ela, em resposta ao Leão (estava se acostumando a ser chamada de Monstro). — Já cortei várias fatias, mas elas sempre se juntam novamente!

— Você não sabe como dominar bolos no Espelho — observou o Unicórnio. — Entregue-o primeiro e depois corte-o.

Isso soou um absurdo, mas Alice se levantou muito obedientemente, levou o prato de volta e, ao fazer isso, o bolo se dividiu em três pedaços.

— Agora, corte-o — pediu o Leão, quando ela voltou ao seu lugar com o prato

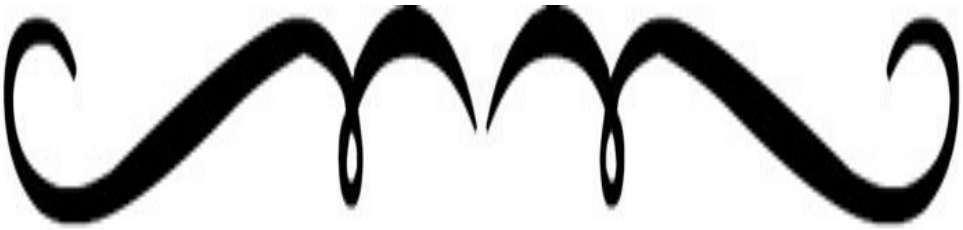
vazio.

— Digo que isso não é justo! — exclamou o Unicórnio, quando Alice se sentou, a faca em mãos, e muito confusa sobre como começar. — O monstro deu ao leão duas vezes mais do que a mim!

— Ela não pegou nenhum pedaço para si mesma — comentou o Leão. — Gosta de bolo de ameixa, Monstro?

Mas antes que Alice pudesse responder, os tambores começaram a rufar. Ela não conseguia entender de onde vinha o barulho. O ar parecia cheio dele, e ressoava em sua cabeça até que se sentisse ensurdecida. Começou a se levantar e saltou aterrorizada sobre o pequeno riacho, tendo tempo apenas de ver o Leão e o Unicórnio se levantarem, com olhares furiosos por terem seu banquete interrompido, antes de cair de joelhos e colocar as mãos sobre os ouvidos, tentando em vão silenciar o terrível tumulto.

“Se isso não os expulsar da cidade”, ela pensou consigo mesma, “nada mais irá!”



CAPÍTULO VIII

"É minha própria invenção"

Depois de um tempo, o barulho pareceu desaparecer gradualmente, até que tudo ficou no mais absoluto silêncio. Então, Alice levantou a cabeça, ligeiramente alarmada. Não havia ninguém a ser visto, e seu primeiro pensamento foi que devia ter sonhado com o Leão e o Unicórnio e com os talheres que ainda estavam aos seus pés, com os quais ela tentara cortar o bolo de ameixa. “Afinal de contas, não estava sonhando”, ela disse para si mesma. “A menos que... a menos que façamos parte do mesmo sonho. Só espero que seja o meu sonho, e não do Rei Vermelho!”, continuou ela em tom de queixa. “Sinto muita vontade de acordá-lo para ver o que ac ontece!”

Nesse momento, seus pensamentos foram interrompidos por um grito alto de “Olá! Olá! Xeque!”, e um Cavaleiro vestido com uma armadura carmesim passou por ela galopando, brandindo uma grande clava. No instante em que a alcançou, o cavalo parou de repente:

— Você é minha prisioneira! — o Cavaleiro gritou enquanto caía do cavalo.

Assustada como estava, Alice temia mais por ele do que por si mesma, e o observou com alguma ansiedade enquanto ele montava novamente. Assim que estava confortavelmente na sela, ele começou mais uma vez:

— Você é minha pris...

Porém, foi interrompido por outra voz, que disse:

— Olá! Olá! Xeque!

E Alice olhou em volta, surpresa com um novo inimigo.

Dessa vez era um Cavaleiro Branco. Ele parou ao lado de Alice e desceu do cavalo exatamente como o Cavaleiro Vermelho havia feito. Então voltou, e os dois Cavaleiros se sentaram e se entreolharam em silêncio por um tempo. Alice olhou com espanto de um para outro.

— Ela é minha prisioneira, sabe? — disse o Cavaleiro Vermelho por fim.

— Sim, mas depois eu vim e a salvei! — respondeu o Cavaleiro Branco.

— Bem, devemos lutar por ela, então — disse o Cavaleiro Vermelho e pegou seu elmo (que pendia da sela e tinha o formato de uma cabeça de cavalo), e o colocou.

— Respeitará as regras da batalha, certo? — questionou o Cavaleiro Branco, também colocando o elmo.

— Sempre as respeito — contrapôs o Cavaleiro Vermelho, e começaram a bater um no outro com tanta fúria que Alice se escondeu atrás de uma árvore para não ser atingida por um dos golpes.

“Pergunto-me, agora, quais são as regras da batalha”, disse para si mesma, enquanto assistia à luta, espiando timidamente de seu esconderijo. “Uma regra parece ser, que se um Cavaleiro bate no outro, ele o derruba do cavalo, e, se erra, cai de seu próprio cavalo. Outra regra parece ser que seguram suas clavas com os braços, como se fossem fantoches... Que barulheira fazem ao cair! Parecem um conjunto de atiçadores caindo sobre o guarda-fogo! E como os cavalos estão quietos! Permitem que montem e desmontem como se fossem mesas!”

Outra regra de batalha que Alice não havia notado, era de que pareciam sempre cair de cabeça, e a batalha terminou com os dois caindo dessa maneira, lado a lado. Quando se levantaram novamente, apertaram as mãos e então o Cavaleiro Vermelho subiu e partiu a galope.

— Foi uma vitória gloriosa, não foi? — perguntou o Cavaleiro Branco, quando se aproximou, ofegante.

— Não sei — respondeu Alice, incerta. — Não quero ser prisioneira de ninguém. Quero ser uma Rainha.

— Você será, assim que cruzar o próximo riacho — disse o Cavaleiro Branco. — Eu a levarei em segurança até o fim da floresta... e depois, preciso voltar, você sabe. É o fim do meu movimento.

— Muito obrigada — agradeceu Alice. — Posso ajudá-lo com seu elmo? — Estava evidente de que ele não daria conta de cuidar daquilo sozinho. Porém, ela finalmente conseguiu tirá-lo.

— Agora é mais fácil respirar — comentou o Cavaleiro, usando as duas mãos para jogar o cabelo desgrenhado para trás e virando o rosto gentil e os grandes

olhos suaves para Alice. Ela pensou que nunca tinha visto um soldado tão estranho em toda a sua vida.

Ele estava vestido com uma armadura de latão, que não parecia lhe servir muito bem, e havia uma caixinha de pinho com um formato estranho presa ao ombro, com a ponta virada para baixo e a tampa aberta. Alice fitou-a com grande curiosidade.

— Vejo que está admirando minha caixinha! — disse o Cavaleiro em tom amigável. — É minha própria invenção, para guardar roupas e sanduíches. Veja, eu a carrego de cabeça para baixo, para que a chuva não entre nela.

— Mas as coisas não podem cair? — questionou Alice com delicadeza. — Sabe que a tampa está aberta?

— Eu não sabia — respondeu o Cavaleiro, uma sombra de irritação cobrindo seu rosto. — Então todas as coisas caíram! E a caixa não serve de nada! — Enquanto falava, ele a tirou do ombro e estava prestes a jogá-la nos arbustos, quando um súbito pensamento pareceu atingi-lo, e ele pendurou a caixa cuidadosamente em uma árvore. — Consegue adivinhar por que fiz isso? — perguntou a Alice.

Alice negou com a cabeça.

— Na esperança de que algumas abelhas a transformem em uma colmeia, então terei mel.

— Mas você tem uma colmeia, ou algo parecido, preso à sela — comentou Alice.

— Sim, é uma colmeia muito boa — respondeu o Cavaleiro em um tom descontente. — Uma das melhores. Mas nenhuma abelha chegou perto ainda. E a outra coisa é uma ratoeira. Imagino que os ratos mantêm as abelhas afastadas... ou as abelhas mantêm os ratos afastados. Não sei qual dos dois.

— Estava me perguntando para que serve a ratoeira — disse Alice. — Não é muito provável que haja ratos no lombo de um cavalo.

— Talvez não seja muito provável — retrucou o Cavaleiro —, mas se aparecerem, prefiro que não fiquem correndo por aí. Sabe... — continuou após uma pausa. — É melhor estar preparado para tudo. É por esse motivo que o

cavalo tem todas aquelas tornozeleiras nas patas.

— Mas para que servem? — questionou Alice, denotando grande curiosidade.

— Para se protegerem de mordidas de tubarões — respondeu o Cavaleiro. — É uma invenção minha. E agora, me ajude. Vou até o fim da floresta com você. Para que serve o prato?

— É para o bolo de ameixa — respondeu Alice.

— É melhor levá-lo conosco — sugeriu o Cavaleiro. — Será útil se encontrarmos um bolo de ameixa. Ajude-me a colocá-lo nesta bolsa.

Demorou muito tempo para que conseguissem, embora Alice tenha mantido a bolsa aberta com muito cuidado, porque o Cavaleiro agia de forma muito desajeitada ao tentar guardar o prato: nas duas ou três primeiras vezes, caiu em si mesmo.

— Ficou bem apertado, você vê — desculpou-se quando finalmente conseguiram. — Há tantos castiçais na bolsa. — E ele a pendurou na sela, que já estava carregada de cenouras, atiçadores de fogo e muitas outras coisas. — Espero que seu cabelo esteja bem preso — continuou quando partiram.

— Apenas da maneira que o prendo sempre — Alice replicou, sorrindo.

— Isso não é o suficiente — respondeu ele, ansioso. — Sinta como o vento é forte aqui. É tão forte quanto uma sopa.

— Você tem um plano para impedir que meu cabelo esvoace? — perguntou Alice.

— Ainda não — respondeu o Cavaleiro. — Mas tenho um plano para impedir que caia.

— Gostaria muito de ouvir isso.

— Primeiro você pega uma vara vertical — explicou o Cavaleiro. — Então vai enrolando o cabelo nela, como uma árvore frutífera. Agora, o cabelo só cai porque fica pendurado... as coisas nunca caem para cima, sabe. É um plano de minha própria invenção. Você pode tentar se quiser.

Alice pensou que não parecia um plano confortável, e por alguns minutos continuou em silêncio, intrigada com a ideia. De vez em quando parava para ajudar o pobre Cavaleiro, que certamente não era bom em cavalgar.

Sempre que o cavalo parava (o que acontecia com muita frequência), ele caía na frente; e sempre que voltava a andar (o que geralmente acontecia repentinamente), ele ficava para trás. Caso contrário, continuava muito bem, exceto que tinha o hábito de cair de lado vez ou outra; e como geralmente pendia para o lado em que Alice estava andando, ela logo descobriu que o melhor a se fazer era manter certa distância do cavalo.

— Percebo que não tem muita prática em cavalgar — aventurou-se a dizer, ajudando-o a se levantar de seu quinto tombo.

O Cavaleiro pareceu muito surpreso e um pouco ofendido com o comentário.

— Por que diz isso? — perguntou, enquanto voltava para a sela, segurando o cabelo de Alice com uma mão, para evitar cair do outro lado.

— Porque, quando têm prática, as pessoas não caem com tanta frequência.

— Tenho muita prática! — bradou o Cavaleiro com muita seriedade. — Muita prática mesmo!

Alice não conseguiu pensar em nada melhor para dizer do que “De verdade?”, mas disse isso o mais cordialmente possível. Depois disso, permaneceram em silêncio enquanto seguiam, o Cavaleiro de olhos fechados, murmurando para si mesmo, e Alice em estado de alerta esperando o próximo tombo.

— A grande arte de cavalgar... — o Cavaleiro começou a falar de repente em uma voz alta, acenando com o braço direito enquanto falava — é manter...

Aqui a sentença terminou tão repentinamente quanto havia começado, pois o Cavaleiro caiu de cabeça pesadamente bem no local em que Alice estava. Desta vez, ela ficou assustada e disse, em um tom ansioso, quando o levantou:

— Espero que nenhum osso esteja quebrado!

— Nenhum importante — respondeu o Cavaleiro como se não se importasse em quebrar dois ou três ossos. — A grande arte de cavalgar, como estava dizendo, é

manter o equilíbrio corretamente. Assim, preste atenção...

Ele soltou a rédea, e esticou os dois braços para mostrar a Alice o que ele queria dizer, e, dessa vez, caiu de costas, bem embaixo das patas do cavalo.

— Muita prática? — repetia sempre que Alice o colocava de pé novamente. — Muita prática!

— Isso é ridículo! — bradou Alice, perdendo toda a paciência de uma vez. — Você deveria ter um cavalo de madeira com rodinhas, isso sim!

— Será que esse tipo cavalga mais suavemente? — indagou o Cavaleiro em tom de grande interesse, passando os braços em volta do pescoço do cavalo enquanto falava, bem a tempo de se salvar de cair novamente.

— Muito mais suavemente do que um cavalo de verdade — respondeu Alice, soltando um risinho, apesar de tudo que fez para evitá-lo.

— Vou arranjar um — disse o Cavaleiro para si mesmo, perdido em pensamentos. — Um ou dois, ou vários.

Houve um breve silêncio depois disso, e então o Cavaleiro tornou a falar:

— Tenho uma boa mão para inventar as coisas. Agora, acho que percebeu que, na última vez em que me pegou, eu estava parecendo bastante pensativo?

— Você pareceu mesmo um pouco sério — concordou Alice.

— Bem, naquele momento eu estava inventando uma nova maneira de passar por cima de um portão... gostaria de ouvi-la?

— Certamente — respondeu Alice com educação.

— Vou lhe contar como tive a ideia — falou o Cavaleiro. — Veja, eu disse a mim mesmo: “A única dificuldade está nos pés, a cabeça já está alta o suficiente”. Agora, primeiro coloco minha cabeça no topo do portão... depois fico de pé... depois os pés estão altos o suficiente, você vê... então passei para o outro lado, entendeu?

— Sim, imagino que passaria para o outro lado quando isso fosse feito —

observou Alice, pensativa. — Mas não acha que seria um pouco difícil?

— Ainda não tentei — o Cavaleiro retrucou seriamente. — Então não posso ter certeza... mas temo que seja mesmo um pouco difícil.

Ele parecia tão irritado com a ideia, que Alice mudou de assunto às pressas:

— Que elmo curioso você tem! — exclamou alegremente. — Essa invenção também é sua?

O Cavaleiro lançou um olhar orgulhoso para o elmo pendurado na sela.

— É, sim — ele concordou. — Mas inventei um melhor do que esse... parecido com um pão de açúcar. Quando costumava usá-lo, se eu caísse do cavalo, ele sempre tocava o chão primeiro. Então a queda era muito curta, entende... Mas havia o perigo de cair dentro dele, e isso aconteceu comigo uma vez. E o pior foi que, antes que eu pudesse sair novamente, outro Cavaleiro Branco veio e o colocou. Ele achou que era o seu próprio elmo.

O cavaleiro parecia tão solene que Alice não se atreveu a rir.

— Acho que você deve tê-lo machucado — comentou com voz trêmula —, já que estava no topo da cabeça dele.

— Tive que chutá-lo, é claro — explicou o Cavaleiro com muita seriedade. — E então ele tirou o elmo novamente... mas levou horas e horas para me tirar. Eu era tão rápido quanto um raio, sabe.

— Mas esse é um tipo diferente de rapidez — objetou Alice.

O Cavaleiro balançou a cabeça.

— Era todo o tipo de rapidez, posso garantir! — bradou ele e ergueu as mãos, um pouco agitado.

Enquanto dizia isso, escorregou da sela e caiu de cabeça em uma vala profunda. Alice correu para o lado da vala para procurá-lo. Tinha ficado bastante assustada com a queda, pois ele se manteve muito bem durante algum tempo, e ela temeu que realmente tivesse se machucado dessa vez. Todavia, embora não visse nada além das solas dos pés, ficou muito aliviada ao ouvir que ele falava em seu tom

habitual:

— Todos os tipos de rapidez — repetiu ele —, mas foi negligente da sua parte colocar o elmo de outro homem, com o homem nele também!

— Como pode continuar falando tão calmamente, de cabeça para baixo? — perguntou Alice enquanto o arrastava pelos pés e o deitava em um montinho na borda da vala.

O Cavaleiro pareceu surpreso com a pergunta.

— O que importa onde meu corpo está? — indagou. — Minha mente continua trabalhando da mesma forma. De fato, quanto mais estou de cabeça para baixo, mais invento coisas novas. Agora, a coisa mais esperta que já fiz — continuou depois de uma pausa — foi inventar um novo pudim enquanto a carne era servida.

— A tempo de prepará-lo para ser o próximo prato? — perguntou Alice.

— Bem, não o próximo prato — respondeu o Cavaleiro em tom lento e pensativo. — Não, certamente não.

— Então teria quer ser no dia seguinte. Imagino que não tenha dois pratos de pudim em um jantar?

— Bem, não no dia seguinte — repetiu o Cavaleiro. — Não, certamente não. Na verdade... — prosseguiu, pendendo a cabeça para frente, a voz ficando cada vez mais baixa. — Não acredito que o pudim já tenha sido preparado alguma vez! Nem que será preparado um dia! E, no entanto, foi um pudim muito inteligente de se inventar.

— O que quer dizer com isso? — quis saber Alice, na esperança de animá-lo, pois o pobre Cavaleiro não parecia muito animado com isso.

— Começou com papel mata-borrão — respondeu o Cavaleiro com um gemido.

— Temo que isso não seria muito agradável...

— Não é muito agradável sozinho — ele interrompeu, ansioso. — Mas você não sabe a diferença que faz misturá-lo com outras coisas... como pólvora e lacre de

cera. E aqui, devo deixá-la. — Eles haviam acabado de chegar ao fim da floresta.

Alice pareceu um tanto confusa, já que estava pensando no pudim.

— Você está triste — comentou o Cavaleiro em tom ansioso. — Deixe-me cantar uma canção para confortá-la.

— É muito longa? — perguntou Alice, pois ouvira muita poesia naquele dia.

— É longa — respondeu o Cavaleiro. — Mas é muito, muito bonita. Todo mundo que me ouve cantar fica com lágrimas nos olhos, ou então...

— Ou então o quê? — questionou Alice, pois o Cavaleiro fez uma pausa repentina.

— Ou então não fica, entende. O nome da canção é chamado de “Os olhos do peixe”.

— Ah, esse é o nome da música, não é? — perguntou Alice, tentando se interessar.

— Não, você não entende — retorquiu o Cavaleiro, parecendo um pouco irritado. — É assim que o nome é chamado. O nome de verdade é “O envelhecido homem velho”.

— Então eu deveria ter dito “é assim que a canção é chamada”? — Alice se corrigiu.

— Não, você não deveria. Isso é outra coisa! A canção é chamada de “Caminhos e meios”. Mas isso é apenas como é chamada, entende?

— Bem, qual é a canção, então? — perguntou Alice, porque já estava bastante desconcertada.

— Estava quase chegando lá — respondeu o Cavaleiro. — A canção realmente se chama “Sentado no portão”, e é minha própria invenção.

Dito isso, ele parou o cavalo e soltou as rédeas sobre o pescoço do animal. Então, marcando o compasso lentamente com a mão, e com um leve sorriso iluminando seu rosto gentil e tolo, como se gostasse da melodia de sua música,

ele começou.

De todas as coisas estranhas que Alice viu em sua jornada através do Espelho, era dessa que se lembrava com mais clareza. Anos mais tarde, ela era capaz de trazer a cena à tona como se tivesse sido ontem: os olhos azuis suaves e o sorriso gentil do Cavaleiro, o sol poente brilhando em seus cabelos e fazendo a armadura reluzir com um facho de luz que a deslumbrou, o cavalo se movendo silenciosamente, com as rédeas soltas no pescoço, comendo a grama aos pés dela, e as sombras negras da floresta atrás... tudo isso ela gravou na memória como um quadro, quando, com uma mão protegendo os olhos, apoiou-se em uma árvore, observando o estranho par e ouvindo, em meio a um sonho, a melancólica melodia da canção.

“Mas a melodia não é uma invenção dele”, disse a si mesma. “É ‘Eu lhe dou tudo, não posso dar mais’”. Ela se levantou e ouviu com muita atenção, mas nenhuma lágrima surgiu em seus olhos.

Vou lhe contar tudo o que puder;

Há pouco a se relacionar.

Eu vi um homem envelhecido,

Sentado em um portão.

Quem é você, homem velho?

Eu disse. “E como é que você mora?”

E a resposta dele escorreu pela minha cabeça

Como a água através de uma peneira.

Ele disse: “Eu procuro borboletas

Que dormem no meio do trigo:

Eu as faço em tortas de carneiro,

E vendo na rua.

“Eu os vendo para homens”, ele disse,

“Que navegam em mares tempestuosos;

E é assim que eu ganho meu pão...

Um pouco, por favor.

Mas eu estava pensando em um plano

Para pintar os bigodes de verde,

E sempre use um ventilador tão grande

Que eles não podiam ser vistos.

Então, não tendo resposta para dar

Para o que o velho disse,

Eu pedi: “Venha, me diga como você vive!”

E bateu na cabeça dele.

Seus sotaques leves retomaram a história:

Ele disse: “Eu vou no meu caminho,

E quando eu encontro um riacho na montanha,

Eu coloquei em chamas;

E daí eles fazem coisas que chamam

Óleo de Macassar da Rolands...

No entanto, dois centavos, um centavo é tudo

Que me dão pelo meu trabalho.

Mas eu estava pensando em uma maneira

Para me alimentar de massa,

E assim continuo dia após dia

Ficando um pouco mais gordo.

Eu o sacudi de um lado para o outro,

Até seu rosto ficar azul:

"Venha, me diga como você vive", implorei,

"E o que você faz!"

Ele disse: "Eu procuro os olhos de peixe"

Entre a urze brilhante,

E trabalhe-os nos botões do colete

Na noite silenciosa.

E estes eu não vendo por ouro

Ou moeda de brilho prateado

Mas por um centavo de cobre,

E isso vai comprar nove.

“Às vezes eu gosto de pãezinhos amanteigados,

Ou defina galhos calados para caranguejos;

Às vezes eu procuro as colinas gramadas

Para rodas de cabines Hansom.

E é assim” (ele piscou)

“Que recebo minha riqueza...

E com muito prazer vou beber

Saúde à honra da nobreza.”

Eu o ouvi então, porque eu tinha acabado de

Concluir meu plano

Para impedir a ponte Menai de enferrujar

Ao ferver em vinho.

Agradeci muito por me dizer

A maneira como ele conseguiu sua riqueza,

Mas principalmente por seu desejo de

Poder beber pela saúde da nobreza.

E agora, se por acaso

Coloquei meus dedos na cola

Ou apertei loucamente um pé direito

Em um sapato esquerdo,

Ou se eu cair no meu pé

Um peso muito pesado,

Eu choro, porque isso me lembra

Daquele velho homem que eu conhecia...

Cujo olhar era suave, cuja fala era lenta,

Cujo cabelo era mais branco que a neve,

Cujo rosto era muito parecido com um corvo,

Com olhos, como cinzas, todos brilhando,

Que parecia distraído com sua aflição,

Que balançava seu corpo para lá e para cá,

E murmurava baixo,

Como se sua boca estivesse cheia de massa,

Que bufou como um búfalo...

Naquela noite de verão, há muito tempo,

Sentado em um portão.

Enquanto o Cavaleiro cantava as últimas palavras da canção, pegou as rédeas e virou a cabeça do cavalo para a estrada por onde haviam chegado.

— Você tem que percorrer apenas alguns metros — avisou ele —, descendo a colina e atravessando aquele pequeno riacho. E então será uma Rainha... Mas ficará para me ver ir embora primeiro? — acrescentou ele, quando Alice lançou um olhar ansioso para a direção que ele havia apontado. — Não vai demorar. Você vai esperar e acenar com o lenço quando eu chegar àquela curva na estrada? Acho que isso vai me incentivar, sabe.

— É claro que vou esperar — respondeu Alice. — E muito obrigada por ter me trazido tão longe... e pela canção... gostei muito.

— Espero que sim — replicou o Cavaleiro, em tom incerto. — Mas você não chorou tanto quanto eu pensei que fosse chorar.

Então eles apertaram as mãos e o Cavaleiro cavalgou lentamente em direção à floresta. “Não vou demorar muito para vê-lo ir embora”, Alice disse para si mesma, enquanto o observava.

— Lá vai ele! Bem de cabeça, como sempre! Mas se recupera com muita facilidade... isso que dá ter tantas coisas penduradas no cavalo...

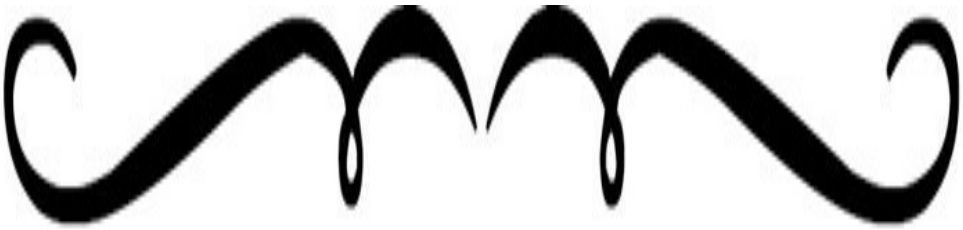
Então ela continuou falando sozinha, enquanto observava o cavalo trotando vagarosamente pela estrada, e o Cavaleiro caindo, primeiro de um lado, depois do outro. Depois da quarta ou quinta queda, ele alcançou a curva, então ela acenou com o lenço e esperou até ele sumir de vista.

— Espero que isso o tenha incentivado — disse ao se virar para descer a colina. — E agora, o último riacho... e então serei uma Rainha! Parece algo tão grandioso! — Deu alguns passos e chegou à beira do riacho. — Finalmente, Oitava Casa! — gritou ao atravessar o riacho; então, para descansar, jogou-se em um gramado macio como musgo, com pequenos canteiros espalhados aqui e ali. — Oh, estou tão feliz por estar aqui! E o que é isso na minha cabeça? — exclamou em tom de consternação quando suas mãos pousaram em algo muito pesado e o ajeitaram em volta da cabeça.

“Mas como pode ter chegado lá sem que eu soubesse?”, ela disse para si mesma,

enquanto se levantava e colocava o objeto no colo para descobrir o que poderia ser.

Era uma coroa de ouro.



CAPÍTULO IX

Rainha Alice

— B em, isso é maravilhoso! — exclamou Alice. — Nunca pensei que seria Rainha tão cedo... e lhe digo mais, Vossa Majestade... — continuou ela em tom severo (sempre gostara de se repreender) — Não é de bom tom refestelar-se de um lado para o outro na grama! As rainhas têm que ser dignas, entende!

Então levantou-se e caminhou – com rigidez, a princípio, pois temia que a coroa pudesse cair. Porém, pensou que não havia ninguém para vê-la e isso lhe trouxe certo conforto.

— E, se de fato sou uma Rainha — disse, sentando-se de novo —, serei capaz de lidar com isso muito bem, com o passar do tempo.

Tudo estava acontecendo tão estranhamente que ela não ficou nem um pouco surpresa ao encontrar a Rainha Vermelha e a Rainha Branca sentadas perto dela, uma de cada lado. Teria gostado muito de perguntar como haviam chegado ali, mas receou que não seria muito educado de sua parte. Pensou, porém, que não faria mal perguntar se o jogo havia terminado.

— Por favor, diga-me... — começou, olhando timidamente para a Rainha Vermelha.

— Só fale quando alguém lhe dirigir a palavra! — A Rainha interrompeu bruscamente.

— Mas se todos obedecessem a essa regra — retorquiu Alice, pois estava sempre pronta para uma pequena discussão —, e se só falasse quando lhe dirigissem a palavra, e a outra pessoa ficasse esperando que você desse início à conversa, veja que ninguém jamais dirá qualquer coisa, então...

— Ridículo! — exclamou a Rainha. — Ora, você não vê, criança... — E aqui ela se interrompeu e franziu o cenho; depois de pensar por um minuto, mudou o assunto de forma repentina. — O que quer dizer com “Se de fato sou uma Rainha”? Que direito tem para se chamar assim? Só pode virar Rainha depois de passar no exame adequado. E quanto mais cedo começarmos, melhor.

— Eu apenas disse “se”! — defendeu-se a pobre Alice em um tom piedoso. As duas Rainhas se entreolharam e a Rainha Vermelha estremeceu ligeiramente e comentou:

— Ela diz que só disse “se”...

— Mas ela disse muito mais do que isso! — lastimou-se a Rainha Branca, torcendo as mãos. — Oh! Muito mais do que isso!

— Fez mesmo, sabe — afirmou a Rainha Vermelha para Alice. — Sempre fale a verdade... pense antes de falar, e depois anote o que falou.

— Tenho certeza de que não foi o que quis dizer... — começou Alice, mas a Rainha Vermelha a interrompeu com impaciência.

— É disso que reclamo! Você deveria ter certeza! Para que você acha que serve uma criança que não tem certeza do que diz? Até uma piada deve dizer alguma coisa... e uma criança é mais importante que uma piada, acredito. Você não poderia negar isso, mesmo se tentasse com as duas mãos.

— Não nego as coisas com as mãos — objetou Alice.

— Ninguém disse que o faz — retrucou a Rainha Vermelha. — Eu disse que não conseguiria, mesmo que tentasse.

— Ela está nesse estado de espírito — comentou a Rainha Branca —, em que se deseja negar algo... só que não sabe o que negar!

— Um temperamento desagradável e cruel — observou a Rainha Vermelha, e então seguiu-se um silêncio desconfortável por um minuto ou dois.

A Rainha Vermelha quebrou o silêncio dizendo à Rainha Branca:

— Convido você para o jantar de Alice hoje à tarde.

A Rainha Branca abriu um sorriso débil e disse:

— E eu convido você.

— Não sabia que deveria ter uma festa — comentou Alice. — Mas, se houver, acho que eu devo convidar as pessoas.

— Nós lhe demos a oportunidade de fazer isso — observou a Rainha Vermelha —, mas acho que ainda não teve muitas aulas de boas maneiras, não é mesmo?

— Não há aulas para aprender sobre boas maneiras — retrucou Alice. — As aulas ensinam a fazer contas e coisas desse tipo.

— E você faz adição? — perguntou a Rainha Branca. — Quanto é um mais um mais um mais um mais um mais um mais um mais um mais um mais um mais um?

— Não sei — respondeu Alice. — Perdi a conta.

— Ela não consegue fazer adição — a Rainha Vermelha interrompeu.

— Consegue subtrair? Tire nove de oito.

— Nove de oito, eu não consigo — respondeu Alice muito prontamente. — Mas...

— Ela não consegue subtrair — afirmou a Rainha Branca. — Consegue fazer divisão? Divida um pão por uma faca. Qual é a resposta para isso?

— Suponho... — Alice estava começando, mas a Rainha Vermelha respondeu por ela:

— Pão com manteiga, é claro. Tente outra subtração. Tire o osso de um cachorro: o que resta?

Alice ponderou. “Se eu pegasse o osso, ele não restaria, é claro... e o cachorro não restaria, pois viria me morder... e tenho certeza de que eu também não restaria!”

— Então você acha que não restaria nada? — indagou a Rainha Vermelha.

— Acho que essa é a resposta.

— Errado, como sempre — retrucou a Rainha Vermelha. — Restaria a raiva do cachorro.

— Mas não vejo como...

— Ora, olhe aqui! — exclamou a Rainha Vermelha. — O cachorro perderia a paciência, não é?

— Talvez — respondeu Alice com cautela.

— Então, se o cachorro fosse embora, restaria sua raiva! — a Rainha bradou, triunfante.

Alice disse o mais seriamente que pôde:

— Eles podem seguir caminhos diferentes. — Mas não pôde deixar de pensar consigo mesma: “Que coisa mais absurda estamos dizendo!”

— Ela não consegue fazer conta nenhuma! — exclamaram as duas Rainhas com grande ênfase.

— E você por acaso consegue? — perguntou Alice, virando-se repentinamente para a Rainha Branca, pois não gostava de ser tão criticada.

A Rainha ofegou e fechou os olhos.

— Consigo fazer adição, se me der tempo... mas não sou capaz de subtrair de forma alguma!

— E é claro que conhece o ABC? — questionou a Rainha Vermelha.

— Certamente que sim — respondeu Alice.

— Eu também sei — sussurrou a Rainha Branca. — Muitas vezes os recitamos juntas, querida. E vou lhe contar um segredo: posso ler palavras de uma letra só! Não é maravilhoso? Mas não desanime. Com o tempo você também conseguirá.

A Rainha Vermelha começou de novo:

— Você pode responder a perguntas úteis? Como o pão é feito?

— Isso eu sei! — respondeu Alice com um gritinho ansioso. — É só pegar um pouco de farinha e...

— Onde você colhe a farinha? — perguntou a Rainha Branca. — Em um jardim ou nas cercas vivas?

— Bem, em nenhum desses lugares — explicou Alice. — Ela não é colhida, é moída.

— De tanto levar pancada? — indagou a Rainha Branca. — Não deve deixar de explicar tantas coisas.

— Abane a cabeça dela! — A Rainha Vermelha interrompeu ansiosamente. — Ela ficará febril de tanto pensar.

Então começaram a abaná-la com várias folhas, até que Alice precisou implorar que parassem, de tanto que seus cabelos estavam esvoaçando.

— Ela voltou a ficar bem — afirmou a Rainha Vermelha. — Você sabe idiomas? Como é fiddle-de-dee em francês?

— Não existe fiddle-de-dee nem em inglês — respondeu Alice em tom sério.

— Quem disse que tinha? — debateu a Rainha Vermelha.

Dessa vez, Alice achou que tinha encontrado a chave para o enigma.

— Se me disser de qual idioma é “fiddle-de-dee”, lhe direi a palavra em francês! — exclamou triunfante.

Mas a Rainha Vermelha se endireitou com rigidez e declarou:

— Rainhas nunca barganham.

“Gostaria que as Rainhas nunca fizessem perguntas”, pensou Alice.

— Não vamos brigar — pediu a Rainha Branca em um tom ansioso. — O que causa os raios?

— O que causa os raios — Alice começou a responder de forma decidida, pois tinha certeza disso — é o trovão... não, não! — Ela se corrigiu rapidamente. — Quis dizer o contrário.

— É tarde demais para corrigir-se — observou a Rainha Vermelha. — Quando já disse alguma coisa, que depois corrige, você deve lidar com as consequências.

— Com isso me lembrei... — disse a Rainha Branca, olhando para baixo e abrindo e fechando as mãos de forma nervosa. — Que tivemos uma tempestade terrível na terça-feira passada... ou seja, uma das últimas terças-feiras, você sabe.

Alice ficou intrigada.

— De onde eu venho — comentou — há apenas um dia de cada vez.

A Rainha Vermelha retrucou:

— Essa é uma forma deplorável de fazer as coisas. Aqui, por outro lado, geralmente temos dias e noites de dois ou três a cada vez, e, vez ou outra, temos até cinco noites juntas no inverno... para nos aquecermos, entende.

— Cinco noites aquecem mais do que uma noite? — Alice se aventurou a perguntar.

— Aquecem cinco vezes mais, é claro.

— Mas devem esfriar cinco vezes mais, pela mesma regra.

— Isso também! — exclamou a Rainha Vermelha. — Aquecem cinco vezes mais e esfriam cinco vezes mais... assim como sou cinco vezes mais rica do que você, e cinco vezes mais inteligente!

Alice suspirou e resolveu deixar aquilo para lá. “É exatamente como um enigma

sem resposta!”, pensou.

— Humpty Dumpty também viu — continuou a Rainha Branca em voz baixa, como se estivesse falando sozinha. — Ele chegou à porta com um saca-rolhas na mão.

— O que ele queria? — perguntou a Rainha Vermelha.

— Disse que entraria — continuou a Rainha Branca — porque estava procurando um hipopótamo. Agora, por acaso, naquela manhã não havia tal coisa em casa.

— E geralmente há? — quis saber Alice, um pouco surpresa.

— Bem, apenas às quintas-feiras — respondeu a Rainha.

— Sei por que ele apareceu — disse Alice. — Ele queria punir o peixe, porque...

Então a Rainha Branca tornou a falar:

— Foi uma tempestade e tanto, você nem faz ideia! — (“Ela nunca conseguiria mesmo, sabe”, disse a Rainha Vermelha.) — E parte do telhado caiu, e um trovão entrou, e ficou a rolar pela sala... e derrubou as mesas e outras coisas... até que fiquei tão assustada que não conseguia nem lembrar qual era meu nome!

Alice pensou consigo mesma: “Eu nunca tentaria lembrar meu nome no meio de um acidente! Para que isso serviria?”, mas não disse isso em voz alta, por medo de ferir o sentimento da pobre Rainha.

— Vossa Majestade deve desculpá-la — falou a Rainha Vermelha a Alice, envolvendo uma das mãos da Rainha Branca e a acariciando com delicadeza. — Ela tem boas intenções, mas não consegue evitar de dizer tolices, como regra geral.

A Rainha Branca olhou timidamente para Alice, que sentiu que deveria dizer algo gentil, mas realmente não conseguia pensar em nada no momento.

— Ela nunca foi muito educada — continuou a Rainha Vermelha —, mas tem um humor dos mais incríveis! Dê um tapinha na cabeça dela e veja como ela ficará satisfeita!

Mas Alice não tinha coragem de fazer tal coisa.

— Um pouco de gentileza... e arrumar-lhe os cabelos... Isso faria maravilhas para ela. — A Rainha Branca deu um suspiro profundo e deitou a cabeça no ombro de Alice. — Estou com tanto sono! — gemeu.

— Ela está cansada, pobrezinha! — apiedou-se a Rainha Vermelha. — Alise o cabelo dela... empreste sua touca de dormir... e cante uma canção de ninar reconfortante.

— Não trouxe nenhuma touca de dormir — respondeu Alice, enquanto tentava obedecer à primeira instrução. — E não conheço nenhuma canção de ninar reconfortante.

— Devo fazer isso sozinha, então — retrucou a Rainha Vermelha, e começou:

Silêncio, senhoras, e se ponham no colo de Alice a repousar!

Até que o banquete esteja pronto, há tempo para uma soneca tirar:

Quando o banquete chegar ao fim, para o baile partiremos...

Rainha Vermelha, Rainha Branca, e Alice, e com a festa comecemos!

— E agora você conhece as palavras — acrescentou ela, enquanto apoiava a cabeça no outro ombro de Alice. — Cante para mim. Também estou ficando com sono. — No instante seguinte, as duas Rainhas estavam dormindo profundamente e roncando alto.

— O que devo fazer? — indagou Alice, olhando com grande perplexidade, enquanto a primeira cabeça, e depois a outra, rolavam do ombro e caíam como um caroço em seu colo. — Acho que nunca aconteceu de alguém ter que cuidar de duas rainhas adormecidas de uma só vez! Não, não em toda a Inglaterra... não poderia, você sabe, porque nunca houve mais de uma Rainha por vez. Acordem, suas coisas pesadas! — continuou em um tom impaciente, mas não houve resposta a não ser um ronco suave.

O ronco ficava mais distinto a cada minuto, e parecia mais com uma melodia. Por fim, ela conseguiu entender as palavras e ouviu com tanta ansiedade que, quando as duas grandes cabeças desapareceram de seu colo, ela quase não deu falta delas.

Estava em pé diante de uma porta em arco, sobre a qual estavam as palavras “RAINHA ALICE” em letras grandes, e em cada lado do arco havia uma sineta. Uma foi marcada como “Sineta dos Visitantes” e a outra como “Sineta dos Serviçais”.

“Esperarei até que a canção termine”, pensou Alice, “e depois tocarei... qual sineta devo tocar?”, continuou ela, muito intrigada com os nomes. “Não sou uma visitante, e não sou uma serviçal. Deveria haver uma marcada como ‘Rainha’, sabe...”

Nesse momento, uma fresta da porta se abriu e uma criatura com bico longo ergueu a cabeça por um momento e disse: “Não poderá entrar até a semana seguinte!” e fechou a porta com um estrondo.

Alice bateu na porta e tocou a sineta em vão por um longo tempo, mas, por fim, um sapo muito velho, que estava sentado debaixo de uma árvore, levantou-se e coxeou lentamente em sua direção. Trajava uma roupa de um amarelo brilhante e usava botas enormes.

— O que é isso agora? — questionou o Sapo em um sussurro profundo e rouco.

Alice se virou, pronta para culpar alguém.

— Onde está a criada cuja tarefa é atender a porta? — começou com raiva.

— Qual porta? — perguntou o Sapo.

Alice quase bateu o pé de tão irritada que estava com a lentidão do Sapo.

— Esta porta, é claro! — retrucou ela.

O Sapo olhou para a porta com os olhos grandes e embotados por um minuto. Depois, aproximou-se e a esfregou com o polegar, como se tentasse conferir se a tinta sairia; então olhou para Alice.

QUEEN ALICE

— Para atender a porta? — perguntou. — O que está pedindo? — Seu tom era tão cavernoso que Alice mal conseguia ouvi-lo.

— Não sei o que quer dizer — ela respondeu.

— Eu falo inglês, não é? — continuou o Sapo. — Ou você é surda? O que a porta pediu a você?

— Nada! — bradou Alice, impaciente. — Estive batendo nela!

— Não deveria fazer isso, não deveria fazer isso — o Sapo murmurou. — Isso a deixa irritada, sabe... — Então ele pulou e deu um chute na porta com um de seus grandes pés. — Deixe-a em paz — disse, ofegante, enquanto coxeava de volta para sua árvore — e deixará você em paz, entende?

Nesse momento, a porta foi aberta e ouviu-se uma voz estridente a cantar:

Para o mundo dos espelhos, Alice foi quem disse:

“Eu tenho um cetro na mão, uma coroa na cabeça;

Deixe as criaturas do espelho, sejam elas quais forem,

Venha jantar com a Rainha Vermelha, a Rainha Branca e eu.”

E centenas de vozes se juntaram no refrão:

Encha os copos o mais rápido possível,

E polvilhe a mesa com botões e farelo:

Coloque gatos no café e ratos no chá...

E dê as boas-vindas à rainha Alice trinta vezes três vezes!

Então seguiu-se uma confusão de aplausos, e Alice pensou consigo mesma: “Trinta vezes três faz noventa. Será que alguém está contando?” Em um minuto, fez-se silêncio novamente, e a mesma voz estridente cantou outro verso:

“Ó criaturas de espelho”, diz Alice, “aproximem-se!

É uma honra me ver, um favor em ouvir:

É um privilégio elevado jantar e tomar chá

Junto com a Rainha Vermelha, a Rainha Branca e eu!”

E então o refrão mais uma vez:

Encha os copos com melaço e tinta,

Ou qualquer outra coisa agradável de beber:

Misture areia com a cidra e lã com o vinho...

E receba a rainha Alice noventa vezes nove!

— Noventa vezes nove! — Alice repetiu em desespero,.— Oh, isso nunca vai acabar! É melhor eu entrar de uma vez! — E fez-se um silêncio mortal no momento em que ela apareceu.

Alice lançou um olhar nervoso pela mesa, enquanto caminhava pelo grande corredor, e notou que havia cerca de cinquenta convidados de todos os tipos: alguns eram animais, outros aves, e havia até algumas flores. “Fico feliz que tenham vindo sem esperar pelo convite”, pensou ela: “Eu nunca saberia a quem convidar!”

Havia três cadeiras na cabeceira da mesa; as Rainhas Vermelha e Branca já haviam ocupado duas delas, mas a do meio estava vazia. Alice sentou-se nela, um pouco desconfortável no silêncio, e desejando que alguém falasse.

Por fim, a Rainha Vermelha começou:

— Você perdeu a sopa e o peixe — disse ela. — Coloquem os pratos! — E os garçons colocaram uma perna de carneiro diante de Alice, que a olhou com ansiedade, pois nunca precisara cortar uma carne antes.

— Você parece um pouco tímida. Deixe-me apresentá-la a essa perna de carneiro — disse a Rainha Vermelha. — Alice, perna de carneiro; perna de carneiro, Alice. A perna de carneiro levantou-se no prato e fez uma pequena reverência para Alice; e Alice devolveu a saudação, sem saber se devia sentir-se assustada ou empolgada.

— Posso lhes oferecer uma fatia? — perguntou ela, pegando a faca e o garfo e olhando de uma Rainha para a outra.

— Certamente que não — declarou a Rainha Vermelha de forma decidida. — Não é de bom tom cortar algo a quem você foi apresentada. Remova o prato! — E os garçons o levaram e trouxeram um grande pudim de ameixa em seu lugar.

— Não serei apresentada ao pudim, certo? — pediu Alice às pressas. — Ou então não conseguiremos jantar! Posso lhes oferecer um pouco?

Mas a Rainha Vermelha parecia mal-humorada e rosnou:

— Pudim... Alice; Alice... pudim. Retire o pudim!

E os garçons o levaram tão rápido que Alice nem conseguiu retribuir a saudação.

Não entendia, porém, por que a Rainha Vermelha deveria ser a única a dar ordens. Então, resolveu tentar algo e chamou:

— Garçom! Traga o pudim de volta! — E lá estava novamente, como em um passe de mágica. Era tão grande que ela não pôde deixar de se sentir um pouco tímida diante dele, como tinha estado com o carneiro. Todavia, superou a timidez com grande esforço, cortou uma fatia e a entregou à Rainha Vermelha.

— Que impertinência! — exclamou o Pudim. — Gostaria de saber o que acharia se eu cortasse uma fatia sua, criaturinha! — bradou com uma voz grossa e segura, e Alice não soube como responder: tudo o que lhe restou foi sentar-se, olhar para ele e suspirar.

— Diga alguma coisa! — sugeriu a Rainha Vermelha. — É ridículo deixar toda a conversa a encargo do pudim!

— Sabe, recitaram-me tantas poesias para mim hoje — começou Alice, um

pouco assustada ao descobrir que, assim que abriu os lábios, fez-se um silêncio mortal e todos os olhos fixaram-se nela. — E é uma coisa muito curiosa, eu acho... pois todos os poemas eram sobre peixes, de um modo ou de outro. Você sabe por que eles gostam tanto de peixes por aqui?

Ela se dirigiu à Rainha Vermelha, cuja resposta fugiu um pouco do propósito.

— Quanto aos peixes — começou ela de forma muito lenta e solene, aproximando a boca do ouvido de Alice —, Vossa Majestade Branca conhece um enigma adorável... todo em poesia... todo sobre peixes. Deveria ela recitá-lo?

— Vossa Majestade Vermelha é muito gentil em mencionar isso — a Rainha Branca cochichou no outro ouvido de Alice, em uma voz como o arrulhar de um pombo. — Seria um prazer! Posso?

— Por favor — respondeu Alice educadamente. A Rainha Branca soltou um risinho animado e acariciou a bochecha de Alice. Então começou:

“Primeiro, o peixe deve ser capturado.”

Isso é fácil: acho que um bebê poderia ter pegado.

“Em seguida, o peixe deve ser comprado.”

Isso é fácil: acho que um centavo o teria comprado.

“Agora cozinhe-me o peixe!”

Isso é fácil e não vai demorar mais de um minuto.

Deixe descansar em um prato!

Isso é fácil, porque já está nele.

“Traga isso aqui! Deixe-me jantar!”

É fácil pôr tal prato na mesa.

“Pegue a louça!”

Ah, isso é tão difícil que temo ser incapaz!

Pois ele segura como cola...

Segura a tampa do prato, enquanto ele fica no meio:

O que é mais fácil de fazer,

Retirar a tampa do prato ou descobrir o enigma?

— Pondere sobre isso por um minuto e e tente adivinhar — falou a Rainha Vermelha. — Enquanto isso, vamos beber à sua saúde... à saúde da Rainha Alice! — gritou no alto de sua voz, e todos os convidados começaram a beber de imediato, e o fizeram de forma muito esquisita: alguns colocavam os óculos sobre as cabeças como extintores e bebiam tudo o que escorria pelo rosto... outros viravam as garrafas e bebiam o vinho enquanto escorria pelas bordas da mesa... e três deles (que pareciam cangurus) entraram no prato de carne de carneiro e começaram a lamber o molho com avidez, “como porcos no cocho!”, pensou Alice.

— Você deveria agradecer em um discurso primoroso — declarou a Rainha Vermelha, franzindo a testa para Alice ao falar.

— Precisamos apoiá-la, entende? — sussurrou a Rainha Branca, e Alice se levantou para discursar, muito obedientemente, mas um pouco assustada.

— Muito obrigada — ela sussurrou em resposta —, mas posso me sair muito bem sem isso.

— Isso não seria certo — declarou a Rainha Vermelha, decididamente. Então Alice tentou se submeter àquilo com boa vontade.

(“E elas pressionaram!”, contou ela mais tarde, quando narrava a história da festa à irmã. “Dava a impressão de que queriam me apertar!”)

Na verdade, Alice teve grande dificuldade para permanecer em seu lugar enquanto fazia seu discurso. As duas Rainhas a pressionavam tanto, uma de cada lado, que quase a levantaram no ar.

— Levanto-me para agradecer... — E Alice de fato se se levantou enquanto falava, vários centímetros; porém, agarrou a borda da mesa e conseguiu se içar para baixo.

— Cuidado! — bradou a Rainha Branca, agarrando o cabelo de Alice com as duas mãos. — Algo vai acontecer!

E então (como Alice descreveu depois) todo tipo de coisa aconteceu ao mesmo tempo. As velas cresceram até alcançar o teto, parecendo um amontado de juncos com fogos de artifício no topo. Quanto às garrafas, cada uma delas pegou um par de pratos, que rapidamente vestiram como asas, e assim, com garfos no lugar das pernas, flutuavam em todas as direções, “e eram muito parecidas com pássaros”, pensou Alice, na medida do possível em meio à terrível confusão que estava começando.

Nesse momento, ouviu uma risada rouca ao seu lado e se virou para ver o que estava acontecendo com a Rainha Branca. Porém, em vez da Rainha, a perna de carneiro estava sentada na cadeira.

— Aqui estou eu! — exclamou uma voz vinda da terrina de sopa, e Alice virou-se novamente, bem a tempo de ver o rosto generoso e bem-humorado da Rainha sorrindo para ela sobre a borda da terrina, antes de desaparecer na sopa.

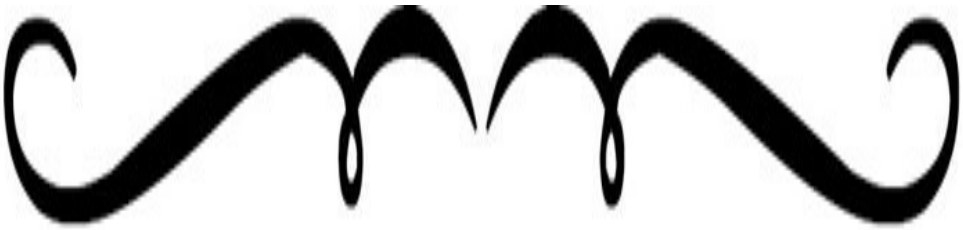
Não havia tempo a perder. Vários convidados já estavam deitados na louça, e a concha de sopa deslizava pela mesa em direção à cadeira de Alice, acenando impacientemente para que ela saísse do caminho.

— Não aguento mais! — gritou ela e pulou para agarrar a toalha da mesa com as duas mãos. Um bom puxão, e pratos, louças, convidados e velas desabaram juntos no chão. — E quanto a você — continuou ela, voltando-se ferozmente para a Rainha Vermelha, que considerava a causa de toda aquela confusão. Mas ela não estava mais ao seu lado: de repente se reduzira ao tamanho de uma bonequinha, e estava em cima da mesa, dando voltas e mais voltas à procura de seu próprio xale, que seguia atrás dela.

Em uma outra ocasião, Alice teria ficado surpresa, mas estava animada demais para que se surpreendesse com qualquer coisa.

— Quanto a você — repetiu, agarrando a pequena criatura antes que pulasse sobre uma garrafa que havia acabado de acender sobre a mesa —, vou

chacoalhá-la até que vire um gatinho, vou mesmo!

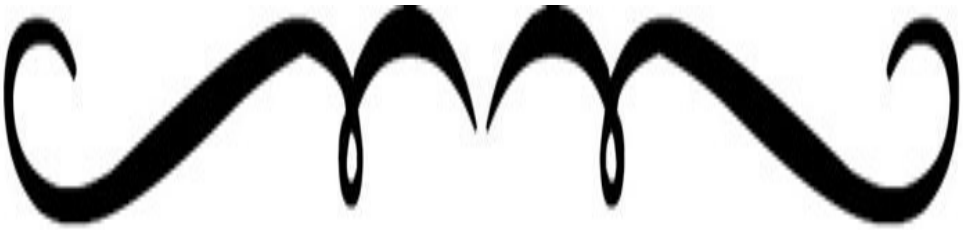


CAPÍTULO X

Chacoalhando

Ela a tirou da mesa enquanto falava e a chacoalhou para trás e para frente com todas as suas forças.

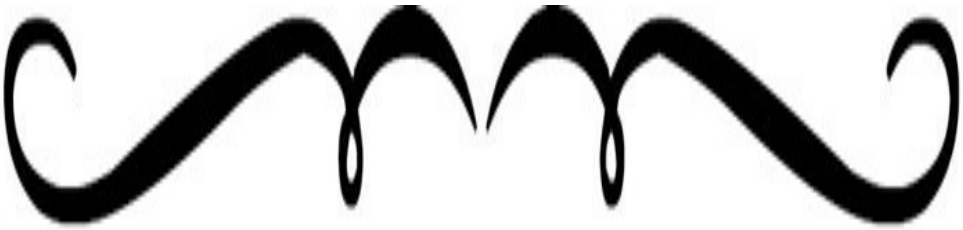
A Rainha Vermelha não ofereceu nenhuma resistência; mas seu rosto começou a ficar muito pequeno e seus olhos ficaram grandes e verdes. E, ainda assim, enquanto Alice a chacoalhava, ficava cada vez menor... e mais gorducha... e mais macia... e mais suave... e mais redonda... e...



CAPÍTULO XI

Acordando

... e era mesmo uma gatinha, no fim das contas.



CAPÍTULO XII

Quem sonhou?

— V ossa Majestade não deveria ronronar tão alto — Alice avisou, esfregando os olhos e dirigindo-se à gatinha respeitosamente, mas com alguma seriedade. — Você me acordou de um sonho tão bom! Oh! E você esteve comigo, Kitty, por todo o mundo do Espelho. Sabia, querida?

É um hábito muito inconveniente dos gatinhos (Alice já fizera esse comentário) que, seja o que for que lhes seja dito, eles sempre ronronam.

— Se apenas ronronassem para dizer que “sim”, e miassem para dizer que “não”, ou qualquer regra do tipo... — disse ela. — Assim seria possível manter uma conversa! Mas como conversar com algo que sempre diz a mesma coisa?

Com isso, a gatinha ronronou, e era impossível adivinhar se significava “sim” ou “não”.

Então Alice caçou entre as peças de xadrez em cima da mesa até encontrar a Rainha Vermelha; depois, ajoelhou-se no tapete da lareira e colocou a gatinha e a rainha para se olharem.

— Agora, Kitty! — implorou, batendo palmas triunfantemente. — Confesse que foi nisso que se transformou!

(“Mas a gata não olhava para a Rainha”, disse ela mais tarde, quando explicava a história toda para a irmã. “Virou a cabeça para o lado contrário, e fez de conta de que não a via; mas pareceu um pouco envergonhada de si mesma, então acho que deve ter sido a Rainha Vermelha.”)

— Sente-se um pouco mais empertigada, querida! — Alice gritou com uma risada alegre. — E faça uma reverência enquanto pensa no que ronronar. Lembre-se, isso economiza tempo! — E ela a alcançou e deu-lhe um beijinho. — Só em homenagem por ter sido uma Rainha Vermelha.

— Floco de Neve, minha queridinha! — continuou, olhando por cima do ombro para a gatinha branca, que ainda estava suportando a limpeza com muita paciência. — Quando Dinah terminará de limpar Vossa Majestade Branca, eu me pergunto? Deve ser por isso que você estava tão desarrumada no meu sonho. Dinah! Sabe que está esfregando uma Rainha Branca? Francamente, é muito desrespeitoso da sua parte!

Continuou a falar:

— E em que Dinah se transformou, eu me pergunto? — Enquanto falava, sentou-se confortavelmente, apoiou um cotovelo no tapete e o queixo na mão, para observar os gatinhos. — Diga-me, Dinah, você se transformou no Humpty Dumpty? Acho que sim. Porém, é melhor que não mencione isso aos seus amigos por enquanto, pois não tenho certeza. A propósito, Kitty, se você realmente esteve comigo no sonho, havia uma coisa de que você teria gostado: recitaram-me tantas poesias, todas sobre peixes! Amanhã de manhã você terá uma verdadeira surpresa. Sempre que você estiver tomando seu café da manhã, repetirei “A Morsa e o Carpinteiro”; e então você pode fazer de conta que são ostras, minha querida!

“Agora, Kitty, vamos pensar sobre quem foi que sonhou tudo. Esta é uma pergunta séria, minha querida, e você não deve continuar lambendo sua pata assim... como se Dinah não a tivesse limpado hoje de manhã! Veja bem, Kitty, deve ter sido eu ou o Rei Vermelho. Ele fazia parte do meu sonho, é claro... mas eu também fazia parte do sonho dele! Foi o Rei Vermelho, Kitty. Você era esposa dele, minha querida, então deveria saber... Oh, Kitty, ajude-me a resolver isso! Tenho certeza de que sua pata pode esperar!”

Mas a gatinha atrevida passou a lamber a outra pata e fez de conta que não ouvira a pergunta.

Quem você acha que sonhou?

Um barco sob um céu ensolarado,

Permanecendo para a frente sonhadoramente

Numa noite de julho...

Três crianças que se aninham perto,

Olhos ansiosos e ouvidos dispostos,

Felizes em ouvir uma história simples...

Logo empalideceu aquele céu ensolarado

Ecos desbotam e memórias morrem.

As geadas do outono mataram julho.

Ainda assim ela me assombra, fantasma,

Alice se movendo sob o céu

Nunca visto pelos olhos acordados.

Crianças ainda, a história de ouvir,

Olhos ansiosos e ouvidos dispostos,

Amorosamente se aninhará perto.

Em um país das maravilhas eles mentem,

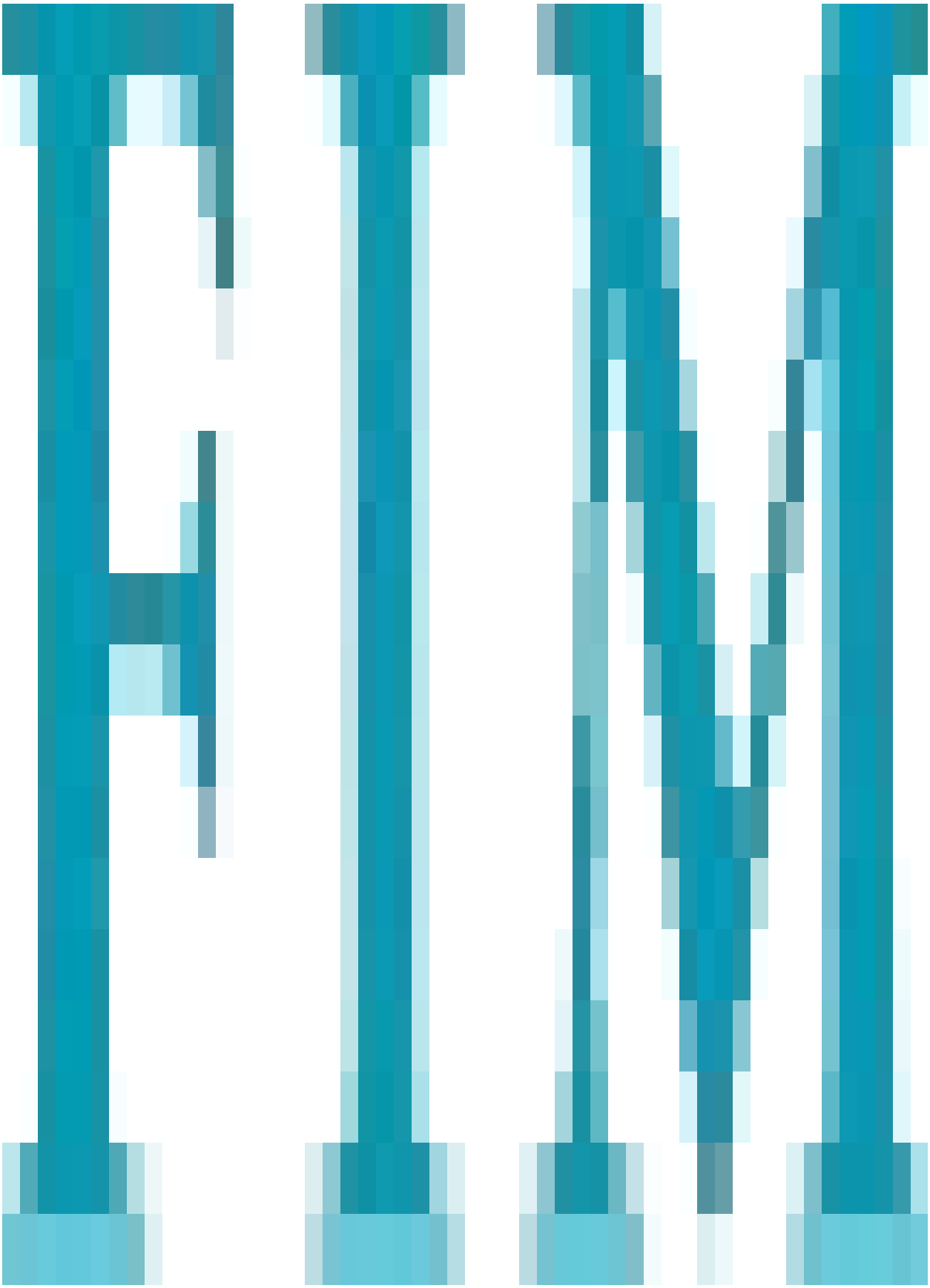
Sonhando com o passar dos dias,

Sonhando enquanto o verão morre

Sempre à deriva no riacho...

Permanecendo no brilho dourado.

Vida, o que é isso senão um sonho?



Curiosidades

Escritor, lógico e matemático britânico, Charles Lutwidge Dodgson se formou na faculdade Christ Church, da Universidade de Oxford. Adotou o pseudônimo Lewis Carroll, como ficou conhecido e é chamado até hoje. Durante o tempo na Universidade, sempre se mostrou bastante interessado e esforçado, tanto que chegou a ganhar uma medalha de honra ao mérito. Devido ao seu desempenho como matemático, ao acabar o seu curso, foi convidado pela universidade para trabalhar lá como professor de matemática.

Desde a infância o escritor gostava de escrever e inventar brincadeiras, divertindo os irmãos com poemas, desenhos e charadas. Tímido e gago, cultivava amizades com crianças e dizia que elas davam mais atenção às suas histórias que as pessoas de sua idade. Era apaixonado por vários tipos de jogos, tanto que inventou um grande número de enigmas, jogos matemáticos e de lógica; gostava de teatro e era frequentador de ópera, e manteve uma amizade por toda a vida com a atriz Ellen Terry.

Alice

Alice Liddell (foto) foi a inspiração de Carroll para criar Alice no País das Maravilhas.

A história de Alice no País das Maravilhas originou-se em 1862, quando Carroll fazia um passeio de barco no rio Tâmisa com sua amiga Alice Pleasance Liddell (com 10 anos na época) e as suas duas irmãs, sendo as três filhas do reitor da Christ Church. Ele começou a contar uma história que deu origem à atual, sobre uma menina chamada Alice que ia parar em um mundo fantástico após cair numa toca de um coelho. A Alice da vida real gostou tanto da história que pediu que Carroll a escrevesse. Ele atendeu ao pedido e em 1864 surpreendeu-a com um manuscrito chamado Alice's Adventures Underground, ou As Aventuras de Alice Embaixo da Terra, em português.

Mais tarde ele decidiu publicar o livro e mudou a versão original, aumentando de 18 mil palavras para 35 mil, acrescentando as cenas do Gato de Cheshire e do Chapeleiro Louco (ou Chapeleiro Maluco). A segunda tiragem esgotou-se nas vendas rapidamente, e a obra se tornou um grande sucesso, tendo sido lida por Oscar Wilde e pela rainha Vitória e tendo sido traduzida para mais de 50 línguas.

Em 1998, a primeira impressão do livro (que fora rejeitada) foi leiloada por 1,5 milhão de dólares americanos.

Enigmas

Ambos os livros infantis de Carroll contêm inúmeros problemas de matemática e lógica ocultos no seu texto. Carroll colocou uma série de probleminhas matemáticos em sua obra, mas eles passam batidos para a maioria dos leitores, já que só fazem sentido em inglês e contêm muitas piadas e trocadilhos da época. Um exemplo é quando Alice encontra com o Grifo no nono capítulo do livro. Ela pergunta por quantas horas ele estuda por dia, ao que ele responde: “Dez horas no primeiro dia, nove no seguinte, e assim por diante”, então ela conclui corretamente: “Nesse caso, no décimo-primeiro dia era feriado?”.

Dilemma

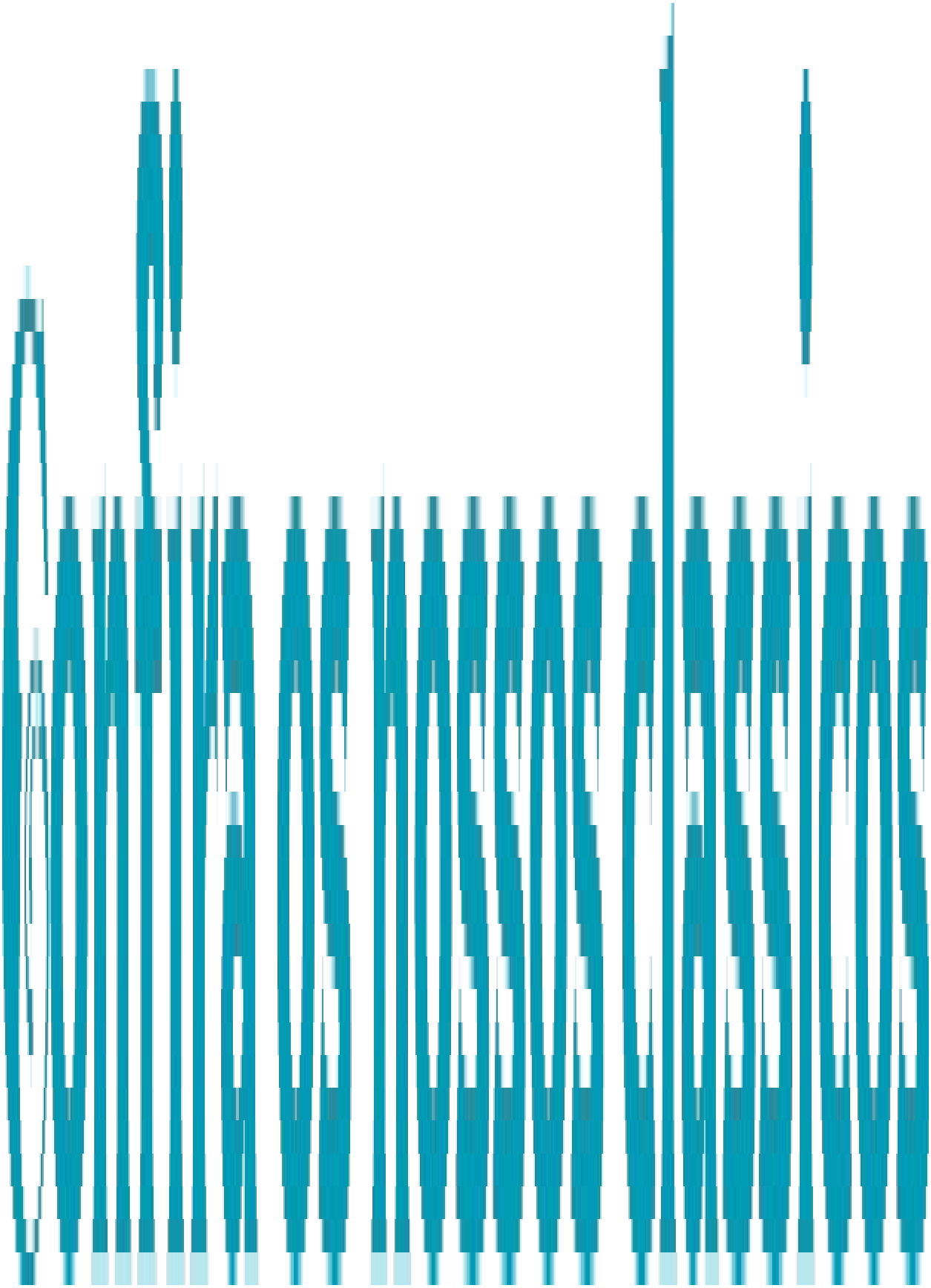
Uma de suas frases mais marcantes era “Gosto de crianças (exceto meninos)”. Quando tinha oportunidade, gostava de desenhar ou fotografar meninas seminuas, com a permissão da mãe. “Se eu tivesse a criança mais linda do mundo para desenhar e fotografar”, escreveu, “e descobrisse nela um ligeiro acanhamento (por mais ligeiro e facilmente superável que fosse) de ser retratada nua, eu sentia ser um dever solene para com Deus abandonar por completo a solicitação”.

Por temor que estas imagens desnudas criassem embaraços para as meninas mais tarde, pediu que após a sua morte fossem destruídas ou devolvidas às crianças ou a seus pais. Quatro ou cinco fotos ainda sobrevivem. Uma delas é possível encontrar no livro “Pleasures Taken - Performances of Sexuality and Loss in Victorian Photographs” da autora Carol Mavor. Na página 12 do livro é possível encontrar a foto da menina Evelyn Hatch, 1878 (fotografada totalmente nua) como também referências ao trabalho fotográfico de Lewis Carroll.

Em outro livro intitulado “Cartas às suas amiguinhas” da editora Sette Letras, o conteúdo das cartas de Lewis Carroll às meninas com quem ele se relacionou é analisado de forma fria e racional e revela uma intimidade fora do comum entre Lewis e as meninas que ele fotografou.

Fabricmento

Faleceu em Guildford em 14 de janeiro de 1898. Encontra-se sepultado no Cemitério de Guildford, na Inglaterra.



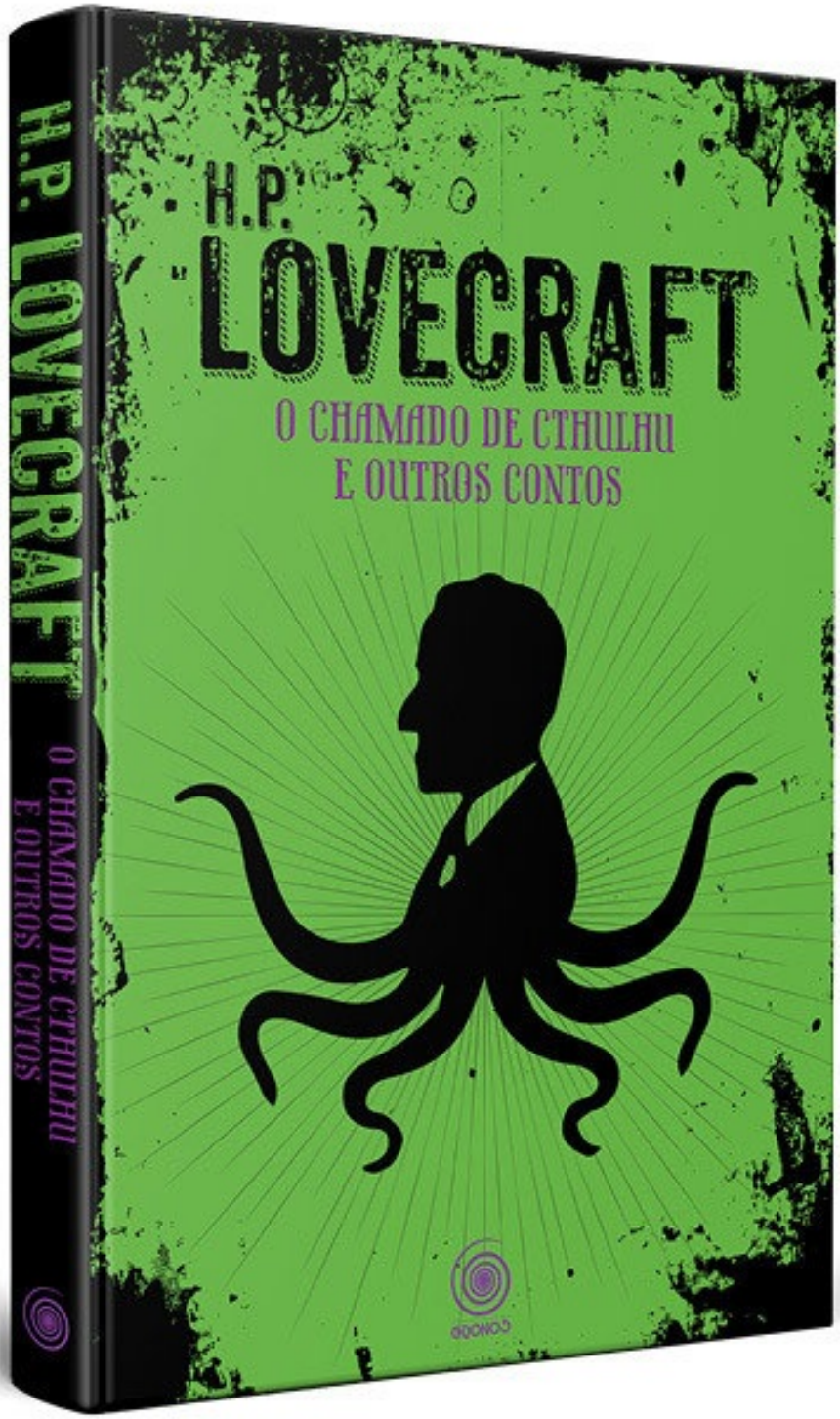
Obras de
EDGAR ALLAN
POE
EDGAR ALLAN
POE
o escaravelho de ouro
EDGAR ALLAN
POE
o corvo e outros contos
EDGAR ALLAN
POE
o gato preto e outras
histórias extraordinárias

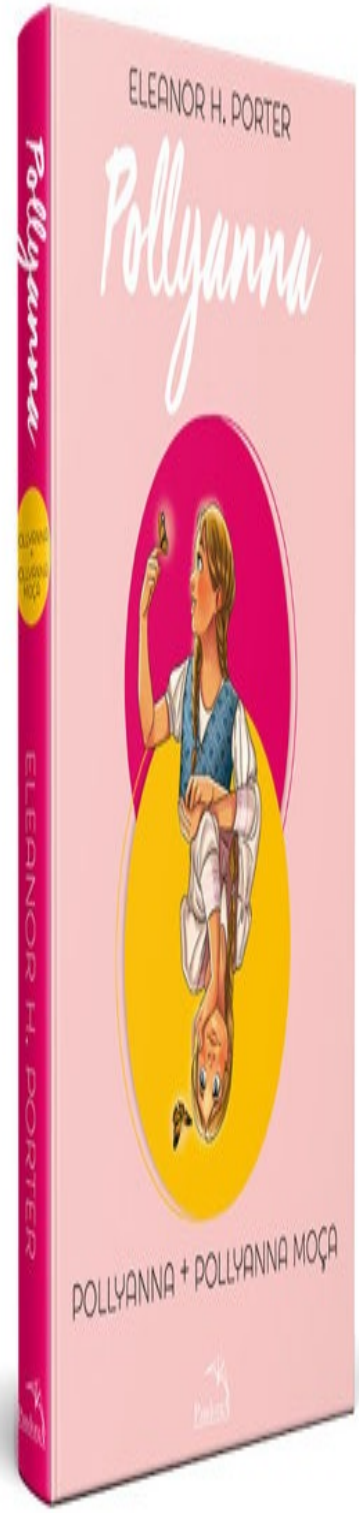
Obras de
EDGAR ALLAN
POE
EDGAR ALLAN
POE
Contos de imaginação e mistério
EDGAR ALLAN
POE
Trilogia Dupin
EDGAR ALLAN
POE
O coração delator e outros contos

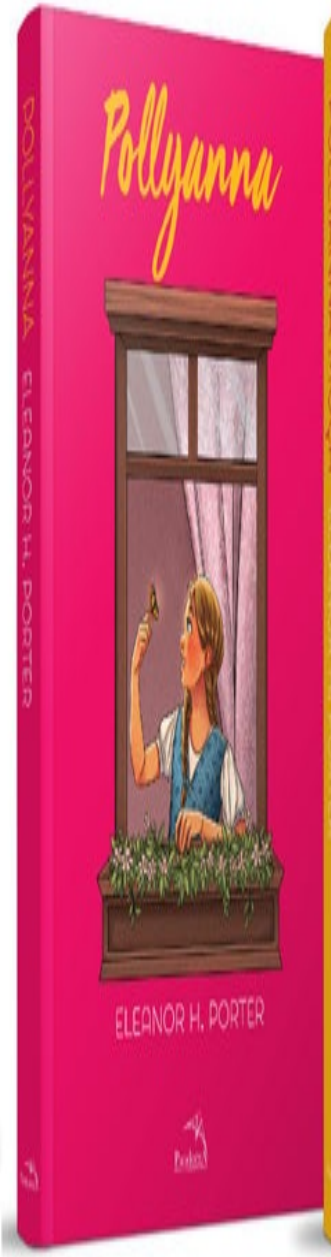
H.P.
LOVECRAFT
OS MELHORES CONTOS
O CHAMADO DE CTHULHU E OUTROS CONTOS
A COR QUE CAIU DO CÉU
SUSSUROS NA ESCURIDÃO

H.P. LOVECRAFT
OS MELHORES CONTOS
2
O CASO DE CHARLES DEXTER WARD
A CHAVE DE PRATA
O NAVIO BRANCO
H.P. LOVECRAFT
O CASO DE CHARLES DEXTER WARD
H.P. LOVECRAFT
A CHAVE DE PRATA
H.P. LOVECRAFT
O NAVIO BRANCO

SHERLOCK HOLMES
UM ESTUDO EM VERMELHO
O SIGNO DOS QUATRO
O CÃO DOS BASKERVILLE


H.P.
LOVECRAFT
O CHAMADO DE CTHULHU
E OUTROS CONTOS
H.P. LOVECRAFT
O CHAMADO DE CTHULHU
E OUTROS CONTOS


ELEANOR H. PORTER
Pollyanna
POLLYANNA + POLLYANNA MOÇA


Pollyanna
ELEANOR H. PORTER

Pollyanna
Moça
ELEANOR H. PORTER

INFORMAÇÕES SOBRE NOSSAS PUBLICAÇÕES

E ÚLTIMOS LANÇAMENTOS

editorapandorga.com.br

/editorapandorga

pandorgaeditora

editorapandorga